



**1ª COLETÂNEA DE TEXTOS
PUBLICADOS NO LUDOPÉDIO
PELO GRUPO DE ESTUDOS
SOBRE FUTEBOL E TORCIDAS**

**ORGANIZADORES
DANILO DA SILVA RAMOS
SILVIO RICARDO DA SILVA
LUANA DE OLIVEIRA GOMES**

GEFUT

(2010-2021)



**1^a COLETÂNEA DE TEXTOS
PUBLICADOS NO SITE
LUDOPÉDIO PELO GRUPO DE
ESTUDOS SOBRE O FUTEBOL E
TORCIDAS – GEFuT**

2010-2021

Copyright © 2022 de GEFUT

Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.

Grupo de Estudos sobre Futebol e
torcidas - GEFuT

Coletânea de textos
publicados no Ludopédio

Organizado por

Danilo da Silva Ramos

Silvio Ricardo da Silva

Luana de Oliveira Gomes

Capa

Rafael Rodrigo dos Santos

1ª Edição

Belo Horizonte, Minas Gerais

2022

1 coletânea de textos publicados no site Ludopédio pelo grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas – GEFuT: 2010-2021. [recurso eletrônico] / organizado por Danilo da Silva Ramos, Silvio Ricardo da Silva, Luana Oliveira Gomes. Belo Horizonte: GEFUT, 2022

1 recurso eletrônico

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-990329-6-7.

1.Futebol. 2. Futebol– Torcedores. 3. Futebol - Aspectos Sociais. I. Ramos, Danilo da Silva. II. Silva, Silvio Ricardo da. III. Gomes, Luana Oliveira.

CDU:796.332

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Valdir José Firmo. CRB6-1923.

Sumário

Introdução.....	6
A migração no futebol: o caso dos clubes itinerantes.....	7
A presença do campo religioso no futebol.....	12
Apontamentos sobre álcool e outras drogas no futebol: um panorama.....	16
Narrativas de torcedoras sobre os seus ídolos do futebol: o caso Diego Tardelli.....	20
A primeira árbitra do futebol feminino.....	25
Hora de voltar.....	27
“Causei dano onde mais dói” – A luta antirracista em 2021..	29
Ruud Gullit – Notas sobre genialidade e militância.....	33
O futebol amador como possibilidade de lazer e ativismo social	39
Turismo em estádios de futebol: as experiências das visitas por meio dos tours.....	44
Futebol se aprende na escola?.....	48
Sobre o que pensam as mulheres? Notas sobre futebol, mulheres e pesquisa.....	52
Estádio sem partido? A política da vida “neutra” nas arquibancadas.....	56
A quebra da tradição: a invencibilidade de um eterno perdedor	60
Entre a razão e a paixão: o futebol como meio de reflexão sobre posicionamentos conflitantes de uma sociedade exaltada.....	69
Para além da violência física contra as mulheres no futebol	74
Bet(Unfair): futebol e apostas no Brasil.....	78
Reflexões sobre o futebol como objeto de pesquisa: a utilização do termo “cultura” e a problematização do óbvio.....	81
Essas ações adiantam alguma coisa? Uma análise sobre as ações do Clube de Regatas Vasco da Gama no dia Internacional do Orgulho LGBTI.....	85
Óbvio Ululante: Futebol e Divulgação Científica no Rádio...	89
Entre grandes premiações e supersalários: como vieram e para onde vão os grandes fluxos de dinheiro no futebol?.....	91
Sobre os autores.....	96

Introdução

O Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG tem, desde setembro de 2006, se debruçado sobre temas correlatos ao futebol e as torcidas, objetiva contribuir com a produção do conhecimento sobre futebol e o torcer, entendendo que essa produção é de fundamental importância na elaboração de políticas públicas para o campo do esporte e do lazer. O grupo é composto por professores, estudantes de graduação e pós-graduação, graduados, mestres e doutores, que para além de suas competências individuais têm em comum a paixão pelo futebol, sendo do nosso entendimento a urgência da interferência do campo acadêmico na elaboração e nos ajustes dessas referidas políticas.

A Equipe Ludopédio é apaixonada pela divulgação científica, pela possibilidade de compartilhar conhecimento e conectar as pessoas. Seu objetivo é criar uma rede de informações, de pesquisadores e de interessados no tema futebol tendo como foco o diálogo entre o futebol e as Ciências Humanas. A ideia de constituir esse espaço surgiu da necessidade e ausência de um centro para reunir informações, textos e pesquisas sobre futebol, que atualmente encontram-se dispersas.

Dessa parceria entre acadêmicos e divulgadores, unidos pelo futebol, surge essa coletânea de textos. Através da obra, podemos nos discutir e refletir acerca das estruturas que sedimentam o futebol da forma como consumimos atualmente, bem como relembrar momentos marcantes de uma história de longa data: o brasileiro e o amor pelo futebol.

Luana de Oliveira Gomes

Silvio Ricardo da Silva

Danilo da Silva Ramos

A migração no futebol: o caso dos clubes itinerantes

Alexandre Francisco Alves

O torcer por um clube de futebol não se reduz apenas à escala local. No Brasil, é muito comum encontrarmos torcedores espalhados por todo país, embora seus clubes estejam situados a milhares de quilômetros de distância de seu local de moradia e, mesmo existindo um clube mais próximo, sua paixão encontra-se centrada em seu clube de coração.

No âmbito local, uma considerável parcela dos clubes de menor expressão, sobretudo do interior de Minas Gerais, sobrevivem com dificuldades financeiras. Alguns se amparam no poder público local para sustentar sua estrutura e participar dos campeonatos regionais e de divisões inferiores. Assim, em contraposição aos clubes mais estruturados, que extrapolam as barreiras geográficas, e que conseguem expor sua marca de maneira global, alguns clubes de futebol estabeleceram o que pode-se chamar de um processo de migração.

A relação que os torcedores estabelecem com os clubes que migram de uma cidade para outra, contrapondo-se a tradição dos clubes de terem uma sede ou um vínculo firmado, abre a perspectiva de investigar os novos interesses e as novas razões de existência desses clubes no futebol mineiro, especificamente, no interior do Estado. Nesse meio bastante peculiar, o cenário esportivo sofreu algumas transformações que fizeram o chamado “mundo da bola” repensar sobre a forma de atuação de alguns clubes e dirigentes.

A proposta desse texto é discutir o fenômeno da migração e mudança de identidade dos clubes de futebol no interior de Minas Gerais e seus desdobramentos para o mundo do torcer. Um exemplo dessa dinâmica é o caso do Fabriciano Futebol Clube, fundado em 28 de junho de 2008. Em março de 2010, o clube transfere sua sede para a cidade de Nova Serrana e passa a se chamar Nacional Esporte Clube. Em janeiro de 2013, o clube transfere-se para a cidade de Patos de Minas, mantém o nome e passa a dividir o cenário esportivo com mais duas equipes existentes na cidade, o Esporte Clube Mamoré, fundado em 1949 e a URT (União Recreativa dos Trabalhadores), em 1939.

Contudo, apesar de firmar parcerias com outros clubes da própria cidade, para disputa de competições nas categorias de base, em 2014 o clube migra para a cidade de Muriaé, firmando parceria com o Nacional Atlético Clube passando a se chamar Nacional de Muriaé.

Esse fato não pode ser considerado novidade no meio do futebol apesar de gerar certa estranheza em relação a outros esportes. No cenário nacional, o caso mais conhecido é o do Grêmio Recreativo Barueri, fundado em 1989 em Barueri-SP, alterou seu nome para Grêmio Prudente Futebol Ltda. e se transferiu para Presidente Prudente - SP, em 2010. Em 2012, retornou para sua cidade de origem passando a chamar

Grêmio Barueri Futebol Ltda. após ser comprado por um grupo de empresários.

Em Minas Gerais outros casos podem ser destacados acontecidos em um intervalo de quatro anos, entre 2011 e 2014. Em 09 de junho de 2011, a equipe do Ituiutaba Esporte Clube mudou de nome e de cidade, autorizada nessa data pela Federação Mineira de Futebol (FMF) e pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Passou a se chamar Boa Esporte Clube e se mudou para a cidade de Varginha.

Outro exemplo é o Ipatinga Futebol Clube, fundado na cidade do Vale do Aço no ano de 1998. Em 2013, após a aprovação da Federação mineira de Futebol (FMF) e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o clube transfere-se para a cidade de Betim e altera seu nome para Betim Esporte Clube.

Ainda em 2013, após mudança na presidência do clube, seu novo presidente anuncia sua volta para a cidade de Ipatinga. Em 2014, tendo já retornado à cidade natal, o clube participa do módulo II do campeonato mineiro de futebol com o nome ainda de Betim E.C., em virtude do registro na Federação Mineira de Futebol e na Confederação Brasileira de Futebol não ter sido alterado.

Em relação ao cenário esportivo nas cidades de Betim e Ipatinga, a migração dos clubes parece ter aberto novas possibilidades. Em Ipatinga, um novo clube foi fundado em 2012, o Novo Esporte Ipatinga, sob o desígnio de um clube-empresa. O time disputou a Segunda Divisão do Campeonato Mineiro até 2015 e se licenciou da FMF (Federação Mineira de Futebol) em 2016, por não possuir condições financeiras para permanecer na disputa das competições e atualmente cogita ser vendido para um investidor.¹

O Ipatinga Futebol Clube, após seu retorno para a cidade do Vale do Aço, apresentou campanhas irregulares sempre permanecendo nas divisões inferiores do futebol mineiro (Módulo II e segunda divisão) e em 2022, após quase desistir da participação do Campeonato Mineiro Módulo II em razão de problemas financeiros, anunciou sua venda para um grupo de investidores e deve se tornar mais um caso de SAF (Sociedade Anônima do Futebol) no Brasil.²

Na cidade de Betim, com a lacuna deixada pela efêmera passagem do Ipatinga FC, foi criado o Futebol Clube Betinense, em 2014. O clube disputou as divisões inferiores do futebol mineiro até 2017. Em 2018, alegando falta de apoio do Município de Betim, o clube se transfere para a cidade de Nova Serrana atraído pelo apoio da Prefeitura

¹ Disponível em: <https://www.diariodoaco.com.br/noticia/0094095-novo-esporte-pode-ser-adquirido-por-investidor>. Acesso em: 21/05/2022

² Disponível em:

https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2022/04/22/noticia_interior,3968094/perto-de-fechar-as-portas-ipatinga-celebra-acordo-para-pre-venda-da-saf.shtml. Acesso em 24/05/2022 e

<https://cointelegraph.com.br/news/usdsports-wants-to-buy-a-football-team-in-minas-and-turn-it-into-a-dao-based-on-ethereum>. Acesso em 21/05/2022

local e altera sua designação para Clube Atlético Serranense.³ Atualmente a cidade de Betim é representada por time criado em 2019, o Betim Futebol, que já desenvolvia trabalho de futebol de base na cidade e desde 2020 disputa o campeonato mineiro Módulo II.⁴

Essa mudança de sede e de identidade entre clubes é mais comum em outros esportes, ocorrendo com mais frequência em outros países como é o caso dos Estados Unidos. Lá, as equipes se constituem em franquias esportivas e a permanência ou a transferência para outras localidades é feita com motivação econômica e apoiada em estudos de mercado. A indústria do entretenimento esportivo cresceu a tal ponto que o essencial, tanto para atletas como dirigentes, passou a ser o fator econômico. O caso mais recente e emblemático de migração de franquias é o do time de basquetebol Golden State Warriors, a segunda maior franquia de basquetebol dos Estados Unidos, que transferiu sua sede da cidade de Oakland, considerada uma cidade de maioria de pobre e com os maiores índices de violência dos EUA, para uma região considerada mais nobre e rica, a baía de São Francisco.⁵

No Brasil, ainda há algumas diferenças em relação ao processo de sobrevivência e mercantilização do futebol. Os clubes de futebol de maior torcida e considerados de grande projeção nacional se estabeleceram no final do século XIX e início do século XX construindo, além de estrutura física (sede sociais, estádios, centros de treinamento) que possibilitou um enraizamento nos seus locais de origem, bem como uma relação emocional muito forte com seus torcedores.

No contexto em que existe possibilidade de clubes se tornarem empresas ao adotarem uma visão moderna e profissional do futebol, os torcedores tendem a assumir de vez o papel de consumidores, tornando o esporte como espetáculo e produto da massa, cada vez mais ansiosa por consumir esses produtos. Essa lógica do capital, aliada a estrutura e perspicácia da televisão, transformou o esporte bretão em uma mercadoria altamente vendável e rentável tanto para os clubes quanto para patrocinadores e as próprias emissoras de televisão.⁶

³ Disponível em:

<https://www.novaserrana.mg.gov.br/portal/noticias/0/3/2075/Clube-Atlético-Serranense-é-apresentado-em-Nova-Serrana>. Acesso em: 21/05/2022

⁴ Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/esportes/betim-futebol-conheca-o-novo-time-profissional-de-minas-gerais-1.712553> Acesso em: 21/05/2022

⁵ Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/681917_pobre-e-violenta-conheca-a-cidade-que-vai-perder-time-da-nba-e-da-nfl Acesso em: 21/05/2022

⁶ Atualmente, a legislação prevê a transformação dos clubes em SAF regulamentado pela Lei 14.193, de 6 de agosto de 2021, que trata em sua maior parte sobre a Sociedade Anônima do Futebol. A SAF pode ser constituída pela transformação do clube de associação civil em SAF; pela cisão do departamento de futebol (haverá a transferência do patrimônio relacionado à atividade futebol para a SAF); pela iniciativa de alguém ou fundo de investimento; e pela transferência de ativo do clube para integralização do capital social da SAF. Somente nessa última haverá a manutenção da participação do clube na SAF. Neste caso, a administração do clube prosseguirá como antes, com a manutenção de atividades sociais, quando houver. Não há que se falar em massa falida ou extinção do clube. O Clube continuará a possuir receitas de seus associados, contratos e da SAF, quando for o caso. As regras de administração continuarão a

Assim, o processo de globalização que envolve o futebol influenciou uma reorganização das instituições esportivas e dos espaços dos estádios no contexto local e global, provocadas pela transformação da cultura futebolística em mercadoria, o que gera uma busca pela desterritorialização, a internacionalização da marca e a busca por novos mercados de torcedores.

Contudo, ainda há resistências a esse modelo hegemônico de se pensar o futebol e que tomou conta de outros esportes a partir de sua apropriação pelo mercado do entretenimento. Para o pesquisador da UFRGS, Arlei Damo, é uma obviedade afirmar que existe uma diversidade de formas de se vivenciar o futebol no Brasil. Arlei Damo ainda propõe a divisão do futebol em quatro matrizes principais: espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar. Na espetacularizada o futebol é contíguo aos espetáculos artísticos e caracteriza-se por fatores como organização centrada e monopolista (FIFA e afiliadas), divisão social do trabalho dentro e fora de campo, a excelência performática em que existe todo o trabalho de preparação e treinamento no qual encontram-se envolvidos os profissionais propriamente ditos.

Nas demais classificações do futebol a partir das matrizes futebolísticas, as variações do futebol podem ser vivenciadas a partir da unidade futebolística. Assim, é essa diversidade que permite ao futebol a manutenção de identidades específicas ao esporte e que revelam ainda muitas intersecções.

Levantar as possibilidades de estudo que emergem a partir do fenômeno da migração dos clubes de futebol para outras cidades permite repensar a lógica do futebol enquanto esporte mais popular do país e suas representações.

Na busca da sobrevivência parte-se do pressuposto que as equipes de futebol almejam uma estrutura física e econômica que garantam sua manutenção. Contudo, por menor que seja um clube de futebol, esse não consegue subsistir com estabilidade, sem sua torcida. Dessa forma, o futebol, como qualquer outro negócio, se tomarmos como orientação o mercado do entretenimento, busca ultrapassar as barreiras econômicas locais e se estabelecer de maneira global.

Referências Bibliográficas

BRASIL. *Lei n. 14193. De 06 de agosto de 2021. Institui a Sociedade Anônima do Futebol e dispõe sobre normas de constituição, governança, controle e transparência, meios de financiamento da atividade futebolística, tratamento dos passivos das entidades de práticas desportivas e regime tributário específico; e altera as Leis n.ºs 9.615, de 24 de março de 1998, e 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código*

estar previstas no estatuto. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14193.htm. Acesso em: 21/05/2022

Civil). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14193.htm. Acesso em: 21/05/2022

DAMO, Arlei Sander. *Do dom a profissão*. Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005, 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

A presença do campo religioso no futebol

Amarildo da Silva Araújo

Há uma fala popular que afirma: “futebol, política e religião são três coisas que não se discutem”. Entretanto, esse assunto é bastante discutido pelos meios de comunicação e na cultura popular. Esta frase dada sobre o olhar do senso comum contribui para que muitas pessoas evitem conversar sobre esses temas, pois são assuntos que geram polêmicas, por ideologias, interesse, crenças, paixão e escolhas. Sabendo que cada um destes tópicos é altamente complexo e pode ser visto de forma autônoma, nos parece que existe uma forte relação entre futebol e política, política e religião, futebol e religião e por fim os elementos dessa tríade relacionados.

Ciente da proximidade do futebol com a política e vice e versa, retiro desse momento as reflexões sobre esses dois pontos, uma vez que eles requerem uma extensa análise que envolve clubes, torcidas, públicos, personalidades, patrocínios, federações, políticos e governos, além de contextos, interesses, escolhas, poder e dinheiro. Portanto, o foco desta escrita é trazer alguns elementos que podem contribuir para pensar sobre a relação entre futebol e religião, ou melhor futebol e religiosidade(s), uma vez que no Brasil há uma efervescência de religiões e um sincretismo religioso⁷

Esclareço que utilizarei a ideia de religiosidade(s) e não a de religião⁸ no seu sentido stritus, ou seja, como uma instituição hierarquizada que possui materialidade e apresenta uma orientação de princípios teológicos⁹. As manifestações de religiosidades podem ocorrer de diferentes maneiras como: chamar a camisa do clube do coração e/ou a bandeira de manto sagado; por meio de um amuleto; um crucifixo; um terço; uma fala; um fechar dos olhos; um olhar em direção ao céu; uma imagem; um gesto ou qualquer ação, ou crença que possa estar voltada para algo transcendental ou que ultrapasse uma referência do mundo físico ou material.

A expressão manifestações das religiosidades, que aqui podem ser entendidas com práticas religiosas, pode ser observada em diferentes locais nos estádios e nos campos de futebol, bem como nos jogadores, torcedores (torcida, coletivos, grupos), comissão técnica, dirigentes, árbitros, radialistas e outros atores que fazem parte do meio do futebol profissional e do amador.

Certamente a frase os estádios são templos sagrados do futebol expressa um forte vínculo entre esse esporte e o campo religioso. Vários estádios possuem uma pequena capela, um altar ou mesmo um local com uma imagem que se destina ao sagrado. Em muitos campos o

⁷ <https://www.estudopratico.com.br/sincretismo-religioso/>

⁸ <https://www.significados.com.br/religiao/>

⁹ <http://doutorhermeneutica.blogspot.com/2008/12/principios-teologicos.html>

espaço destinado ao sagrado é montado de modo improvisado por integrantes de uma agremiação momentos antes da partida, por exemplo, colocar uma imagem protetora e realizadora da fé em uma cadeira na sombra debaixo de uma árvore para buscar no universo transcendente o resultado almejado. Portanto, simbolicamente o altar poderia ser representando pela cadeira e a árvore a um templo, em um local temporariamente sagrado.

Observa-se que a prática religiosa é realizada nos vestiários. O ato de rezar ocorre nesses espaços onde tradicionalmente são feitas as preleções (motivação dos jogadores para a partida de futebol). É tradição do grupo formado pela comissão técnica e jogadores se abraçarem em círculo ou dar as mãos e fazer uma corrente positiva com uma oração. A força psicológica e religiosa desse ritual de abraçar e rezar, tem sido realizada por alguns clubes também no centro do gramado ao final das partidas. Nesse caso, a religiosidade se manifesta reproduzindo uma prática semelhante as igrejas e aos cultos.

As manifestações de religiosidade podem ser constatadas em muitos momentos em uma partida de futebol. A entrada e saída de muitos jogadores de campo fazendo o sinal da cruz, entrar no gramado pisando primeiro com o pé direito, erguer a bola com as duas mãos para colocar na marca do pênalti, é comum o ritual dos goleiros que ao chegar debaixo do travessão ergue os dois braços, em seguida vai até uma das traves e reza, repete a mesma ação na outra, parecendo estar pedindo proteção aos céus, além das diferentes superstições que cada jogador pode manifestar.

A frase de conhecimento público “gol, o grande momento do futebol” revela “o instante mágico de uma partida” onde além do diferencial desse acontecimento por si só em uma partida, habitualmente é acompanhado por diferentes mostras de religiosidades pelos seus autores. O gol é um momento tão sublime que não é por acaso que se criou a expressão “o gol salvador” que pode mudar a história de um jogador ou de um clube. Após o gol, não são poucas as manifestações de religiosidades nas comemorações que reverenciam e agradecem a Deus, ao santo devoto, a Nossa Senhora e/ou a Jesus Cristo. Beijar e mostrar tatuagens de santos, ajoelhar, fazer o sinal da cruz, levantar os braços, olhar para o céu e dizer palavras de agradecimento ao Senhor é uma forma comum de comemoração. Vale ressaltar, que essas manifestações ocorrem tanto no futebol profissional, quanto no amador.

No que diz respeito as torcidas nos estádios, parece ser possível identificar de modo simplificado a correlação: como nas igrejas, os torcedores cantam hinos de louvor nos estádios aos seus clubes e cultuam seus ídolos, parecendo Deuses em templos sagrados. Guardadas as devidas proporções essa ideia pode ser estendida também para os campos de várzea. Ainda nos estádios, existem momentos durante a partida que a fé e a esperança passam a ser coletivas, por exemplo: em uma disputa de pênalti ou numa consulta do árbitro o WAR. Nestes dois casos toda a esperança e crença é depositada no resultado positivo para uma torcida, que automaticamente implica em negativo para outra.

Tradicionalmente os jogos são assistidos nos estádios e também transmitidos pela rádio e muitas vezes ao vivo pela TV. Em qualquer uma dessas três modalidades o torcedor tem como expressar a sua religiosidade de diversas maneiras: cruzando os dedos (fazendo figa) quando a equipe adversária ataca, ficando de joelhos durante algum lance que requer uma forte demonstração de sacrifício da sua fé, posicionar as mãos unidas na altura do rosto, colocar uma determinada camisa, estar com amuleto, não usar uma cor que remeta ao adversário, ter uma imagem santificada protetora consigo ou próxima de si, reprovar o uso de determinado uniforme por crença, orar e/ou agradecer a alguma divindade antes ou depois da partida e além de muitos outros modos de manifestar a sua religiosidade, são alguns poucos exemplos de como os torcedores mostram que o campo religioso é pujante fora dos estádios e de como a religião está presente no torcer dentro e fora das estruturas arquitetônicas.

Um dos elementos marcantes da cultura baiana são as suas práticas religiosas. A Bahia é um Estado conhecido pela forte presença das religiões de matrizes africanas. Não é por acaso que dizem “se macumba ganhasse jogo, o campeonato baiano terminaria empatado”. Essa frase demonstra a força que o campo religioso exerce sobre o futebol baiano, e nesse caso ele é tão representativo que indica um equilíbrio de forças sobrenaturais entre os clubes, sugerindo ainda que quando se trata de religião não há clube favorito e nem vencedor. Isso mais uma vez demonstra que a religião está imbricada no futebol.

Os árbitros também levam as suas práticas religiosas para os gramados. Recorrentemente xingados são alvo de uma carga negativa emanada pelos torcedores. Muitos destes atores ao entrarem em campo fazem o sinal da cruz, possivelmente pedindo proteção para que possam realizar uma arbitragem que consiga conduzir satisfatoriamente a partida, sem que as suas decisões possam interferir no resultado da mesma. Após o apito final repetem esse gesto religioso como indicativo de agradecimento a alguma divindade e ao cumprimento da sua missão.

Outro personagem que compõe o espetáculo futebolístico é o narrador esportivo. Quando esse profissional, principalmente do rádio, durante a transmissão utiliza termos religiosos na sua narração, ele está dando ênfase a determinados acontecimentos importantes da partida, e isso mexe com o sentimento do torcedor ao estimular a emoção, a paixão e a fé, fortalecendo os vínculos entre o fato real (o jogo) e o que transcendental. Assim de modo rápido e direto, o locutor que utiliza termos e expressões religiosas estimula e transmite mais crença durante as partidas e intensifica os laços entre religião e futebol.

Muitos são os fatos existentes que revelam as manifestações das religiosidades no futebol. O misticismo e a superstição estão presentes nos campos de modo intenso, ressignificando esses espaços como lugares sagrados, que consagra e glorifica, mas que também pode demonizar e levar ao fracasso e destruir a trajetória dos seus atores. Portanto, afirmando a relação entre futebol e as manifestações religiosas, é possível pensar que há sempre uma disputa presente traçada entre o

meu clube e o adversário, sendo a agremiação que eu torço o Deus e a outra o Diabo.

Apontamentos sobre álcool e outras drogas no futebol: um panorama

Amarildo da Silva Araújo

Pretendo elencar algumas considerações a respeito da relação entre o futebol e o uso de álcool e outras drogas. Em uma perspectiva mais ampla esta relação pode estar presente em diversos lugares e ser vista com diferentes olhares; por exemplo, no futebol amador, no torcedor comum, nas torcidas organizadas, nos grupos de pelada, nos estádios, nos jogadores profissionais, dentre outros.

A droga para a Organização Mundial de Saúde¹⁰ é qualquer substância não produzida pelo organismo que pode atuar sobre o sistema nervoso central, provocando alterações no seu funcionamento. A construção do conceito sobre esse objeto varia de acordo com a perspectiva de cada área do conhecimento. Nestes apontamentos serão utilizados os parâmetros das áreas médica e jurídica, classificando as drogas em legais (tabaco e bebidas alcoólicas) e ilegais (entorpecentes/narcóticos)

É de conhecimento público que o futebol amador e outras formas recreativas/lazer deste jogo/brincadeira envolve um número superior de praticantes em relação ao profissional. Quem já esteve presente no futebol de várzea, nos campos de terras de bairros, nas peladas nos clubes sociais/esportivos, nas quadras de aluguel de piso sintético, cimento ou areia, teve a oportunidade de perceber a proximidade entre o futebol amador/recreativo e as bebidas alcoólicas, sobretudo após as partidas, em que os jogadores e o público consomem bebidas alcoólicas, fazendo a tradicional “hora da resenha” como se fosse uma celebração dos jogos.

Ainda no contexto do futebol amador/recreativo ocorre o uso indiscriminado do tabaco. Geralmente, esses espaços não possuem avisos que indicam a proibição de fumar. No que diz respeito aos jogadores fumantes, eles estão sujeitos a pequenas repreensões ou nenhuma, é comum fumar de acordo com o seu hábito, que muitas vezes pode ocorrer antes, nos intervalos ou depois do término das partidas.

Nessa prática não profissional, drogas ilegais como a maconha e a cocaína são consumidas dependendo do contexto, ora jogadores, torcedores e assistentes fazem uso explícito, ora o consumo é velado. Uma hipótese para esse fato, pode ser devido aos mecanismos de controle e fiscalização serem limitados ou inexistentes em determinados locais onde se pratica esse futebol. Sendo assim, parece haver um convívio conveniente entre esse futebol e o uso recreativo de drogas.

No âmbito profissional a combinação futebol e drogas sofre uma intensa reprovação, mas nem sempre foi assim. O cigarro, por exemplo,

¹⁰ http://www.fai.com.br/portal/pibid/adm/atividades_anexo/74df176f30bca479a211a121bfbc6a40.pdf

foi um símbolo de elegância, status e concedia ao fumante o aspecto de ser um sujeito moderno. No passado, jogadores consagrados como Didi e Ademir da Guia eram fumantes que exibiam publicamente o vício com notoriedade.

Gérson, 11 integrante da Seleção Tricampeã de 1970 e hoje comentarista esportivo, é certamente o caso mais emblemático sobre o tabagismo no futebol brasileiro. Em 1976 após encerrar carreira, ele foi contratado por uma agência de publicidade como garoto-propaganda devido ao seu declarado apreço pelo fumo, chegando a fumar antes, no intervalo e após as partidas. A extinta marca de cigarro Vila Rica, após o uso da imagem do jogador, teve um crescimento nas vendas que foi um sucesso, mas a sua atuação ficaria marcada pela polêmica frase: “Gosto de levar vantagem em tudo, certo? Leve vantagem você também, leve Vila Rica!” Essas palavras foram atreladas de modo pejorativo ao discurso do famoso “jeitinho brasileiro”, que ficou conhecida como a “Lei de Gérson”. Hoje não passa de retórica, pois ele sempre foi conhecido por ter uma reputação íntegra, porém ele reconhece que “pegou mal” para a sua imagem na época. Essa Lei, que em sua origem não é fruto das palavras do ex-jogador, mas de péssima marca que está presente em nossa sociedade, tem sido rechaçada e combatida cada vez mais em nosso país.

Apesar dos malefícios físicos causados pelo tabagismo e toda orientação sobre os riscos no esporte e na vida social, ainda temos jogadores em atividade com esse hábito. O que se pode afirmar é um cerco e a recusa aos atletas fumantes, tornando cada vez maior o enfrentamento médico e social a esse vício. Portanto, é cada vez mais evidente que não há mais espaço para o tabagismo na vida dos jogadores profissionais, gerando um desgaste para a sua imagem, que pode ser até mais negativo que o consumo do álcool.

No que se refere ao consumo de bebidas alcoólicas, é possível levantar um rol extenso de ex-jogadores que morreram 12 em decorrência de complicações agravadas pelo álcool. Entre eles: Garrincha (49) Botafogo; Jorge Mendonça (51) Palmeiras; Marinho Chagas (62) Botafogo e São Paulo e; Sócrates (57) Corinthians foram alguns nomes com passagem pela Seleção Brasileira.

Ex-jogadores com carreira no Brasil e no exterior como: Cicinho Atlético-MG, São Paulo, Real Madrid e Roma e; Adriano O Imperador Flamengo, Parma e Internazionale, entre muitos outros, apresentaram problemas com alcoolismo e tiveram suas carreiras abreviadas. Porém, há casos de superação. Jô, atualmente no Corinthians, 13 afastou-se das

¹¹ <https://eduardocabette.jusbrasil.com.br/artigos/121938034/a-hipocrisia-e-o-estigma-da-lei-de-geron-archimedesmarques> ou <https://www.youtube.com/watch?v=FMGG-EQuGw4>

¹² <https://www.alcoolismo.com.br/alcoolismo-e-futebol-veja-7-jogadores-que-ja-enfrentaram-essa-doenca/>

¹³ <http://ge.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/2016/10/ex-parceiro-de-r10-nas-baladas-jo-se-converte-e-revela-drama-com-alcool.html>

bebidas e diz que “está limpo”, apegou-se a religião para mudar a vida incompatível com o alto rendimento.

Em se tratando de drogas ilegais,¹⁴ elas também marcaram a carreira de muitos jogadores. Exemplos não faltam como o de Casagrande que passou por internação e sofreu por anos com a dependência química, Dinei flagrado no exame antidoping (cocaína) quando atuava no Curitiba, Jobson apresentou diversos envolvimento com álcool, cocaína e crack, Jardel do Grêmio usou de cocaína.

Outras drogas ilegais que não são classificadas como entorpecentes, sendo fármacos de prescrição médica¹⁵ para as pessoas comuns, são consideradas doping para os jogadores profissionais. Alguns jogadores tiveram problemas na sua carreira; como: Romário que em 2007 foi suspenso por 120 dias, substância finasterida, encontrada nos remédios para calvície. O atacante reconheceu o uso do remédio e teve a pena anulada; Dodô em 2007, a substância femproporex, uma anfetamina presente em remédios utilizados para emagrecimento; Walter pego com sibutramina, substância comum em remédios para emagrecimento e; Carlos Alberto que atuava no Vasco em 2013, acusou substâncias que não trazem benefícios no esporte (hidroclorotiazida e carboxi-tamoxifeno), porém podem mascarar outras substâncias ilegais, ficou um ano sem jogar.

O astro argentino Diego Maradona¹⁶ era tipicamente um dependente “cruzado”, foi usuário de charuto, maconha, álcool, cocaína e outras drogas. No Napoli em 1991, Maradona testou positivo para cocaína e na Copa do Mundo de 1994 foi flagrado com a substância efedrina (usada para queima de gordura e melhoria da capacidade respiratória) e mais quatro fármacos. Provavelmente foi o caso de maior repercussão de doping no esporte. Faleceu em 2020 com diversas complicações advindas das drogas.

Quanto aos torcedores tabagistas, eles estão presentes e ativos nas dependências dos estádios. É notório, principalmente nos jogos de maior público o odor da fumaça de cigarro. Mesmo com a proibição do mesmo, ainda há torcedores que não respeitam essa determinação e fumam durante as partidas. Sobre a maconha, é comum ouvir frequentadores dos jogos comentarem sobre o seu uso de modo “supostamente” velado nas dependências dos estádios, além da presença do cheiro característico da cannabis ser algo próximo ao habitual nos jogos.

No Estado de Minas Gerais, uma das atribuições da Comissão de Monitoramento da Violência em Eventos Esportivos e Culturais –

¹⁴ <https://esporte.ig.com.br/futebol/2021-05-07/ex-sao-paulo-casagrande-dinei-relembre-jogadores-que-se-envolveram-com-drogas.html>.ampstories e <https://www.gazetaesportiva.com/institucional/relembre-6-casos-de-doping-de-jogadores-brasileiros-no-seculo/>

¹⁵ <https://www.gazetaesportiva.com/institucional/relembre-6-casos-de-doping-de-jogadores-brasileiros-no-seculo/>

¹⁶ <https://mundoeducacao.uol.com.br/biografias/diego-maradona.htm> ou <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/quem-foi-diego-maradona/>

COMOVEEC 17 <https://ludopedio.org.br/arquibancada/apontamentos-sobre-alcool-e-outras-drogas-no-futebol-um-panorama/> - ftn8 é coibir o uso de drogas ilícitas nos estádios. Isso demonstra que o poder público está ciente dessa situação e manifesta a sua preocupação com a presença dessas substâncias nos jogos.

Resumidamente, a respeito da venda de bebida alcoólica (cerveja) nos estádios de futebol é uma polêmica e ainda há muito a ser investigado, sobretudo a história desse objeto nesses locais, o costume e a legislação. Sabe-se que comercialização varia de acordo com a legislação estadual. Em Minas Gerais a venda e o consumo já foram livres (vale lembrar da cachaça que “rolava” nas charangas), houve a proibição total e hoje tem o comércio regulado (Lei 21.737/2015)¹⁸ até o intervalo das partidas.

Uma maneira de poder consumir bebida alcoólicas sem restrições durante os jogos é assistir nos bares e restaurantes da cidade. Essas “arquibancadas de boteco” cada vez mais têm sido adequadas para receber a concentração de torcedores, transformando esses espaços em um clima dos estádios com camisas do clube, cantos, xingamentos, bandeiras e outros símbolos. Isso, dentre outros comportamentos demonstra uma estreita relação cultural entre o hábito de consumir bebidas e o futebol.

Enfim, as ciências da saúde têm sido o fundamento para determinar os parâmetros do que é droga e o que não vem a ser no meio do futebol e a ciência jurídica tem se destinado a ilegalidade da mesma. Na esfera amadora/recreativa pode-se observar que os jogadores, torcedores e assistentes possuem uma “permissividade” para com o consumo de drogas legais e ilegais, sendo o indivíduo e o ambiente social o fator normativo. Já no meio profissional, sobretudo os atletas, são controlados com os padrões da ciência e sob o olhar atento dos torcedores, da imprensa e do staff dos clubes, tanto das drogas lícitas, quanto das proibidas. Além disso, o consumo de drogas ilícitas por torcedores nos estádios e no seu entorno é um fato de conhecimento do poder público, tanto que criou e integra uma comissão que trata desse assunto.

¹⁷ <http://www.seguranca.mg.gov.br/servicos/page/418-comoveec-comiss>

¹⁸ <https://leisestaduais.com.br/mg/lei-ordinaria-n-21737-2015-minas-gerais-dispoe-sobre-a-comercializacao-e-o-consumo-de-bebida-alcoolica-nos-estadios-de-futebol-localizados-no-estado-e-da-outras-providencias>

Narrativas de torcedoras sobre os seus ídolos do futebol: o caso Diego Tardelli

Anna Gabriela Rodrigues Cardoso

Ao pensarmos nas narrativas, teoria que, a partir de 1980, passou a ser de interesse das Ciências Sociais, as compreendemos dentro das perspectivas do discurso como materialidades discursivas. Para além das biografias ou das autobiografias, as narrativas construídas pelas torcedoras a respeito das vivências dos jogadores são Narrativas de Vida. De acordo com Machado (2015, p. 27), “as narrativas contam histórias, mas fazem mais que isso: elas detêm uma maneira de persuasão poderosa e que pode ser mais forte que a de muitas argumentações lógicas”. O Blog Mulheres em Campo, por exemplo, entre os anos de 2015 e 2018, ofereceu um espaço exclusivo para torcedoras escreverem sobre seus ídolos. Na seção “Ídolos”, entre grandes heróis nacionais e internacionais, as torcedoras apresentam alguns nomes importantes, famosos ou não.

Para se estudar essas narrativas por meio da Análise do Discurso, é importante entendermos que os atos de linguagem têm um fim comunicativo, ou seja, os efeitos visados buscam levar o outro a aceitar determinados pontos de vista e universos de discurso. Ao falar-do-outro a torcedora deixa rastros do falar-de-si, por isso, entendemos que, neste sentido, trata-se não apenas de Narrativas de Vida dos esportistas, mas também de Narrativas de Si — presentes na escrita das torcedoras. Neste texto, focaremos no falar-do-outro em um texto escrito por uma torcedora atleticana sobre seu ídolo Diego Tardelli.

Considerando o texto sobre o atleta, publicado no blog, o jogador é visto pela torcedora como um ídolo por diversos motivos para além de uma ação heroica. A torcedora projeta uma imagem do jogador associada à de um ídolo, a partir da atribuição de uma série de traços de caráter que são, comumente, considerados positivos no imaginário sociodiscursivo partilhado por membros participantes de torcidas organizadas e, mesmo, pelos (as) torcedores (as) brasileiros (as) em geral, tais como: ter uma boa relação com a torcida, que é mantida ao longo do tempo, mesmo quando não se joga mais por um clube; utilizar-se da rivalidade com outro time, que pode contribuir para a construção da imagem de ídolo. Com isso, a torcedora blogueira parece atribuir tais traços ao jogador Tardelli no seguinte trecho:

Ele será sempre o artilheiro alvinegro, o dono da metralhadora de gols que fez a alegria dos atleticanos, que nunca se acovardou diante de seu rival e que se mantém, firme e forte, nas nossas memórias das conquistas mais importantes.

Em outubro de 2021, o jogador Diego Tardelli entrou em campo pelo clube no qual estava atuando, o Santos, contra o Atlético Mineiro

— time no qual se consagrou ídolo. De acordo com Giglio (2007), os ídolos do futebol são figuras que estão sempre presentes, como podemos observar na reação da torcida ao final do jogo, que cantou o grito de guerra tantas vezes entoado durante as passagens do atleta pelo Galo. Ou seja, a torcida se identifica ao ponto de dedicar um momento do jogo para demonstrar que, entre os poucos jogadores que conquistaram este status, ele é ídolo para os atleticanos e as atleticanas. Em um trecho da crônica do blog, a torcedora fala sobre situação semelhante:

(...) A identificação criada entre jogador e time criou uma áurea de adoração por parte da torcida, que entende e admira a importância que ele representa para cada um de nós, que em uníssono no estádio, saudávamos (sic) a presença dele nos gramados em um grito de “Tardelli... Gol! Gol!”

Neste trecho, a enunciadora torcedora opera um deslizamento enunciativo, deixa de se marcar no texto com o uso de primeira pessoa do singular “eu” e projeta um sujeito do enunciado marcando-se com o pronome “nós”, ela parece, assim, afirmar um gesto de pertencimento, de identificação a uma comunidade discursiva que partilha mesmos valores e mesmas paixões relacionados ao time para que torcem.

Para Giglio (2007, p. 120) “pode-se dizer que são poucos os jogadores que gozam do status de ídolo, de representar a seleção brasileira e até mesmo de jogar pelos clubes considerados grandes”. Alguns são considerados heróis, diferenciados dos ídolos pelo autor da seguinte maneira: “O ídolo é o protagonista do espetáculo esportivo, sua presença torna-se imprescindível, afinal, sem ele o jogo ‘perde a graça’. O herói, para assumir a condição de protagonista, necessita de uma situação mítica que o coloque em evidência” (GIGLIO, 2007, p.123). No trecho acima, é possível observar que a enunciadora torcedora utiliza elementos lexicais que, além de expressarem emoções fortes vividas em estádio, concorrem para a projeção de imagem que associa a Tardelli a figura de mito, como sinalizam os trechos “A identificação criada entre jogador e time criou uma áurea de adoração (...) que ele representa para cada um de nós, que em uníssono no estádio, saudávamos a presença dele (...)”.

Para exemplificarmos, ainda considerando o Atlético Mineiro, em 2013, o goleiro Victor fez uma defesa que o consagrou herói para a torcida. Tardelli também fazia parte da equipe campeã da Copa Libertadores, mas, acreditamos, sem uma situação mítica como a do defensor atleticano.

Nesse contexto, buscamos definir o ídolo local, aquele que tem em sua torcida a admiração e o respeito igualmente ao dedicado àquele ídolo reconhecido nacional ou internacionalmente (como o Pelé para os brasileiros, o Maradona para os argentinos, atualmente, o Messi e o Cristiano Ronaldo para boa parte do mundo). No texto sobre Tardelli, a enunciadora torcedora apresenta, logo de início, o que nos parece um

dos motivos de “Dom Diego” ter se tornado ídolo para ela e para a torcida alvinegra: os gols diante do rival, o Cruzeiro:

O seu primeiro gol, foi marcado contra o maior rival e seu ‘até logo’ também foi coroado com um gol marcante: na conquista da Copa do Brasil”. (...) “Ele que fez mais de 100 gols com a camisa atleticana, que se tornou o 6º maior artilheiro alvinegro em clássicos(...).”

No caso do Diego Tardelli, por exemplo, ele pode não ter sido um ídolo nacional, como aqueles que vêm surgindo nos grandes centros europeus ou realizam feitos memoráveis pela Seleção Brasileira de Futebol Masculino, porém, o jogador é o que podemos chamar de “ídolo local”. Nesse entremeio, a torcedora também relata a participação do jogador na Seleção masculina, destacando o desempenho abaixo do esperado para um jogador que estava em destaque em sua equipe na época, o Atlético:

Com diversos troféus individuais recebidos devido a suas boas atuações, ele se tornou reconhecido no cenário nacional e chamou a atenção de Dunga. (...) Tardelli ainda teve participação nos últimos dois jogos da eliminatória para a Copa do Mundo de 2010, mas em nenhuma dessas oportunidades conseguiu balançar as redes.

O desempenho abaixo do esperado é destacado pela enunciatória em outro trecho, dessa vez ela trata dos resultados ruins do Atlético, entretanto busca argumentar que mesmo com uma equipe abaixo da esperada, o jogador se destacou:

(...) Neste primeiro ano, Tardelli fez parte de uma campanha que teve um início muito bom no Campeonato Brasileiro da referida ocasião, mas que acabou por ter um final não satisfatório para a equipe. Ainda assim, o jogador se consagrou o maior artilheiro da temporada e foi considerado por muitos o melhor atacante da competição.

Com isso, entendemos que uma possível explicação para essa identificação local e não nacional são os resultados negativos dos jogadores, principalmente na Seleção. Para Giglio (2007), os ídolos consagrados do futebol são exceção, pois há um prazo de validade relacionado com o desempenho, a competência e, até mesmo, a idade do jogador, já o herói é immortalizado. Contudo, ainda para o pesquisador, o ídolo pode se tornar herói, quando constrói uma relação com os torcedores capaz de atravessar fatores externos, como a ida do jogador para outros clubes.

Enfim, qual definição devemos usar ao propor uma análise discursiva de crônicas escritas por torcedoras sobre esses ídolos ou heróis escolhidos por elas? Buscamos assim a definição de herói que, para Campbell (1990), é o indivíduo que realiza feitos únicos, além de dar a vida por algo maior que ele. Ao considerarmos o contexto futebolístico de Diego Tardelli, principalmente na atualidade,

percebemos que essa conceituação nos leva ao sintagma “ídolo”. De acordo com Giglio (2007, p. 128), quanto ao ídolo, “sua imagem é construída junto a seus fãs no cotidiano”.

Na postagem do blog, depois de um breve histórico sobre a carreira do atleta em outros clubes, a torcedora demonstra o reconhecimento do jogador como ídolo atleticano, referindo-se mais uma vez ao rival:

Foi em 2009 que o atacante teve a sua primeira passagem pelo time e começou a construir uma história de muito reconhecimento pela instituição e pela torcida. (...) Sua primeira partida e o seu primeiro gol foi justamente contra o rival Cruzeiro, que ainda sofreria muitos gols do atleticano.

Essa admiração perpassa as vitórias do clube com o jogador em campo, apesar de isso ser um fator importante para que um personagem do meio futebolístico se torne ídolo (GIGLIO, 2007). No caso de Tardelli, para além do bom desempenho, posto que não há uma constância de bons resultados, o jogador esteve presente em momentos marcantes que abriram caminho para tal idolatria.

Como destaca também Giglio (2007): esses atletas precisam ser exemplos, pois influenciam os admiradores. A atenção destinada aos fãs por um ídolo acrescenta positivamente a sua imagem como tal. Outro trecho do texto ilustra essa relação do jogador com o clube, a torcedora escreve sobre a adoração da torcida com o jogador, demonstrando que isso é resultado da boa relação dele com os fãs.

(...) o jogador mantém a sua conexão com o Clube, sempre admitindo a sua torcida pela equipe e mandando mensagens de carinho em datas especiais, tais como o aniversário do Atlético.

Ao analisarmos a materialidade discursiva que resulta de um ato de enunciação, em que há encenação de um sujeito que projeta, no texto, uma determinada identidade discursiva, percebemos que a enunciadora torcedora visa produzir efeitos discursivos em que há marcas de si, mesmo quando ela se utiliza de sintagmas como “nós” ou “ele”, demonstrando seu lugar como enunciador (a) torcedor (a), que faz parte deste ato de enunciação, dessa identidade torcedora que idolatra jogadores os quais fizeram por merecer tal idolatria.

Referências Bibliográficas

- CAMPBELL, J. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.
 CAMPOS, Julia. Dom Diego: o ídolo artilheiro do Galo. 2016. Blog Mulheres em Campo. 15 abr. 2016. Disponível em:
<https://www.blogmulheresemcampo.com.br/news/dom-diego-o-idolo-artilheiro-do-galo/> Acesso em: 16 de set. 2021.

GIGLIO, Sérgio Settani. Futebol: mitos, ídolos e heróis. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MACHADO, Ida Lucia. A narrativa de vida como materialidade discursiva. Revista da Abralín, v. 14, n. 2, 10 ago. 2015. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1258> Acesso em: 16 set. 2021.

A primeira árbitra do futebol feminino

Cristiane Nestor de Almeida

“O nome dela é Léa Campos, é brasileira, foi rainha de beleza em Minas Gerais e continua sendo a primeira mulher que exerceu a arbitragem em diversos campos de futebol da Europa e das Américas” (GALEANO, 2018, p.74).

Em sua obra “Fechado por motivo de futebol”, Eduardo Galeano faz referência a Léa Campos, considerada a primeira árbitra ou juíza de futebol.

Por ser uma profissão quase que predominantemente masculina, Léa Campos precisou superar alguns mitos, principalmente em relação ao corpo masculino x feminino, sendo que existiam teorias de fontes duvidosas de que o corpo da mulher e sua estrutura óssea não suportaria “tarefa tão extenuante”.

Para completar, além dos estudos, a partir dos quais obteve seu diploma, Léa foi eleita por diversas vezes rainha de beleza em Minas Gerais, seu estado natal.

Toda essa mistura; interesse por futebol e beleza, causava no público masculino uma mistura de sentimentos. “Machos indignados com a intrusa” e alguns poucos, velados, de admiração por tamanha audácia para a época.

Asaléa de Campos Fornero Medina, conhecida como “Léa Campos”, nasceu em 1945 na cidade de Abaeté, em Minas Gerais. Além da graduação em Educação Física, Léa formou-se também em Jornalismo.

Devido às suas graduações, quando Léa não pôde mais atuar no futebol com as pernas, já que em 1974 sofreu um acidente de ônibus, uma fatalidade próxima a cidade de Três Corações/MG, e que levou quase dez anos para recuperar-se totalmente, e que por pouco não houve a perda da perna esquerda; ela usou as “mãos”. Léa foi pioneira também no jornalismo esportivo feminino, sendo uma das primeiras repórteres de campo e tal como na arbitragem, era indagada e questionada quando precisava entrevistar jogadores dentro do vestiário.

Desde 1993, Léa reside nos Estados Unidos com seu marido Luiz Medina. E em 2013 Léa venceu mais uma batalha, um câncer nas mamas.

A ex-árbitra teve sua primeira experiência como juíza no México, em 1971, apitando Itália x Uruguai, no qual também foi tocado o hino brasileiro em sua homenagem. Há uma biografia sobre Léa campos, escrita pelo seu esposo, o jornalista colombiano Luiz Eduardo Medina, que se chama “As regras podem ser quebradas”. Porém a mesma se encontra em espanhol, e no Brasil até hoje nenhuma editora se interessou pela produção de uma versão/tradução em português.

Léa era uma mulher com muitos talentos. Além da arbitragem e do jornalismo, Léa também lutava boxe. Desde os tempos de criança, ela

se interessava por futebol, brincando com uma bola de meia feita por seu pai. Quando isso acontecia Léa causava inveja nos meninos, por sua habilidade, e intriga com as meninas, por sua audácia. Como a bola era considerada inadequada, Léa frequentou concursos de canto, poesia e arte dramática, todas consideradas atividades mais femininas.

Durante entrevista concedida ao Museu do Futebol, Léa Campos disse em relação à sua época de escola: “Eu jogava no recreio da escola, e a diretora implicava que não podia, porque eu estava jogando com os meninos. Naquela época tinha aquela coisa: menina para lá, menino para cá”.

Para romper tantas barreiras, Léa Campos precisou enfrentar João Havelange, presidente da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), hoje CBF (Confederação Brasileira de Futebol). A forte mulher precisou de toda sua persistência para poder apitar, pois quando terminou seu curso de arbitragem em 1967 não recebeu o diploma como os outros alunos. E Léa tinha em mãos um convite da FIFA para arbitrar um amistoso e o primeiro Campeonato Mundial de futebol feminino, no México, e para tanto precisava do certificado.

Para consegui-lo, Léa levou uma carta/bilhete do presidente Médici a Havelange, e se preciso fosse iria ao papa, pois segundo o então presidente da CBD, enquanto ele comandasse a entidade, nenhuma mulher atuaria como juíza/árbitra de futebol. Foi o presidente Médici que garantiu a Léa que ela representaria o Brasil no México. Dessa maneira, com o aval de Médici, Léa Campos procura novamente Havelange, que sem opção faz a seguinte declaração, extraída do blog de Renata Ruel, analista de arbitragem da ESPN Brasil:

“Estou com a felicidade incontida hoje. Porque eu tenho a oportunidade de, no meu mandato, poder levar ao mundo a primeira mulher árbitra de futebol profissional, e é na minha gestão. É com muito orgulho e com muita felicidade que eu faço o mundo saber que a primeira árbitra de futebol é brasileira e vai sair do mundo como representante máxima do futebol brasileiro”.

Essa entrevista aconteceu no dia da despedida de Pelé, Havelange adiantou a mesma e teve que aceitar a ascensão de Léa Campos.

Falsidade de Havelange à parte, Léa conseguiu realizar seus projetos, interrompidos pelo acidente já mencionado, mas que até hoje servem de inspiração para outras mulheres.

“O juiz sempre foi juiz, o árbitro sempre foi árbitro, nunca árbitra, nunca juíza. O monopólio masculino se rompeu quando Léa conquistou o mando supremo nos gramados, diante de 22 homens obrigados a obedecer às suas ordens e submeter-se aos seus castigos” (GALEANO, 2018, p.74).

Referências Bibliográficas

GALEANO, Eduardo. Fechado por motivo de futebol. Brasil. L&PM, 2018.
RUEL, Renata. Primeira árbitra do mundo, brasileira Léa Campos passa necessidade e pede ajuda. ESPN. 27 de abril de 2020.

Hora de voltar.

Cristiane Nestor de Almeida

Em tempos de pandemia, esse texto se propõe a analisar um outro tipo de retorno, o das atletas que se tornam mães. Para muitas delas é quase impossível vivenciar a rotina proporcionada pela profissão e a maternidade. O jornalista Breiller Pires, pontuou que das 23 atletas da seleção brasileira apenas uma era mãe, Tamires. Já na seleção masculina apenas seis jogadores não eram pais, sendo que alguns deles tinham mais de um filho.

Tamires conseguiu superar as barreiras de ser uma atleta bem-sucedida, em um país que predomina o apreço pelo futebol masculino. Para retornar aos gramados, após sua gestação, precisou de 4 anos para conseguir conciliar a rotina mãe/ trabalho, contando com a presença de seu parceiro, que hoje cuida do filho. Mas histórias de sucesso como a de Tamires são raras, tanto que ela era a única atleta mãe no elenco de 2019.

Soma-se à discrepância entre futebol feminino e masculino, o fato de que a gestação afeta a vida da atleta antes, durante e depois à gestação. Ou seja, há adaptações nos treinos e nos jogos, e segundo a medicina ainda que não haja impeditivos para o treino no período gestacional, eles precisam ser adaptados e as atividades de performance evitadas, questões que comprometem o rendimento das jogadoras. Logo, algumas atletas optam por serem mães apenas quando encerram a carreira, pois além dos fatores relacionados acima ainda existe o “prazo de validade” da carreira feminina, já que existem raríssimas exceções de atletas com mais de 40 anos, podendo ser citada a jogadora Formiga, veterana de 41 anos da seleção e que participou de sete edições da copa feminina de futebol. Após o parto, a licença maternidade dura de quatro a seis meses, porém o retorno das atletas aos gramados pode durar mais tempo que o mencionado acima, pois o bebê pode precisar mais da mãe, além da rotina de amamentação e saúde, fatores que nem sempre conseguem ser supridos com a presença masculina. Além do mais as atletas enfrentam também a resistência dos clubes que desestimulam a gravidez, seja de modo velado ou explícito.

Esse é o caso relatado de atletas da Espanha, em que há no contrato o estímulo a não gravidez, e que na maioria das vezes não há denúncia disso por receio de perder o vínculo com o clube, já que

“a Lei do Esporte consagra na Espanha que os homens, só por serem homens, gozam de alguns direitos não reconhecidos às mulheres. Por lei, as mulheres não podem ser atletas profissionais, pois só as ligas masculinas têm o status de profissionais.” (Arribas, 2017).

O fator financeiro permite, geralmente ao atleta masculino bancar toda a família, uma vez que os salários dos jogadores masculinos são maiores do que os femininos, mesmo se deslocando entre clubes e até países. As atletas mulheres muitas vezes não recebem salários, apenas ajuda de custo, e quando os recebem os valores são menores se comparados a liga masculina, que no Brasil se refere aos campeonatos regionais e brasileiro, a copa do Brasil, e aos torneios internacionais: Libertadores da América e Sul Americana. Assim sendo, a maioria das atletas adia, e até mesmo renuncia o sonho de ser mãe, pois muitos clubes não sofrem sanções ao não renovar o contrato das atletas após a licença maternidade.

Assim, a tríade: mãe, mulher e atleta, é considerada por muitas jogadoras um sonho quase impossível. A maioria delas trata a maternidade como um sonho que, no mínimo deve ser, senão anulado, adiado.

Em entrevista, Tamires defendeu que os clubes precisam se preparar e ter uma estrutura que permita a mulher atleta engravidar. As mesmas precisam ter respaldo: antes, durante e depois da gestação, para que um sonho, não interrompa o outro. “É um sentimento que não consigo descrever, hoje eu me sinto muito mais forte como mulher, profissional ...No momento que descobri que eu estava grávida foi difícil, mas hoje eu diria é a coisa mais maravilhosa que aconteceu na minha vida. Eu chegar do treino ver ele abrindo a porta com sorriso e me dando abraço, não tem coisa mais gratificante. É um presente.”

Logo, apesar de apenas uma atleta ser mãe, entre as selecionadas da copa feminina de futebol de 2019, é possível o sonho: mãe/profissional, e no futebol como em outras profissões, é necessário assegurar à mulher o direito a esse sonho.

Referências Bibliográficas

ARRIBAS, Carlos. Contratos com clubes impedem atletas espanholas de engravidarem. El País. 2017. Disponível em brasil.elpais.com. Acesso em 16/06/2020.

MENDONÇA, Renata. Tamires é a única mãe da seleção, parou de jogar 2 vezes e hoje vive auge. Dibradoras/ UOL. 2019. Disponível em dibradoras.blogosfera.uol.com.br. Acesso em 16/06/2020.

PIRES, Breiller. Ser mãe ou jogar futebol, o dilema das mulheres que vivem da bola. El País. 2019. Disponível em brasil.elpais.com. Acesso em 16/06/2020.

_____ Um discreto fenômeno chamado Miraildes. El País. 2019. Disponível em brasil.elpais.com. Acesso em 21/06/2020.

“Causei dano onde mais dói” – A luta antirracista em 2021

Danilo da Silva Ramos

Iniciar um texto talvez seja uma das tarefas mais difíceis para um(a) escritor(a), pensar sobre a proposta que será feita, os argumentos, narrativa, fontes, bibliografia etc. E o medo de ser repetitivo nos assuntos e até mesmo o autoplágio, antes de iniciar este texto passar por essas ideias foi o primeiro obstáculo, além dos que a realidade já nos impõe (principalmente em tempos de pandemia – COVID-19). Refleti sobre meu primeiro texto aqui neste espaço no início do ano sobre a trajetória de esportiva e luta antirracista de Ruud Gullit. Pensei uma série de assuntos que poderiam ser abordados neste segundo momento, entretanto, olhando para a retrospectiva de 2021 não pude me furtar a discutir sobre as lutas antirracistas no futebol.

“Não é porque eu estou perdendo os cabelos que eu vou achar um negócio imundo desses bonito”

Em junho de 2021, durante a transmissão do jogo entre Goiás e Londrina pela série B do campeonato Brasileiro, quando Celsinho (meia do Londrina) estava caído no gramado os responsáveis pela transmissão da Rádio Bandeirantes tiveram o seguinte diálogo em relação ao cabelo do jogador:

"O cabelo deve pesar demais, né Vinícius?", pergunta Romes Xavier.

"Exatamente. Parece mais uma bandeira de feijão a cabeça dele do que um verdadeiro cabelo. Não é porque eu estou perdendo os cabelos que eu vou achar um negócio imundo desse bonito", responde Vinícius Silva.

O cabelo de Celsinho atualmente é utilizado no penteado Black Power, este estilo é oriundo dos negros dos Estados Unidos que tinham na década 60 iniciado um processo de deixar seus cabelos na forma natural, muito além de um penteado, este tipo de cabelo se transfigura em posição política na luta antirracista, ao passo que

Nos anos 1960 e 1970, com os movimentos “black is beautiful” e “black power”, o cabelo crespo passou a significar orgulho e poder. James Brown perfeitamente expressou esse momento no seu hit de 1968: “say it loud – i’m black and i’m proud” (“Diga alto: eu sou negra(o) e me orgulho disso!”). (PEQUENO, 2019)

Ambos foram demitidos (em virtude dos comentários) e pediram desculpas ao jogador.

"vai cortar esse cabelo, seu cachopa de abelha"

Durante a partida do Londrina contra o Brusque, realizada em agosto de 2021 válida pela Série B do campeonato Brasileiro de Futebol, Celsinho voltara a ser alvo de injúria racial a partir de uma ofensa ao seu cabelo. Neste episódio, toda comissão de arbitragem (árbitro, assistentes e quarto árbitro) assinaram a súmula que continha o seguinte teor:

Por volta dos 45 minutos do 1º tempo, o atleta do Londrina, sr. Celso Luis Honorato Júnior informou ao quarto árbitro que foi ofendido com as seguintes palavras: "vai cortar esse cabelo seu cachopa de abelha", por um homem na arquibancada, que foi identificado pelo coordenador da CBF, sr. Ricardo Luiz, como XXXX staff da equipe do Brusque. Informo ainda que o referido atleta, juntamente com o diretor de futebol da equipe do Londrina, sr. Germano Cardozo Schweger, estiveram na porta do vestiário da arbitragem, após o término do jogo e confirmam o relato acima. (Súmula CBF, 2021)

Outro caso de injúria racial sofrido pelo atleta, desta vez, o ofensor fazia parte da diretoria da equipe adversária. Em um primeiro momento o Brusque teve retirado de sua pontuação 3 pontos, entretanto, na semana da Consciência Negra, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva – STJD julgou o recurso do Brusque e devolveu a pontuação ao time catarinense. O Londrina e o jogador lamentaram a decisão do órgão e afirmaram a necessidade de continuar a luta contra o racismo no futebol nacional.

Um dos fatos expostos neste caso foi a tentativa por integrantes do Brusque em culpar a vítima (Celsinho) pelo ocorrido e minimizar a situação. Esta saída não é incomum nos casos de racismo no futebol nacional, basta lembrarmos das situações sofridas pelo goleiro Aranha, quando defendia a Ponte Preta em 2014 em partida contra o Grêmio realizada em Porto Alegre. Na época, um ex-presidente do clube gaúcho classificou o ocorrido como "folclore do futebol".

O futebol não é uma bolha flutuando na sociedade, pelo contrário, é parte desta sociedade. Ou seja, quero dizer aqui que o racismo expressado nos gramados nestes dois exemplos acima são parte de um problema estrutural da humanidade. Segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos, até novembro de 2021 já havia sido registrados 1016 casos de injúria racial. Mesmo com as medidas legislativas que punem os casos de racismo enquanto crime os números não apresentam diminuição significativa. Os casos envolvendo Celsinho demonstram a necessidade de posicionamento dos jogadores negros neste combate e

principalmente na denúncia. Mas o racismo tem vários braços e atinge também o futebol feminino, veremos a seguir.

"A Nine (lateral direita) tem o cabelo mais exótico, me parece, dessa equipe do Bahia"

O futebol feminino, além das lutas por equidade em comparação ao futebol masculino, também é palco das situações racistas. Em abril do ano corrente, os responsáveis pela transmissão do jogo válido pelo campeonato Brasileiro Feminino A-1, entre Napoli x Bahia, da empresa MyCujoo, fizeram os seguintes comentários destinados as atletas do Bahia. "O Bahia, que está aí com a sua vantagem de estatura, com esses cabelos exóticos. Pelo menos meia dúzia (das jogadoras). A Nine (lateral direita) tem o cabelo mais exótico, me parece, dessa equipe do Bahia" Comentário feito pelo narrador e seguido pelo comentarista com "Verdade. Eu até 'tava' brincando com esses cabelos. Parece a Margareth Menezes (cantora), lá da Bahia". Este tipo de ataque demonstra os estereótipos que persistem contra as mulheres negras, ao passo de se tornar mais um obstáculo para mulheres negras que pretendem seguir o sonho de jogar futebol, pois, lutam duplamente, contra o machismo e o racismo.

Faz-se necessário inserir outro caso de racismo envolvendo o futebol feminino, em partida válida pela Libertadores Feminina a atleta do Corinthians Adriana foi chamada de "macaca" por uma jogadora do Nacional-URU. Após o episódio vários clubes emitiram nota de solidariedade com Adriana.

"Causei dano onde mais dói"

Infelizmente, o racismo é parte estrutural do modo de produção capitalista (ALMEIDA, 2018), assim como foi de outros modos de produção no passado. E desta forma, assume um caráter mundial e se expressa também nos campos de futebol internacionais. Em dezembro de 2021, durante o clássico do futebol italiano entre Milan e Internazionale, o atacante Ibrahimovic fez comentários sobre a suposta prática de Vodu da mãe de Lukaku. Em entrevista, ao jornal Corriere della Sera, Ibra se vangloriou da sua atitude durante o jogo, afirmando que "E causei dano onde mais dói nele: os rituais de sua mãe" e continuou "Aquele dérbi nós perdemos, e depois, eu me lesionei. E se a questão do vodu for verdade?"

Este acontecimento nos leva a refletir como parte dos jogadores de futebol não estão dispostos a compreender ou respeitar a cultura de outrem, pois, devido a predominância da crença cristã o que é diferente significa errôneo e em alguns casos atitudes levam a intolerância religiosa. Quem não se lembra do Neymar com a faixa na cabeça, durante a comemoração da conquista da Champions League em 2016, escrito "100% Jesus". Então, foi naturalizado devido ao padrão cristão em que convivemos no oriente, mas como teria sido a reação do mundo

esportivo se ele tivesse usado a faixa “100% Buda”, “100% Oxalá” ou outra religião?

“Não basta não ser racista: sejamos antirracistas”

Os casos aqui expostos são parte de um montante maior, inclusive pelos casos que não são denunciados, percebidos etc. O futebol como um esporte que atrai milhares de espectadores pelo mundo, deve assumir seu papel social na luta antirracista ou quaisquer outras formas de opressão. Vivemos um período em que as desigualdades tendem a crescer em consequência da pandemia do COVID-19, e junto com isso os casos de racismo. Desta forma, as confederações reguladoras, clubes e patrocinadores necessitam construir políticas de caráter permanente que visem não apenas remediar a ferida e sim tentar evitá-las. Afirmo aqui a necessidade de construção de políticas a longo prazo como campanhas de conscientização (não apenas no mês de novembro), regulamentos e contratos que visem punição aos racistas etc.

Aos jogadores, jogadoras e torcedores acredito que a luta antirracista não cabe apenas à população negra, será necessário que os não negros compreendam a necessidade de entrarem na luta antirracista. Sigamos para a construção de um futebol menos hostil e uma sociedade em igual medida.

Referências bibliográficas

DIANGELO, Robin. Não basta não ser racista: Sejamos antirracistas. [S. l.]: Faro Editorial, 2020. 192 p. v. 1. ISBN 978-8595811065. Kindle.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

Ruud Gullit – Notas sobre genialidade e militância

Danilo da Silva Ramos

No final do triste ano de 2020, devido as milhares de mortes pela Pandemia de Sars-CoV-2, causador do COVID-19, no dia 20 de dezembro em partida válida pelo campeonato Brasileiro de Futebol, Flamengo x Bahia, surgiu uma acusação de racismo por parte do jogador Gerson do Flamengo. Segundo o jogador, ele que foi chamado de negro (em contexto que a palavra negro denotava conteúdo racista) por Ramirez do Bahia. Além disto, teve nesta mesma noite uma fala infeliz do então técnico do Bahia, Mano Menezes, que após ouvir de Gerson a reclamação rebateu com “Agora virou malandragem?”¹⁹. Esse caso tomou grandes proporções, como os casos de racismo merecem, não entraremos aqui nos pormenores destes acontecimentos, isto é assunto para um outro texto. Talvez naquele momento, os jogadores de ambas as equipes deveriam ter seguido o exemplo dos atletas do Paris Saint Germain-FRA, que deixaram o campo após uma ofensa racista proferida pelo quarto arbitro Sebastian Colțescu a Pierre Webó, membro da comissão técnica do Istanbul Basaksehir-TUR. No dia 08/12/2020 em partida válida pela fase de grupos da Liga dos Campeões da Europa²⁰. Se hoje os jogadores negros podem (ainda que alguns atletas não o façam por motivos diversos como pressão de patrocinador, das ligas, acreditarem que não existe racismo, ideologia etc.) levantar suas vozes contra os racistas e seus atos é consequência de uma luta histórica. E neste texto aponto alguns trechos da trajetória de Ruud Gullit, que contribuiu para que essas vozes fossem ouvidas.

¹⁹ <https://globoesporte.globo.com/ba/futebol/times/bahia/noticia/audio-revela-resposta-de-mano-apos-acusacao-de-gerson-sobre-injuria-racial-virou-malandragem.ghtml>

²⁰ Matéria completa disponível em <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/liga-dos-campeoes/noticia/jogadores-do-psg-e-istanbul-basaksehir-deixam-jogo-apos-suposto-caso-de-racismo.ghtml>

Conseguiu ao longo de sua trajetória lutar contra o racismo e ser um dos gênios do futebol mundial.

Rudi Dil, conhecido como Ruud Gullit, foi um jogador de futebol que teve o auge de sua carreira no final da década de 80 e início dos anos 90. Iniciou sua jornada na Holanda, passando por clubes como Haarlem, Feyenoord e PSV Eindhoven, no Feyenoord jogou com o lendário Johan Cruyff²¹, sendo campeões holandeses na temporada 83/84 e tirando o clube da fila de títulos que estava por volta de 10 anos.

Em 1987 foi comprado pelo Milan da Itália, e lá fez parte de uma equipe que pode ser incluída entre as melhores de todos os tempos (entres clubes europeus e do mundo) junto a nomes como Franco Baresi, Paolo Maldini, Rijkaard e Marco van Basten. Até a temporada 90/91 conquistaram diversas taças como bicampeonato da Liga dos Campeões da Europa (88/89 e 89/90) e Campeonato Italiano 88, neste último foram campeões contra o Napoli de Careca e Maradona.²²

Com uma passagem breve pela Sampdoria-ITA (94) e encerrando a carreira como jogador e iniciando como técnico no Chelsea-ING (95-98), o clube ainda não era a potência futebolística como na atualidade, sendo o primeiro técnico estrangeiro a conquistar a Copa da Inglaterra²³.

Não foi astro apenas em sua passagem por clubes, pela seleção holandesa seus feitos não foram menores. Foi o capitão da formação campeã da Europa em 1988, único título de expressão da tradicional seleção. No ano de 1987 ganhou o prêmio bola de ouro da revista

²¹ Disponível em <https://trivela.com.br/holanda/gullit-eu-tive-a-sorte-e-o-privilegio-de-contar-com-cruyff-em-minha-vida/>

²² Para ver todos os títulos conquistados por este Milan indico a leitura de uma matéria específica disponível em <https://www.imortaisdofutebol.com/2012/03/10/esquadrao-imortal-milan-1989-1990/>

²³ Primeiro grande título do Chelsea em 26 anos.

France Football²⁴. Segundo estatísticas disponíveis no site “o Gol” fez ao longo da carreira 235 gols em 638 jogos, dentre estes 66 jogos e 17 gols²⁵.

No início de carreira na Holanda, Gullit usava o cabelo dread que para nós negros já se configura em ato de afirmação identitária e para a sociedade talvez um ato de “rebeldia”. Seus cabelos dreadlocks foram destacados em uma música dedicada a ele em 1987, mesmo ano em que foi bola de ouro: “Capitão Dread”²⁶ da banda holandesa Revelention Time. Em tradução livre a música tem trechos como “Capitão dread elegante em total controle / Ele corre como um raio / É o primeiro capitão negro da seleção”.

Mas não termina aqui sua ligação com a música, fã de Reggae também arriscou participar de algumas canções. Com esta mesma banda gravou algumas faixas, entre elas e talvez a mais marcante “South Africa”, uma música anti-apartheid²⁷ que entre os trechos, em tradução livre, temos “A África deve ser livre / deve se afastar / o mundo deve ser livre / afaste-se”. Apresentou-se ao vivo em um show em Milão-ITA, cantando os versos de South Africa vestido com uma camiseta estampada “Stop Apartheid” ainda em 1987²⁸.

A apresentação citada acima foi mais uma ação do Tulipa Negra – forma como era chamado pelos torcedores – que caminhava para consolidar-se além de grande atleta, um ativista anti-apartheid e antirracista. Demonstrando que um jogador de alto nível pode conciliar sua trajetória esportiva com militância política, sem que uma

²⁴ Prêmio de futebol criado e organizado pela revista francesa France Football, para maiores informações conferir site oficial <https://www.francefootball.fr/ballon-d-or/>

²⁵ https://www.ogol.com.br/player_seasons.php?id=14927

²⁶ Para os que quiserem ouvir, esta música está disponível no youtube em <https://www.youtube.com/watch?v=yVDnNBLvPe0>

²⁷ Apartheid foi uma legislação tida na África do Sul com forte indicação separatista por via racial. Regime no qual retirou uma série de direitos dos negros em prol de uma minoria não branca.

²⁸ Esta apresentação também está disponível no youtube em <https://www.youtube.com/watch?v=AZiYzjbQqD8>

ultrapasse os limites da outra e sim em uma relação conjunta, dual e dialética, como na vida de maneira geral.

No ano de 1987 foi ganhador do prêmio do Bola de Ouro, na cerimônia de premiação foi proibido pela revista France Football (organizadora da premiação) de realizar um discurso que denunciava a prisão de Nelson Mandela, na África do Sul em decorrência das políticas e leis separatistas do apartheid. Todavia, assim como nos gramados se livrava dos marcadores usou sua voz, ao receber a premiação, para fazer a dedicação a Mandela e entregou a todos presentes a cópia de seu discurso original - que havia sido censurado. Anos mais tarde em 1994 em um encontro com Nelson Mandela, Gullit lhe entregou o troféu que recebera.

Atualmente alguns atletas aderem a determinados movimentos coletivos surgidos na sociedade no combate ao racismo, como por exemplo na National Basketball Association-NBA onde jogadores como LeBron James, Dwyane Wade e outros que aderiram ao movimento “Black Lives Matter” (Vidas Negras Importam), inclusive realizando protestos antes das partidas, redes sociais e até não entrarem em quadra para realizar partidas (boicote)²⁹. Talvez o futebol necessite de um movimento similar que aglutine as vozes e sair do aspecto individual desta luta. Trazer o debate de forma permanente e coletiva, como ações antirracistas inclusive organizadas pela FIFA em outras oportunidades, acrescentando outros temas como machismo e homofobia, pois, o futebol figura entre as maiores audiências (televisivas em relação aos esportes) do mundo³⁰.

Ao longo de sua carreira participou de vários eventos onde se posicionou contra o racismo e xenofobia. Por exemplo, em Oslo na

²⁹ <https://globoesporte.globo.com/basquete/nba/noticia/vidas-negras-importam-em-decisao-historica-bucks-decidem-nao-jogar-em-protesto-a-novo-caso-nos-eua.ghtml>

³⁰ <https://forbes.com.br/principal/2018/06/9-eventos-esportivos-com-mais-audiencia-da-historia/#foto7>

Noruega onde discutiu a situação dos refugiados africanos, como também expôs os episódios em que fora vítima de racismo, tal qual no início de sua carreira jogando pelo Feyenoord.³¹

Ruud Gullit mesmo depois de aposentado, continuava usando sua voz para lutar contra o racismo. Em uma entrevista que cedeu para a União das Associações Europeias de Futebol – UEFA afirmando que o racismo no futebol e na sociedade é um câncer que devemos curar³². Em outra entrevista³³, concedida durante o prêmio Laureus³⁴, em Berlim, defendeu que os jogadores do FC Porto-POR teriam que abandonar o campo em solidariedade ao companheiro Marenga³⁵ – vítima de racismo e que sozinho decidiu abandonar a partida e ir para os vestiários. O que não aconteceu, já que o jogo prosseguiu.

Enfim, visitar a história de vida de um dos gênios do futebol e uma referência na luta antirracista não tenho a intenção de sugerir que todos os jogadores negros sejam e façam como ele. Mas acredito que alguns posicionamentos em determinados momentos são no mínimo necessários. Talvez, atualmente, alguns atletas negros de nível mundial não se deem conta que suas atitudes podem influenciar milhões pelo mundo. Lutar contra o racismo, homofobia, xenofobia e todas outras formas de opressão é uma necessidade vital pela construção de um outro modelo de sociedade, não somente em

³¹ Nessa oportunidade, segundo ele mesmo relata como sendo um dos piores dias de sua vida, sofreu sendo alvo de insultos verbais e cusparadas por parte de torcedores irlandeses.

³² Parte da entrevista disponível em <https://www.record.pt/multimedia/videos/detalhe/ruud-gullit-e-o-racismo-e-um-cancro-que-temos-tentar-curar>

³³ Parte da entrevista disponível em <https://www.dn.pt/desportos/gullit-defende-que-jogadores-do-fc-porto-deviam-ter-saído-do-campo-11831551.html>

³⁴ Prêmio Laureus do Esporte Mundial é uma premiação concedida ao esportista (divididos por gênero) de maior destaque em cada ano, o prêmio foi criado em 1999. Entre os atletas que ganharam do prêmio encontram-se: Usain Bolt, Lewis Hamilton, Tiger Woods, Serena Williams, Simone Biles e Genzebe Dibaba. Maiores informações no site oficial do Laureus: <https://www.laureus.com/>

³⁵ Matéria disponível em <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-portugues/noticia/marenga-se-revolta-com-ofensas-racistas-de-torcida-rival-e-abandona-jogo-em-vitoria-do-porto.ghtml>

termos políticos, mas também humanitários, como o posicionamento engajado de Ruud Gullit, o protagonista deste texto, acredita.

O futebol amador como possibilidade de lazer e ativismo social

Felipe Vinícius de Paula Abrantes

Nas capitais, grandes e médias cidades brasileiras, é comum observarmos o fenômeno social da favelização, devido principalmente a expansão desordenada destas cidades. Esta complexa situação urbana é desencadeada por diversos motivos e resulta em várias consequências para todos os cidadãos, especialmente para os moradores destes aglomerados. Muitas vezes, direitos sociais básicos não são garantidos as pessoas que ali se encontram. Neste contexto, a oferta de atividades culturais, de lazer (pensando-o enquanto um direito social) e direito à cidade, geralmente também são insatisfatórios.

Diante desta realidade, aponto no presente texto, o futebol comunitário, amador como uma possibilidade de vivência de lazer (tanto na prática, quanto na assistência dos jogos) e uma ferramenta de ativismo social para diversos grupos nas grandes cidades brasileiras. Cabe ressaltar que o futebol amador não está presente exclusivamente nas grandes cidades, contudo os assuntos tratados neste capítulo são observados, na maior parte dos casos, nas localidades de grande adensamento populacional, especialmente a questão do direito à ocupação plena da cidade.

Muitos são os pesquisadores que empregam esforços na investigação da temática do futebol amador. Estes trabalhos mostram a relevância social do esporte neste contexto. O número considerável de trabalhos, evidencia o futebol como uma das mais importantes opções de vivências de lazer da população em várias regiões do Brasil, bem como a importância que este esporte possui na sociedade brasileira.

O futebol comunitário e o lazer

A sociabilidade que o futebol amador propicia parece ser bastante cara para a periferia e aglomerados das grandes cidades. Apesar do futebol de várzea, em certa medida ser uma tentativa de mimetizar o futebol espetáculo, por outro lado carrega uma originalidade, improviso e protagonismo dos anônimos e suas comunidades.

Começando pelos próprios campos. Estes espaços que geralmente ficam próximos às comunidades se colocam como importantes espaços de lazer que são apropriados pela vizinhança destes mesmos campos. Além do futebol comunitário, o campo é usado pelas crianças para brincadeiras diversas, por idosos para suas caminhadas diárias, enfim é um local de uso amplo e democrático.

Quando o futebol de várzea acontece, além do próprio jogo ser uma atividade de lazer para os jogadores e torcedores, ele fomenta e funciona como indutor de diversas outras atividades de lazer e sociabilidade para todos os presentes no espaço. Não raro, no entorno dos campos de várzea temos os bares que reúnem muitas pessoas para

as “resenhas” pré e pós partidas. Resenhas estas que são acompanhadas de churrasco, cerveja, jogos de cartas e música.

Aos finais de semana essas cenas são bastante comuns nos campos comunitários e seus arredores. No caso do campo da barragem Santa Lúcia em Belo Horizonte, observa-se a particularidade do campo estar dentro de um parque municipal. E o futebol comunitário funciona como uma espécie de animador do espaço. Quando não há uso do campo, de modo geral, o parque também fica esvaziado em seus outros espaços.

Observamos, portanto, que o futebol é um importante elemento para o lazer destas comunidades periféricas ou não, mas que enfrentam uma ineficaz oferta de serviços públicos, inclusive os de lazer.

Futebol amador, ativismo social e ocupação da cidade

O futebol enquanto uma expressão da identidade e paixão nacional já é sabida e largamente tratada por acadêmicos, cronistas, jornalistas e demais entusiastas do esporte. O grande número de clubes do país que são capazes de mobilizar multidões, exemplificam esse fato. Mas existe um outro tipo de futebol, outros tipos de clubes que também têm a capacidade de mobilizar as pessoas. E esta mobilização vai além das questões do pertencimento clubístico.

Tomarei como exemplo disso, dois movimentos ocorridos em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. O primeiro deles é um time feito por amigas têm como principal objetivo reivindicar junto ao poder público o direito à cidade e o segundo é um movimento de alguns clubes amadores da cidade que vêm resistindo a um processo de “privatização” dos campos de várzea da cidade em um projeto da Prefeitura de Belo Horizonte em formato de parceria com empresas privadas que “adotam” os campos e passam a gerir os espaços.

Iniciando pela iniciativa deste grupo de mulheres que se reúnem para jogar, ocupar as ruas e serem sujeitos políticos de transformação na cidade através do BAixo BAhia Futebol Social, carinhosamente apelidado de BABA. Porém é interessante explicar um pouco o contexto social e político que a cidade de Belo Horizonte vivia na época de surgimento do time. No mandato do então prefeito Marcio Lacerda (2009 – 2016), a política de gestão adotada foi o modelo neoliberal. Neste sentido a cidade era vista de duas formas: ou como uma grande empresa ou como um produto a ser ofertado.

Enxergando a cidade desta forma, Lacerda buscava enxugar os gastos públicos em diversas áreas e gerar lucros onde fosse possível. Partindo desta premissa, em sua gestão, foi criada a PBH Ativos com a seguinte missão, segundo nota da mesma:

“Prestar serviços de excelência à Administração Pública auxiliando-a na implementação de políticas inovadoras voltadas para o desenvolvimento econômico e social, por meio da

captação de recursos financeiros, administração patrimonial e gestão de ativos”.

Em resumo, a PBH Ativos é uma empresa pública do município que objetiva transformar vários imóveis e espaços públicos em ativos para a prefeitura. Praças, parques, campos de várzea e até mesmo ruas são vistos como forma de capitalizar recursos.

Em meio a este cenário que surgiu o BAixo BAhia Futebol Social. Além dele, surgiram vários outros movimentos e manifestações que reivindicavam o direito ao uso do espaço público da cidade, como o Sarau Vira-lata, o duelo de MC's, a Praia da Estação (os cidadãos de BH iam tomar banho na fonte da Praça da Estação) e vários blocos de carnavalescos e bandas de rua que culminaram no ressurgimento do carnaval de rua de Belo Horizonte.

Retomando a discussão, o nome Baixo Bahia, faz referência a rua da Bahia. Uma das mais antigas e importantes ruas da cidade que fica localizada na região central. Na região da “parte baixa” desta rua se situa alguns dos locais de encontro e sociabilidade de um considerável grupo de belo-horizontinos. Nesta região temos a Praça da Estação, o viaduto Santa Tereza, os bares da rua Aarão Reis e rua Sapucaí, os centros culturais 104 e da UFMG, ou seja, é um local de efervescência de cultura e lazer.

Após uma obra de revitalização feita pela prefeitura da Praça da Estação fez com que o livre uso destes espaços ficasse ameaçados, para qualquer tipo de evento ou reunião de pessoas eram exigidos uma série de burocracias e exigências que se tornavam mecanismos impeditivos de uso do espaço. A presença de muitas pessoas na praça era um incômodo para o poder público municipal. Daí a necessidade de resistência. O Baixo Bahia começou a ocupar as ruas e praças no ano de 2011, realizando a famigerada “pelada” pelos locais por onde passa. A ideia é a mistura. Mesmo sendo um time formado por mulheres, na hora de rolar a bola, quem tiver disposição joga. O intuito é reunir as pessoas. Como o próprio BABA escreve em sua página nas redes sociais:

“o Baixo Bahia tem o objetivo de transformar as ruas da cidade em campo aberto para práticas cotidianas de compartilhamento, através de um esporte de caráter coletivo e agregador: o futebol!”

É interessante observar como o futebol foi visto como uma maneira de fomentar os encontros de pessoas, bem como um forma de ocupar o espaço público, fato comum no início, na inserção do futebol no Brasil (se levarmos em consideração que ele era praticado por diversas pessoas, além dos “mitos fundadores” e das elites da época). Há portanto, de certa forma, um resgate das origens de se praticar o futebol. Segundo Priscila Musa, uma das idealizadoras e jogadoras do Baixo Bahia:

“o futebol é um dos esportes com a capacidade de unir, dentro e fora de campo, as diferenças sociais. É um dos mais acessíveis dos que conhecemos, pois basta uma bola, ou qualquer coisa que lembre uma esfera, para que o jogo aconteça. A esfera pode rolar em qualquer espaço, desde a rua, o quintal, as praças, embaixo dos viadutos, nos campos de várzea e até nos estádios. Diante da bola as diferenças se encontram...”

E é com este ideal o BABA faz suas intervenções urbanas e futebolísticas por BH. Textos, palestras, oficinas e claro as peladas são as ferramentas de luta por uma cidade mais acolhedora, com espaços públicos que sejam de fato públicos e que possam ser vividos por todos cidadãos e cidadãs.

A questão da festa, do lúdico estão sempre presentes nas ações do BABA, como é características muito comum quando tratamos do futebol. Pois, apesar da seriedade da luta encampada, a irreverência sempre faz parte deste contexto e desse movimento. Penso que é urgente que haja um processo de sensibilização e entendimento da realidade que se passa na cidade pelos seus cidadãos. E ações como a do BAixo BAhia ajudam bastante. Afinal, ocupar o espaço público e transformá-lo em um lugar de cultura e lazer é por si só um ato político de resistência muito importante e necessário. Quando a isso se soma uma sensibilização da população, principalmente jovens, esse fator transformador certamente é potencializado.

Iniciando a discussão acerca dos campos de várzea ameaçados pela especulação imobiliária e as parcerias público privadas, temos também um trecho de uma entrevista da arquiteta Priscila Musa, que cita o exemplo o campo do Santa Tereza, bairro bastante antigo e tradicional de Belo Horizonte:

“os campos de várzea exercem um papel fundamental. São espaços de resistência do futebol pés no chão, são indutores de vida urbana e promovem o encontro que só acontece no espaço público, coletivo, de festa. Estreitam relações sociais entre cidadãos que raramente se encontram, como é o exemplo do Campo de Santa Tereza, um bairro de Belo Horizonte. Ali jogam bola os meninos moradores dos casarões do bairro no mesmo time sem camisa dos moradores das Torres Gêmeas” (ocupação urbana em dois prédios que tiveram a construção abandonada).

No campo da barragem Santa Lúcia existe também uma organização dos moradores acerca do assunto de parceira privada para a “modernização” e gerência dos campos. A Associação Esportiva criado

pelos moradores do Morro do Papagaio é a responsável pelo campo e eles apontam que em Belo Horizonte (mas também em outras cidades do país) há um movimento crescente – que busca que os campos sejam cobertos com gramado sintético. Existem debates com o “pessoal da várzea” para avaliar os prós e os contras dessa mudança. A Associação Esportiva já foi contatada pela PBH para a sondagem de um possível interesse na instalação do gramado sintético no campo da comunidade, contudo os moradores do Morro do Papagaio que estão mais envolvidos com o futebol comunitário indicaram que a ideia parece ter sido rechaçada em um primeiro momento.

Existe a preocupação por parte da comunidade que eles percam o controle do espaço, principalmente em relação aos horários de uso do campo, que passaria a ser da empresa parceira da prefeitura. Além da questão dos horários, outra preocupação apontada é a manutenção do gramado. Segundo Santos (2019), esse é o principal motivo que faz com que jogadores e outros atores da várzea na cidade de São Paulo se coloquem contra essa modificação. Há uma nítida disputa sobre esse quesito. A resistência em aderir ao modelo por parte de alguns atores da várzea visa a manutenção de maior autonomia e disponibilidade de horários para uso da própria comunidade. Ainda analisando essa resistência, em certa medida, ela é uma objeção à mercantilização do espaço público o que também é apontado como um dos objetivos do Baixo Bahia.

O presente texto objetivou evidenciar, o contexto do futebol amador como uma alternativa para práticas de lazer de considerável parcela da população brasileira. Bem como, evidenciar a importância que esta prática futebolística possui para diversas organizações e grupos da sociedade civil que se contrapõe a uma lógica cada vez mais mercantilista das cidades. As investigações acerca desta temática se fazem presentes, interessantes, mas ainda, bastante necessárias. As histórias destas iniciativas e times merecem ser contadas continuamente. Dar visibilidade aos outros “futebóis” que temos é um desafio e uma responsabilidade. Não é só de Brasileirão e Libertadores que vive a esfera de couro.

Referências bibliográficas

Futebol e cidade. Disponível em <<https://terrorismobranco.wordpress.com/2012/01/11/futebol-e-cidade/>>. Acesso em 20/05/2022 as 20:48.

Disponível em <<https://www.facebook.com/BAixoBAhia/>>. Acesso em 20/05/2022 as 21:18.

Disponível em <<http://www.pbhativos.com.br>>. Acesso em 20/05/2022 as 21:53.

SANTOS. Futebol de várzea em São Paulo. Disponível em <<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/do-terrao-ao-society-campos-de-varzeaem-sao-paulo-sofremtransformacao,6a0ef530df53b67ee31c2b>>. Acesso em 21/05/2022 as 11:23.

Turismo em estádios de futebol: as experiências das visitas por meio dos tours

João Victor Hortencio

Os estádios de futebol possuem como característica a sua magnitude, desde as dimensões físicas até os eventos históricos, culturais e esportivos vivenciados nestes templos sagrados – também denominados de estádios. Nesse sentido, tanto os estádios quanto os novos modelos de arena, extrapolam os limites esportivos, congregando muito da história local e das memórias afetivas de seus frequentadores (MASCARENHAS, 2013). Destarte, estes equipamentos atraem torcedores e turistas interessados nas diversas sapiências do lazer, seja pelos aspectos culturais e esportivos ou até mesmo pelas próprias relações de sociabilidade que os envolvem.

Normalmente, a ida aos estádios acontece por meio das partidas de futebol, nas quais fãs se deslocam buscando assistir aos jogos e vivenciar uma experiência de torcedor. No entanto, as visitas guiadas e os *tours* despontam-se como outras possibilidades de experienciar as qualidades de um estádio de futebol, sendo possível conhecer as instalações utilizadas pelos jogadores (vestiário, sala de imprensa, campo) e o patrimônio móvel (troféus, fotos, vídeos e arquivos históricos) (HORTENCIO, 2019).

Além disso, citam-se as formas de conhecimento e divertimento proporcionadas por essas experiências, que ainda podem contribuir para estreitar os laços afetivos entre visitantes e clube/estádio. Aliás, isso explica o motivo da maioria dos *tours* – nos estádios – finalizarem as visitas nas lojas oficiais do clube, uma clara estratégia de exposição da marca com objetivos econômicos.

A capacidade dos estádios de atrair admiradores não é um fenômeno recente, tendo em vista que os deslocamentos de torcedores acontecem desde os primórdios do esporte. Em 1993, John Bale já abordava as transformações de *status* dos estádios, que passavam de um nível local voltado ao torcedor, para uma escala global disponível aos visitantes de todo o mundo (BALE, 1993).

Gilmar Mascarenhas (2013) referência nos estudos sobre futebol e torcidas, também destaca coletividade e os modos plurais do torcer que transformaram estádios em objetos pulsantes e ícones simbólicos de uma determinada localidade. Nesse sentido, relaciona-se a dimensão destes equipamentos esportivos com o fenômeno turístico, posto que os estádios de futebol integram a oferta turística de algumas cidades, sendo em determinadas situações os atrativos mais procurados do destino (PINHEIRO; ALBERTON, 2012).

Nesse sentido, essa prática de visitação e deslocamento aos estádios é classificada na literatura como “turismo de futebol”, “turismo futebolístico” ou “turismo em estádios”, nos quais ambos termos são empregados como sinônimos e estão inseridos no segmento do turismo esportivo. Desse modo, no turismo de futebol, o deslocamento turístico deve ter o interesse futebolístico, seja na visita para assistir jogos ou para conhecer os museus dos clubes e estádios (PAZ, 2009).

De acordo com Paramio, Buraimo e Campos (2008), o *Futbol Club Barcelona* foi o primeiro time a idealizar um *tour* pelo seu próprio estádio, no ano de 1984. Após o sucesso catalão, o Manchester United, no ano de 1986, também criou a sua proposta de experiência com um museu voltado ao futebol. Consoante à Oliveira (2021), o museu do Barcelona em seu segundo ano de fundação já tinha ultrapassado a marca dos 100 mil visitantes, e a repercussão do êxito catalão fez com que diversos clubes começassem a introduzir as visitas guiadas e criar centros de memórias e museus em suas dependências.

Tendo em vista a notável paixão pelo esporte, o turismo de futebol tem ganhado destaque por conta da procura pela vivência futebolística. Os visitantes buscam a experiência de passar um dia dentro das dependências de um clube, conhecendo ou relembando momentos futebolísticos e eventos históricos relacionados ao esporte e a cultura em geral. Ademais, podem visualizar exposições, painéis interativos, troféus, documentos históricos, instalações e equipamentos esportivos, dentre outros objetos e ferramentas pertencentes a um museu esportivo (HORTENCIO, 2019). Aliás, embora os *tours* remetam a fatos históricos, nem sempre a experiência – por parte do visitante – será buscada por conta da historicidade do esporte, dado que as experiências turísticas em estádios de futebol podem envolver aspectos sociais, culturais e outros interesses expressos pelo lazer.

Ao contrário das partidas de futebol, os *tours* possuem uma agenda mais flexível para turistas, dado que podem ser visitados fora do calendário de jogos, ou seja, em uma maior disponibilidade de datas. Todavia, mesmo com algumas diferenças de propostas, tanto a realização dos *tours* quanto o deslocamento para assistir partidas são práticas do turismo futebolístico, cada um com suas características e seus modos de vivenciar experiências em um estádio de futebol. Inclusive, o turismo de futebol também pode ser experimentado em diferentes níveis, isto é, em competições amadoras ou em torneios badalados e de repercussão mundial.

Ainda sobre o turismo futebolístico, o continente Europeu apresenta maior destaque, tanto na infraestrutura da oferta turística quanto na demanda (OLIVEIRA, 2021). Conforme dito anteriormente, grande parte das cidades europeias com alto fluxo turístico possuem algum estádio como um dos principais atrativos da região, como o Parque dos Príncipes na França, *Allianz Arena* na Alemanha, Estádio da

Luz em Portugal, *Wembley* e *Old Trafford* na Inglaterra, Santiago *Bernabéu* e *Camp Nou* na Espanha.

O caso do *Camp Nou* é apontado como um dos casos mais emblemáticos no mundo, uma vez que desde a implementação do *tour* no estádio, em 1984, o museu do *Camp Nou* já ultrapassou a marca de 35 milhões de visitantes. No ano de 2019, em um cenário anterior à pandemia provocada pelo vírus *Sars-CoV-2*, o museu recebeu aproximadamente dois milhões de visitantes, com um faturamento anual de mais de 40 milhões de euros. Além disso, o *Camp Nou Experience* é o terceiro atrativo mais visitado da cidade de Barcelona e ainda se encontra na lista dos 30 museus mais visitados no mundo (OLIVEIRA, 2021).

No Brasil, destacam-se principalmente dois estádios: o Pacaembu, sede do Museu do Futebol e elogiado pela interatividade e pela narrativa histórica do esporte; e o Maracanã, um dos principais atrativos da cidade do Rio de Janeiro, palco de abertura e encerramento de Jogos Olímpicos, duas finais de Copa do Mundo, dentre outros eventos esportivos e culturais. Por coincidência ou não, ambos estádios foram fundados no Século XX e não possuem um time local como proprietário. Em relação aos países da América do Sul, a casa do *Boca Juniors* da Argentina - *La Bombonera* - é considerada um dos principais atrativos turísticos de Buenos Aires, assim como o Estádio Centenário no Uruguai e o Estádio *Azteca* no México.

Contudo, ressalta-se a injustiça cometida por este texto, afinal de contas, quantos templos localizados no mundo não foram citados? Quem define se um estádio é turístico ou não? Existe algo mais subjetivo e pessoal do que o desejo do indivíduo de visitar um determinado local? Poderíamos ficar mencionando centenas de cidades e estádios conhecidos pelo seu apelo esportivo e turístico, entretanto, infelizmente as normas acadêmicas optam pelos recortes. Além disso, a visita em estádios de futebol pode estar relacionada com uma série de fatores que ultrapassam a esfera esportiva, como o contexto histórico, a arquitetura, a interatividade, a busca por diversão ou entretenimento. Portanto, em um esporte que envolve a paixão, para o estádio ser considerado turístico basta ele existir; e no caso dos *tours* ofertados como experiência turística, a lógica do mercado prevalece, principalmente por conta dos museus esportivos promoverem experiências e serviços a um público mais diversificado. De um lado, enquanto os clubes objetivam a expansão comercial, a valorização da marca e da sua própria história por meio dos *tours*, os visitantes também estão mais exigentes em relação aos serviços oferecidos pelos clubes e estádios (OLIVEIRA, 2021).

Apesar do texto apresentar uma visão fundamentada na perspectiva do fluxo turístico, compreende-se que as visitas em estádios de futebol podem ser um elemento propagador do conhecimento e da aprendizagem, funcionando como espaços de educação não formal e disponíveis para residentes e turistas. Ademais, acredita-se também no papel dos estádios como espaços proporcionadores das práticas sociais

de lazer, embora a atual conjuntura da gestão pública e privada destes equipamentos tenha caminhado para um outro destino. Sendo assim, entende-se que a história do esporte no Brasil se relaciona com a própria história do país e dos próprios valores simbólicos destes equipamentos, palcos de memórias e de manifestações culturais e esportivas que, portanto, necessitam ser preservadas e difundidas.

Referências bibliográficas

- BALE, John. Sport, space and the city. London. Routledge. 1993.
- HORTENCIO, João Victor. São Januário: Patrimônio Cultural e relevância turística para o Rio de Janeiro. 2019. 72 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2019.
- MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. Revista Cidades, v. 10, n. 17, 2013.
- OLIVEIRA, Jonathan Rocha. Turismo esportivo: a estruturação do Futbol Club Barcelona como atrativo turístico da cidade de Barcelona. 2021. 158p. Dissertação (mestrado) - Setor de Ciências Biológicas: Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.
- PARAMIO, Juan Luis; BURAIMO, Babatunde; CAMPOS, Carlos. From modern to postmodern: the development of football stadia in Europe. Sport in society, v. 11, n. 5, p. 517-534, 2008. DOI: 10.1080/17430430802196520. Acesso em: 13 ago. 2021.
- PAZ, Sérgio. Miranda. Turismo futebolístico: Campo aberto para novas conquistas brasileiras. In: PANOSSO NETTO, Alexandre; ANSARAH, Marília G. (Org.). Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas. Barueri, SP: Manole, 2009.
- PINHEIRO, Pedro.; ALBERTON, Anete. Turismo em estádios esportivos: estudo de caso do estádio Olímpico Monumental. Podium: Sport, Leisure and Tourism Review, São Paulo, v.1, n.1, p.04-27, 2012.

Futebol se aprende na escola?

Luis Gustavo Nicácio

Exatamente 12 anos depois da publicação da versão original desse texto revisito-o para compor esta coletânea em formato de livro e constatar que a pergunta ainda se faz necessária e a resposta segue muito parecida, mas com outros elementos para fundamentá-la.

A pergunta do título remete a uma questão discutida nos mais diversos espaços da sociedade. Muito se ouve dizer que futebol não se ensina, se nasce sabendo, se têm o “dom”. Arlei Damo discute muito bem esta questão em seu livro “Do dom a profissão”. Mas e o torcer? Já se nasce sabendo torcer? Jocimar Daolio (2000) observa que no Brasil a relação com o futebol vem desde o nascimento, quando a criança, especialmente os meninos, recebe um nome, uma religião e um clube de futebol. A partir deste momento estaríamos prontos como torcedores? Ora, nunca ouvi ninguém dizer que teve aulas de como torcer, e menos ainda venho propor algo próximo disso. Mas procuro aqui apontar algumas reflexões sobre como esta forma de engajamento no futebol está presente no nosso dia a dia e não pode passar despercebido e muito menos sem uma presença na dimensão escolar da vida.

Ao circularmos pelas cidades, com destaque para aquelas que são a morada de grandes clubes do futebol brasileiro, podemos perceber como a dinâmica do torcer se confunde com a cidade, com camisas dos clubes e/ou torcidas organizadas, pichações pela cidade, rodas de conversa, bandeiras, toques de celular com os hinos dos clubes. Assim, como no caso do jogar, existe um imaginário social sobre o que é torcer, ainda que, como dito por Arlei Damo (1998) exista a liberdade para que o torcedor pratique a sua fidelidade clubística. Ou como cada vez mais é comum a poligamia, visto o grande avanço do engajamento com equipes europeias em especial dos grandes centros do futebol. As formas de torcer dialogam diretamente com aquilo que se tem por identidade do torcedor, o mais apaixonado que segue incondicionalmente, que vão sempre ao estádio, outros vão ao estádio quando o clube está bem, alguns compram mais ou menos produtos de seu clube. Cada torcedor opera com o imaginário de como deve ser o torcedor de seu próprio clube, entretanto algumas questões que permeiam o torcer merecem atenção e acredito um trato pedagógico.

Roberto DaMatta (1994) afirma que o futebol é um meio pelo qual a sociedade brasileira se expressa e pontos como a violência dialogam diretamente com questões mais amplas da sociedade que somente o futebol. Destaquei a violência, a época do texto original, em função da sua forte presença nos discursos de professoras e professores que contribuíram em minha pesquisa de mestrado, defendida em 2010. Contudo, qualquer que seja o elemento social, podemos identificar nesta relação de via dupla e contínua entre o futebol e a sociedade brasileira, que, em alguma medida podem perpassar as aulas na escola, e aqui destaco, não só aulas de Educação Física.

Em minha pesquisa de mestrado busquei investigar se na percepção dos professores de Educação Física do Ensino Médio da rede pública de ensino de Belo Horizonte o torcer era um tema tratado nas aulas da referida disciplina e se estes o viam importante. Participaram da pesquisa 66 professores de escolas municipais, estaduais e federais, distribuídas por 61 diferentes bairros da cidade.

Antes mesmo do contato com os professores algo chamou a atenção, durante as ações de campo da pesquisa. Foi possível identificar, de diferentes maneiras, a presença do torcer em absolutamente todas as escolas em que estive para dialogar com os professores. Camisas de clubes/torcidas organizadas, chaveiros, bonés, mochilas, cadernos, toques de celular, cadeiras/mesas/paredes escritas com marcas de torcidas organizadas e/ou nomes/escudos dos clubes. Em um caso uma escola está situada em frente a uma sede de torcida organizada, outras duas encontram-se a menos de 200 metros de outras sedes.

Ao dialogar com os professores, pude perceber que eles não estavam alheios a esta presença constante do torcer nas escolas e procuravam dar trato pedagógico a este elemento do dia a dia na medida em que percebiam que se fazia necessário. Entretanto, apenas seis afirmaram já ter preparado alguma aula especificamente com foco de se trabalhar este tema em ao menos uma aula. Mas por que se faz importante trabalhar o torcer na escola?

A resposta a esta pergunta em parte está em outra, qual é o papel social da escola? Podemos dizer que é o da transmissão cultural, como afirmado por Fourquin (1993). Contudo é preciso destrinchar um pouco mais o entendimento de ambas as palavras utilizadas. Transmissão, não pode ser entendida como um mero exercício de repetir aquilo que está posto, sem problematizar, questionar, colocar em debate aquilo que podemos chamar de cultura. Ao mobilizar a dimensão da transmissão devemos imediatamente traçar um caminho de debate como premissa, assim, trazer o torcer para a escola como elemento a ser tratado como conteúdo não se vincula a um ensinar a torcer, mas a compreensão do fenômeno e suas variadas interlocuções na vida das pessoas. A segunda palavra, cultura, talvez já não seja mais uma preocupação do ponto de vista que Fourquin procura ampliar o entendimento, a saber, o defender que cultura para escola não se trata apenas da cultura dita erudita. Me parece que ao longo desse tempo a atenção precisa se dar no sentido de entender a cultura como continuamente em processo, em construção, como prática social. E os sentidos do torcer são aprendidos no cotidiano, seja num processo de aprendizagem que aproxima ou que afasta, que alimenta um número maior de experiências ou as torna menos acessíveis. E aí, retomando a ideia de um fluxo contínuo entre sociedade e o futebol, entre as manifestações da cultura em uma parcela significativa do país, esse fenômeno chamado futebol tem grande presença e está arraigado na cultura brasileira.

Especificamente o torcer é a forma de engajamento mais expoente de se integrar a essa prática, participar como torcedor mobiliza um conjunto de construções identitárias, de possibilidades de vínculos, de experiências de lazer entre outros pontos da vida das pessoas.

No texto de 2010, busquei exemplificar variadas formas de engajamento com o torcer e os diferentes “torceres” e “torcedores”. Após 2012 anos as possibilidades aumentaram e se diversificaram a partir de experiências múltiplas. Assistir a jogos agora está mais amplamente difundido numa diversidade de plataformas para além da TV, as modalidades de socio torcedor se diversificaram e as vivências e acessos que eles permitem também. Ao mesmo tempo as questões que se relacionam a ele também. De lá para cá, tivemos um a organização do campeonato brasileiro de futebol praticado por mulheres, aumento significativo de comentaristas mulheres, presença de narradoras, organização de torcidas específicas e com pautas feministas. Entretanto, o machismo e a misoginia seguem muito fortes na sociedade, apoiados inclusive numa plataforma nacional de um conjunto de governantes que não oculta suas posições nessa direção e mobiliza a eclosão desse entendimento de forma de estar no mundo como acertada e chancelada por figuras públicas.

O mesmo cabe para o racismo, com o número crescente de casos entre torcidas, jogadores e pauta continua nos programas de esporte. O surgimento do Observatório da Discriminação Racial no Futebol, bem como outros marcos ajudam a fundamentar e perceber a importância deste debate na formação das pessoas, e a escola não está a margem disso.

A dimensão do consumo e imposição de barreiras, sejam elas econômicas ou de outras ordens a presença das pessoas nos estádios, que ganhou mais força no país no pós Copa de 2014 também é um elemento central a essa discussão. O lazer um direito constitucional, que teve de alguns anos para cá uma escalada no cerceamento ao acesso a uma das mais representativas experiências de lazer da população.

E como dito a época, a academia não passou a margem disso, nós no GEFuT tão pouco. Nesse período de pouco mais de uma década entre o primeiro texto e essa nova versão, avançamos nas pesquisas, na interlocução destas pesquisas com a extensão e o ensino. Produzimos projetos de extensão, cursos de formação de professores, disciplinas na graduação e pós, publicamos livros e capítulos de livros diretamente dedicados a essa discussão.

Torcer certamente não se aprende na escola, contudo indubitavelmente a escola pode ser um espaço para reflexão desta forma tão agradável e adorada pelos brasileiros de se engajar no futebol e a academia, em diálogo com os professores da educação básica pode e deve contribuir para que esse espaço se qualifique cada vez mais.

Referências bibliográficas

- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas entorno do significado social do futebol brasileiro. Revista USP. P. 10-17. N22.1994.
DAMO, Arlei Sander. Do dom a profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. Porto Alegre: Hucitec. 2007.

_____ Bons para torcer, bons para se pensar – os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. *Motus Corporis*, vol 5, nº 2, 1998, Editora Gama Filho

DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo César

Rodrigues.(org). Futebol: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A.2000
FORQUIN, Jean-Claude. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do

conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas. 1993.

NICÁCIO, Luiz Gustavo. O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a educação física escolar. 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

Sobre o que pensam as mulheres? Notas sobre futebol, mulheres e pesquisa

Marina de Mattos Dantas e Luiza Aguiar dos Anjos

Nos causa um pouco de incômodo escrever sobre a temática “mulheres” nesse período, o “mês da mulher”. Explicamos: essa data é mais um daqueles mecanismos criados com a melhor das intenções, mas que geram um efeito de lugar ou tempo de exceção, *um* dia entre os 365 do ano para as mulheres serem exaltadas. Essa exaltação, não raro, também é bastante problemática, reafirmando pressupostos essencialistas sobre beleza, sensibilidade, instinto maternal e coisas do tipo. Não à toa, é comum que empresas presenteiem suas funcionárias com flores ou um “dia de beleza” e que torcedoras recebam rosas nos estádios ou participem de outras ações exploradas pelos departamentos de marketing dos clubes que, via de regra, não sustentam durante o ano outras práticas relacionadas a lutas sociais de mulheres pela garantia de respeito e participação no futebol em seu sentido amplo.

Reconhecendo, contudo, a visibilidade que a data acaba por produzir e a importância de discutir-se esse tema, escolhemos aproveitá-la para fazer uma homenagem não tão recorrente, abordando a relação das mulheres com o futebol também “fora das quatro linhas” e da arquibancada.

O futebol jogado por mulheres conquistou alguns espaços nesses últimos anos, sobretudo após a entrada de clubes tradicionais da elite da categoria masculina, determinada pelo PROFUT e pelas normativas das entidades gestoras do esporte. Sabemos que na maior parte dos casos a reabertura/criação de um lugar para as mulheres em seus clubes ocorreu mais por obrigação do que por acreditarem no futebol jogado por elas. Ter um time de mulheres em um clube tradicional hoje em dia, além de cumprir o acordo, é uma forma de agregar valor positivo à sua marca, ou seja, do ponto de vista mercadológico, “pega bem” para a sua imagem. São ainda raros os casos em que clubes investem a longo prazo e com projeto próprio no futebol de mulheres.

Em meio a essa onda de apoio a estas, pensamos sobre como certos espaços e tempos de exceção acabam sendo criados como “efeito colateral” de ações afirmativas da liberdade das mulheres. Mesmo na mídia alternativa, é raro encontrar colunistas em meio a tantos homens com a mesma função. Como exemplo, em sites alternativos à mídia tradicional, mas de longo alcance e prestígio entre quem acompanha futebol como o Impedimento, o Trivela e o Doentes por Futebol, havia em 2016, respectivamente, 17, 13 e 20 colunistas, totalizando 40, dos quais apenas duas eram mulheres, ambas do Impedimento. No que pese o reconhecimento de certa diversidade por todos esses veículos de comunicação, em 2022, até o momento de conclusão deste texto, apenas homens assinavam as colunas e matérias.

Claro, sabemos que o modo como as mulheres são acolhidas e tratadas na mídia esportiva - como atletas, jornalistas ou outras funções - não

deve ser avaliado a partir apenas da quantidade delas na redação. Todavia, essa informação não deve ser ignorada, e expressa uma desigualdade comum em outros ambientes nos quais, seja ou não de maneira intencional, os espaços reservados para as mulheres acabam ocorrendo de forma esporádica, se limitando à condição de fetiche (situação mais comum nos programas da mídia tradicional) ou em ocasiões especiais como um programa só com mulheres no dia reservado à elas, ou ainda durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino (como se este fosse assunto delas), por exemplo.

Diante desse cenário, por vezes as mulheres optam por se reunir em espaços “só delas”. O portal Dibradoras – produzido por mulheres para falar sobre mulheres para qualquer um que se interesse, pode ser citado como um exemplo do que denominamos aqui de lugar de exceção em um ambiente ainda avesso a uma maior presença cotidiana de mulheres falando sobre futebol, seja de homens ou de mulheres, dentre os supostos “entendedores” do assunto.

Essas exceções nem sempre se restringem ao dia da mulher. Em 2016, a campanha “Agora É Que São Elas”, voltada para discussão do machismo por mulheres em espaço cedido por homens em diversos veículos de comunicação – colunas em jornais e sites, blogs, canais do YouTube, etc – também foi adotada por jornalistas esportivos. Reconhecemos que atos conscientes de respeito vêm aumentando o espaço conquistado por mulheres nos meios de comunicação, mas, por outro lado, preconceitos reproduzidos sem intencionalidade continuam arraigados e naturalizados na produção desse campo. Assim, apesar do crescente apoio a uma maior participação de mulheres em espaços tradicionalmente masculinos, ações, para além dos atos públicos de respeito datados que rapidamente sucumbem em distrações cotidianas, se mostram necessárias.

Pensando em outro espaço no qual também convivemos, o da Academia, em 2016 tivemos a impressão de que a tendência a essa formação de espaços e tempos de exceção também se repetia. Nos pareceu que eram proporcionalmente poucas as mulheres que se dedicavam a pesquisar o futebol, e, boa parte daquelas que o faziam, se dedicavam a discutir a participação das mulheres na modalidade. Tendo isso em vista, em 2016 realizamos um breve levantamento dentre colaboradoras/es do Ludopédio, levando em considerações os textos da sessão Arquibancada e os artigos publicados presentes no perfil das pesquisadoras da Comunidade Ludopédica.

De um total de 704 membros encontramos 134 mulheres (19%) sendo que 98 delas não possuem textos publicados no *site*. Das 40 restantes, 29 – 72,5% – produziram textos sobre assuntos ligados ao futebol praticado por homens e sem discutir gênero. Apenas 10 escreveram sobre futebol jogado por mulheres ou sobre árbitras e torcedoras. E dentre essas 10, a metade também estudava e publicava sobre assuntos diversos ligados ao futebol vivenciado por homens.

Atualizando esses números em 2022, encontramos 1577 membros na Comunidade Ludopédica dos quais 204 são mulheres (12,9%), sendo que 84 delas não possuem textos publicados no site.

Das 120 restantes, 62 possuem publicações que não tematizam as mulheres no futebol (51,7%), 25 escreveram e/ou ainda escrevem sobre o assunto (sobretudo a respeito das jogadoras e torcedoras) e 34 tematizam tanto mulheres, como homens no futebol. É válido ainda mencionar que, dentre as autoras que se dedicaram mais ao universo dos jogadores e torcedores (entre outros atores do futebol), a discussão sobre masculinidades é quase inexistente, enquanto entre as autoras que focalizam ambos os universos aqui mencionados, essa discussão é mais presente.

Ainda que essa amostragem seja pequena para falar sobre as mulheres pesquisadoras no Brasil, reconhecemos que o Ludopédio é um importante concentrador de pesquisadoras/es sobre futebol e, portanto, consideramos esse reflexo importante no que diz respeito à participação das mulheres nas pesquisas sobre o tema. É notório também no Ludopédio o esforço empenhado ao menos desde 2020 para que a diversidade de assuntos abordados no portal – não somente nos textos, mas em seus vários canais – seja fomentado também por uma maior multiplicidade de vozes na condição de autoras.

Em 2016, a hipótese inicial era a de que havia poucas mulheres falando sobre futebol jogado por homens ou sobre torcedores. Mas, com esse rápido levantamento, descobrimos que a maioria das pesquisadoras que publicam no Ludopédio escrevem mais sobre outros assuntos do que sobre as experiências das próprias mulheres nesse esporte. Em 2022, constatamos que as autoras continuam falando mais sobre outras temáticas (96 de 120) do que sobre as mulheres no futebol (59 de 120). Além disso, embora tenha havido uma redução da proporção de mulheres na Comunidade Ludopédica, há mais que o dobro daquelas existentes há seis anos, muitas delas ocupando espaços de protagonismo no portal, tratando também, mas não apenas, de questões afeitas às próprias. Possivelmente, o amplo número de homens discutindo o universo dos homens no futebol faz com que as mulheres pareçam poucas, mas talvez não mais inexistentes, como em 2016 afirmávamos. Já na discussão da participação das mulheres, não apenas o percentual das colunistas que tratam do tema, aumentou (passando de 25% para 48,3%), como continuam sendo poucos os homens interessados, fazendo com que as pesquisadoras apareçam mais.

Esperamos ter deixado claro ao longo do texto que essa aparente menor visibilidade ou protagonismo não é baseada exclusivamente nessas diferenças quantitativas. Estas são antes sintomas, e não causas, das diferenças entre homens e mulheres no futebol, seja no campo ou no *campus*.

Nos tempos que vivemos, vale ressaltar ainda que somos a favor que as pessoas escrevam sobre o que queiram escrever. Mas é importante não perder de vista que esse “querer escrever” pessoal também é determinado por uma série de atravessamentos políticos e sociais que nos constituem como humanos, dentre eles as questões de gênero expostas aqui. Embora consideremos importantes os espaços para as mulheres e para se falar de gênero de maneira mais abrangente, pensamos ser igualmente interessante quando elas emergem em

contextos que não foram “separados” para elas ou constituídos como um “oásis” por elas próprias, e que também não sejam sozinhas responsabilizadas por dar conta da ainda incipiente reverberação dos estudos sobre as mulheres no futebol por não serem os homens incentivados tanto quanto elas a se interessarem por esses temas.

Estádio sem partido? A política da vida “neutra” nas arquibancadas

Marina de Mattos Dantas e Georgino Jorge de Souza Neto

Nesse texto retomamos (ou continuamos) um assunto já tratado em outras oportunidades aqui na sessão Arquibancada do Ludopédio: as relações entre futebol e política.

O tema, oportunamente escolhido para a ocasião, surgiu a partir dos últimos debates ouvidos pelas ruas, nos estádios e nas mídias sociais sobre os limites das manifestações políticas nos estádios, bem como da recente discussão sobre a neutralidade política nos currículos e programas escolares (a chamada *Escola sem Partido*), inspiração para o título do presente ensaio opinativo.

Se para muitos que não têm certa intimidade com o esporte e com o torcer, o futebol pode parecer um mero instrumento de manipulação e perpetuação da corrupção sistêmica e endógena das instituições – rendendo, muitas vezes, aos que gostam desse esporte, a alcunha de “alienado” –, dentre os amantes da bola, alguns parecem fazer questão de assim enxergar o estádio: como um espaço “apolítico”.

Nessa acepção, o apolítico é, por vezes, anunciado como sinônimo de apartidário ou suprapartidário, outras vezes entendido estritamente como um contexto em que a política, em sentido mais amplo (e, ao mesmo tempo, seletivo), não deve estar presente. Este entendimento enviesado corrobora com a equivocada noção de que o futebol é o ópio do povo, como se o mesmo não fosse um espaço em íntima relação com as conjunturas políticas e econômicas que o circundam e transpassam.

Houve um período no qual (alguns) estádios suportavam a presença de 100 mil, 200 mil pessoas e a principal fonte de renda dos clubes era a bilheteria. Estes espaços eram, sim, populosos, por conta do interesse em levar as pessoas para dentro deles. Podemos perceber esse movimento de “superpovoamento” dos estádios principalmente entre os anos 1940 e 1970. Acreditava-se, que estando nesses espaços, torcendo para seu time ou seleção, as pessoas não teriam tempo e/ou disposição para revoltar-se ou contestar o que quer que fosse. Com o tempo, descobriu-se nisso um ledo engano.

Em algum momento naquele mesmo período, as torcidas organizadas se configuravam, muitas delas estimuladas pela vontade de participação na vida dos clubes e também pela situação política do país – principalmente nos anos de 1964 e 1985, durante a ditadura civil-militar.

Longe de romantizarmos as intenções que fomentavam os estádios lotados nesses momentos anteriores, hoje vivemos uma época na qual, ao contrário, não se aposta tanto na presença de pessoas nos estádios. Não é que estas sejam dispensáveis, mas atualmente as cotas televisivas e os patrocínios importam mais que a bilheteria e é preciso uma audiência também do lado de fora. Quanto a essas pessoas – os

torcedores – um torcer asséptico, ordeiro e consumidor do estádio e de seus produtos é a (não tão nova) tendência. Um requisito para um novo *modus operandi* de ser e estar nestes lugares.

Mas não estamos dizendo com isso que, de repente, um novo modo de torcer surgiu e se instalou como condição *sine qua non* de existência. Novos modos de torcer surgem também de transformações políticas, econômicas e sociais. Os torcedores continuam a existir em sua diversidade até mesmo entre as torcidas organizadas, nas quais essa diversidade nem sempre é percebida.

Para ficarmos apenas no caso brasileiro – porque o Brasil já é muita coisa – a diversidade de modos de torcer é enorme nos clubes – as torcidas se organizam por motivos diversos além do time, algumas mais e outras menos disposta a confrontos físicos com adversários. Torcidas e torcedores divergem o tempo todo: sobre a escolha do técnico, dos jogadores, nas disputas de espaço dentro dos estádios, sobre o melhor lugar para assistir ao jogo. Disputam poderes e negociam vantagens. As torcidas – organizadas ou não – estão longe de ser uma massa homogênea e compacta de pessoas que pensam todas do mesmo jeito e na mesma direção.

No caso das mencionadas Organizadas, conhecidas e reconhecidas por um tipo de violência que criminaliza a instituição e todos os seus integrantes indiscriminadamente (e para as quais várias outras violências sofridas e praticadas são aceitas e silenciadas), a diversidade inclusiva atual tende a abarcar nos estádios aqueles membros que tenham dinheiro para consumir, convertendo-os em sócios-torcedores individualizados, ainda que reconhecidos como pertencentes a uma mesma categoria.

É o sócio-renda-fixa o novo público-alvo preferencial dos clubes. Nesse contexto, os torcedores organizados são indesejáveis para os padrões de certas forças econômicas e sociais, pois representam um antigo e desqualificado jeito de torcer, trabalhoso, oneroso e, portanto, desinteressante para os negócios do futebol e para os movimentos político-institucionais do clube. São esses também os torcedores que, mobilizam, via de regra, os outros diversos torcedores no apoio ou na crítica aos clubes ou a quaisquer outras situações que queiram apoiar ou rechaçar nesse meio.

A substituição paulatina desses torcedores dos estádios por aqueles que se aproximem mais do torcedor-consumidor mencionado por Alvito em 2006 – pouco participativo e sedento por seus direitos (de consumidor) – é o imperativo atual e isso não é novidade. Torcedores que não necessariamente estão organizados, apesar de alguns deles também estarem nas organizadas, mas que sejam *neutros* em relação ao que os rodeia e permeia – alheios à organização do espetáculo –, apatridários e apolíticos.

Retornemos então ao *apolítico*. Como é possível dizer, dentre todas essas relações que os permeiam, que o futebol e o torcer devem ser apolíticos? Não seriam essas mudanças efeitos de uma nova organização política de arquibancada?

Parece que há certo esquecimento – proposital ou não – sobre como produzimos as experiências culturais do cotidiano. Não há, e nem pode haver, neutralidade em quaisquer campos de atuação humana. Simplesmente porque não somos imunes àquilo que nos toca. É como se ao apoiar os nossos clubes não apoiássemos, por tabela, uma série de modos de se conduzir o espetáculo esportivo e a própria conduta dos torcedores. E é como se as transformações da política institucional não impactassem no cotidiano das pessoas que vivem e torcem.

Reações ocorridas depois que torcedores levantaram faixas de *Fora Temer* e *Globo Golpista* em alguns desses espaços expõem a ferida do problema (ou onde queremos pôr o dedo). Junto a elas, coexistiram reações de apoio e de não-aceitação, de organizadas e de não-organizadas, bradando que o país está dividido (como se um dia ele tivesse sido unificado) e que, portanto, tais manifestações não devem ocorrer nas arquibancadas.

Ora, a questão é perceber quem e como resiste e/ou adere à noção de estádio como espaço de contestação e publicização das fissuras sociais conforme a faixa levantada. Que papel ocupam torcedores neste cenário? E os organizados, como se posicionam? Em que medida as mudanças provocadas pelas novas arenas alcançam também os comportamentos no interior destes espaços?

Vamos a um outro exemplo. Por ocasião do polêmico desfile do uniforme do Atlético Mineiro para a temporada 2016 na qual torcedoras do clube lançaram uma nota de repúdio que, concordando com Leda Costa, entendemos que “não se restringe ao evento em si, mas faz dele uma oportunidade para mostrar os diversos modos de exclusão e preconceito que afetam a muitas mulheres no ambiente futebolístico”, rapidamente, interpretações que julgavam a nota como moralista, alegando que o incomodo das mulheres era meramente a exposição do corpo feminino, se alastravam pela opinião pública.

Diante desse acontecimento, podemos pensar, por exemplo, em que mensagem passam algumas torcidas do Galo (e de outros clubes) ao posicionarem-se, espontaneamente, como grupo, em apoio a um fornecedor de materiais desportivos – e, de certa forma, contra as torcedoras que reivindicam para si, estereótipos menos clichês –, não seria esse um posicionamento político contra a fala daquelas mulheres? Já ao negar a autoria das faixas *Globo Golpista* e *Fora Temer* o mesmo grupo de torcidas afirma que “nas torcidas organizadas existem pessoas de todos os grupos políticos e por isso respeitamos as opiniões de todos. Porém, dentro dos estádios, entendemos que nosso papel é exclusivamente de apoiar o Galo!”, não estariam essas torcidas, em ambos os casos, desempenhando um papel político?

Esses dois exemplos, longe de serem únicos no universo do futebol, nos fazem pensar que, junto ao *apolítico* acopla-se uma concepção de neutralidade, de uma verdade que não deve ser tocada por outras verdades que são eleitas como *ideologias*. Não é de hoje que essa temática invade as arquibancadas, mas vemos essa discussão ganhar força, principalmente quando acontecimentos de potente

impacto social extravasam os interstícios de nichos pontuais e alcançam o ambiente aparentemente apolíticos do futebol.

Em que medida um *estádio sem partido* não aponta para uma ordem de *deixemo-nos conduzir*, regido por um novo investimento no futebol como ópio do povo, no qual determinados valores são construídos no embate das relações de poder e, notadamente, pelos fluxos de mercado que regem o espetáculo atual?

Não temos respostas para essas questões, mas sim certas desconfianças...

Um imperativo de despolitização que antes vinha de fora, de uma “censura por parte dos poderes políticos e econômicos estabelecidos” ainda se faz presente, cada vez mais presente, em uma ordem vinda de torcedores sobre os próprios torcedores. E, nesse movimento, vale o alerta sobre quando *todos juntos* deixa de ser consequência e passa a ser imperativo.

Diante disso, como reinventar liberdades (para além das de mercado) nas arquibancadas?

Que possamos ser capazes de enxergar nos estádios a vida que existe fora dele. Que a beleza das diferenças seja respeitada, sem temer jamais (e sem o perdão do trocadilho)! As lutas continuam e devemos estar atentos a quais vozes acabam sendo silenciadas.

Voltando às faixas... bem, se alguns grupos fazem questão de deixar claro que nada tinham a ver com elas, vamos observar se estas continuarão ou não aparecendo. As torcidas podem ser apartidárias, mas mesmo que queiram, nunca serão apolíticas. Contra, a favor do Temer ou de lado algum, as torcidas e os torcedores continuam sendo criminalizados por suas paixões, pagando ingressos caros, seguindo horários escolhidos à revelia de seus interesses, uma ordem e o progresso que é também de outra bandeira que não a dos seus times.

Todos nós, mesmo sem partido, falamos de algum lugar (nem sempre sendo escutados de maneira equânime). E escolher quando falar e quando se calar é também, e sempre, um ato político.

A quebra da tradição: a invencibilidade de um eterno perdedor

Mateus Alexandre Silva e Mauro Lúcio Maciel Júnior

A identificação de um torcedor com o seu time de futebol pode se dar de várias formas, dependente da influência de diferentes fatores. Uma campanha vitoriosa, um time marcante, um grande craque, a influência da família e muitos outros elementos são comumente imaginados como ponto de partida da paixão futebolística. Nesse sentido, alguns pesquisadores pontuam que o pertencimento a uma torcida é muito mais uma questão afetiva (frequentemente mediada na infância por relações familiares) do que uma relação institucional entre um clube e seus sócios (GASTALDO, 2003).

Como questão afetiva, o torcer por um clube ganha uma dimensão que extrapola os limites do simples apreço por uma agremiação e começa a estabelecer relações com as identidades de cada pessoa. Assim, não é raro encontrar pessoas que se vangloriam dos feitos do seu time, se colocando numa posição privilegiada em discussões com torcedores adversários por se imaginarem detentoras das conquistas obtidas pela equipe para a qual torcem. Não por acaso expressões como “Sou campeão de tudo”, “Sou do tempo daquele timaço de 73”, “Quando nós tínhamos aquele camisa 10, não tinha pra ninguém”, “Lembra daquela goleada em cima do seu time?!” fazem parte do cotidiano dos amantes do futebol.

No entanto, como toda regra tem sua exceção, a situação descrita acima não se aplica de forma integral à realidade. Uma prova disso pode ser encontrada na cidade de Paulista, situada na região metropolitana do Recife e habitada por cerca de 300 mil pessoas. A referida cidade ficou conhecida por abrigar o Íbis Sport Club, time que ganhou projeção nacional e internacional ao entrar no *Guinness Book* – Livro dos Recordes – com a honrosa classificação de “pior time do mundo”.

Fundado em 1938 como forma de entretenimento para os trabalhadores da Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco (TSAP), o Íbis ficou conhecido a partir do início da década de 1980 devido aos resultados obtidos nos gramados, os quais deram vida a uma extensa lista de insucessos. Naquele período o time ficou três anos e onze meses sem uma vitória sequer, tendo entrado em campo 55 vezes e acumulado 48 derrotas. Outros números marcantes acompanham a trajetória do Íbis: sua 100ª vitória em jogos oficiais só ocorreu aos 61 anos de idade e, segundo um levantamento realizado em 2005, em 1064 jogos disputados, o Íbis conseguiu a proeza de vencer apenas 137, empatar 145 e perder os demais 782.

Se dentro de campo as coisas não costumam caminhar muito bem para o Íbis, é possível dizer que a sua vocação possa estar no folclore. O “Pássaro Preto”, como também é chamado, tem como maior ídolo um jogador-cabeleireiro conhecido como Mauro Shampoo, meia do clube entre os anos de 1980 e 1990. Esse jogador símbolo é notável, além

da bela cabeleira, pelo fato de ter marcado apenas 1 gol envergando a camisa rubro-negra. A sua popularidade que pode ser vista em manifestações tanto nos jogos da equipe, quanto nas ruas da cidade, rompeu fronteiras ao ser celebrado por Oswaldo Montenegro, no álbum “A partir de agora”, que trouxe ao público a canção “A Incrível História De Mauro Shampoo”, onde uma ode ao sucesso do fracasso futebolístico do clube (e de seu principal jogador) também é evidenciada:

[...] Mas o anti-craque dessas lidas / No intervalo das partidas / Só porque Deus acode / Pega a tesoura, pente, escova, creme rinse / Mãos de fada, olho de lince / Faz cabelo e bigode / Meio pereba, artista, herói, cabeleireiro / Mete a bola no cabelo que o cabelo sacode / Mauro Shampoo faz do vexame uma festança / E avisa toda a vizinhança / Olha hoje à noite: pagode! / E agradecido a Deus por tudo conquistado / pelo gol nunca alcançado / É feliz como pode.

No dia 17 de setembro de 2017, porém, iniciou-se uma jornada singular na história do Íbis. Após dois anos sem vencer um jogo sequer, o pior time do mundo inaugurou uma sequência de 3 vitórias seguidas, que culminou na ocorrência de uma invencibilidade que durou 6 jogos na série A2 do Campeonato Estadual de Pernambuco. Tal acontecimento colocou o clube na mídia por uma razão nunca antes imaginada: a revolta pela boa fase da equipe.

A insatisfação dos torcedores teve início após a vitória do Íbis por 1×0 sobre o Vera Cruz, pela primeira rodada do torneio estadual. Terminada a partida, no Twitter oficial do clube (@ibismania) foi veiculada uma imagem de pichação de um muro com os seguintes dizeres: “*ACOBOU A PAZ*” (sic), onde, de forma bem humorada, era simulado um protesto no muro da casa do presidente do Íbis, em decorrência da revolta de seus adeptos pela vitória alcançada.

Se alguma tensão já podia ser observada após essa primeira vitória, o clima entre o Íbis e seus torcedores foi piorando com o passar do tempo. Findado o jogo que decretou o acúmulo de três êxitos consecutivos, a situação rompeu a esfera da Série A2 pernambucana e ganhou projeção nacional e internacional. A invencibilidade e a liderança no campeonato colocaram o clube em evidência em mídias televisivas, impressas e digitais. Superesportes PE, Gazeta do Povo, Jornal O Globo, Fox Sports Brasil, UOL Esportes, AQUI PE, Goal Itália, Estadão, globoesporte.com, Sportv, foram alguns dos veículos a retratar o assombroso acontecimento.

Ainda na onda da terceira vitória veio a imagem mais marcante de todo o processo, no dia 26 de setembro. Divulgada pelo Twitter oficial do clube, a imagem mostrava torcedores “protestando” contra um time vencedor, segurando cartazes com palavras de ordem. Apesar de composto por apenas dois torcedores, esse não era um protesto qualquer, uma vez que mostrava, entre os torcedores insatisfeitos, o grande ídolo Mauro Shampoo.

Como toda tempestade chega ao fim, no dia 15 de outubro de 2017, a tranquilidade foi novamente estabelecida entre os torcedores

do Íbis e seu clube. Nesse dia, a fase vitoriosa e invicta da equipe chegou ao fim, através de uma derrota sofrida dentro de casa para a equipe do Cabense, pelo placar de 0x2. Apesar disso, a evidência do processo não foi apagada e, mesmo findada a série invicta, o Íbis continuou a ser notícia mundo afora.

Dados os fatos narrados, é possível perceber a presença de diferentes temas a serem discutidos numa ótica de interpretação do futebol como temática de interesse das ciências sociais. Mais do que contar essa história de forma bem humorada, o presente texto busca dar luz a reflexões importantes sobre o universo desse esporte, as quais envolvem aspectos como o torcer, a tradição, a identidade e a mídia.

O Íbis e seus torcedores não se enquadram no imaginário mais comum das motivações que originam as paixões concernentes à relação entre torcedor e time de futebol. Quando imaginamos o Íbis, o que vem à nossa mente está diretamente ligado ao folclore em que o clube está inserido, o qual foi construído às custas de muitos maus resultados, unidos à apropriação positiva dos insucessos por parte de seus torcedores, que se orgulham dessa tradição de time perdedor. Esse processo, assim como todos aqueles que remontam à criação de elementos distintivos vinculados à identidade de um clube de futebol, se encaixa no contexto de formação de “tradições inventadas”. Estas, por sua vez, representam um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas e abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBBSAWM, 1984).

Desse modo, é possível dizer que enquanto muitos clubes reivindicam para si *status* de “clube campeão”, “clube popular”, “clube lutador”, dentre outros rótulos que são entoados por seus torcedores – e que remetem a valores dotados de conotação positiva dentro da sociedade –, o Íbis realiza exatamente o oposto, ao valorizar e defender sua história como “clube perdedor”. Apesar disso, em ambos os casos, nota-se a presença da tentativa permanente de fazer com que o presente mantenha a escrita da tradição construída no passado, a qual foi formada através do tempo e tornou-se parte de uma identidade que une os torcedores de uma mesma equipe.

A presença da tradição representa, portanto, um elemento considerável para o forte elo existente entre um torcedor de futebol e seu clube, independentemente de qual seja a natureza dessa tradição. Assim, na relação entre torcedor e clube, encontramos vínculos diferentes de outras que são comumente estabelecidas dentro de nossa sociedade. Um consumidor que fica insatisfeito com um tipo de sabão em pó, ou tem uma experiência desastrosa com um restaurante ou com um pacote turístico pode, simplesmente, trocar de marca ou não se relacionar novamente com a empresa que lhe proporcionou a experiência desagradável. Já o torcedor, quando está insatisfeito com o seu clube, desmotivado de ir ao estádio, descrente da possibilidade do time ter algum resultado positivo, ou de dar sequência à tradição que ajudou a

construir a ligação que o levou a torcer para ele, o que faz? Mantém-se leal ao seu time (ESPARTEL, NETO e POMPIANI, 2009).

Não é só isso! Algumas vezes, como no caso relatado sobre o Íbis, o sentimento de identificação com a tradição é tão forte que os torcedores chegam até a tomar parte em um processo que busca a “retomada” da história de seu clube. Assim, a ocorrência de fatos que poderiam colocar em curso uma “descontinuidade” no folclore do “pior time do mundo”, promoveu uma onda de “protestos” que, mesmo bem humorados, foram reveladores da existência de uma identificação entre os torcedores do Íbis e a tradição de derrotas do clube.

No entanto, outro fato sobre esse movimento merece ser problematizado. Tal questão diz respeito à apropriação de conceitos e práticas hegemônicas por parte de pessoas que, geralmente, são colocadas à margem do processo, por não possuírem acesso a elementos socialmente valorizados. Assim, observamos no caso do Íbis um misto entre um descontentamento (aparentemente falso) e uma alegria pela equipe estar finalmente obtendo as vitórias tão valorizadas no futebol e na sociedade. Mais do que isso: em muitos casos, o Twitter oficial da equipe e seus torcedores tomaram para si o papel de hegemônicos para reforçar, de forma bem humorada, o estado vitorioso do Íbis perante os adversários. Exemplo disso foi expresso nas redes sociais do clube que retrataram o orgulho de ser “o único clube ainda invicto no Brasil” – em uma postagem fazendo referência ao fato de o Corinthians não estar mais invicto no Campeonato Brasileiro da série A.

No que diz respeito à própria identidade dos torcedores, os elementos trazidos à discussão trazem aspectos reveladores de nossa realidade social atual. A ambiguidade de sentimentos representada pela insatisfação e pela alegria relacionadas à fase vitoriosa do Íbis mostra, como proposto por Hall (2015), uma fragmentação das identidades dos sujeitos “pós-modernos”, a qual estaria vinculada à transformação das sociedades modernas no final do século XX. Aliado a isso, aparecem as mídias sociais, com seu poder de dar luz e voz aos embates relacionados à identidade torcedora vinculada ao Íbis.

Tamanho foi o sucesso do fato, que ele acabou tomando uma esfera midiática superior às redes sociais do clube e de seus torcedores. Esse rompimento de fronteiras mostrou o contrário do que normalmente acontece em relação ao interesse futebolístico no Brasil, fortemente marcado pela regionalidade decorrente da vinculação afetiva (GASTALDO, 2003). Com a sua improvável sequência de bons resultados, o Íbis, clube regionalizado, passou a ser assunto de interesse de amantes e profissionais do futebol no Brasil e mundo afora, mesmo que essa atenção não tenha configurado uma relação de torcer pelo clube.

Notamos, por fim, que nem só de vitórias é construída a relevância de um clube de futebol, que diferentes são os fatores de identificação dos torcedores com um clube e que diversos são os fatores que podem o levar a ser objeto de interesse do público e da mídia. Ao longo de sua história, o Íbis Sport Club mostrou que, independente dos bons resultados, a tradição construída de ser o “pior time do mundo” deu e

sempre vai dar o que falar. Ser considerado o pior, de fato, lhe coloca na condição de melhor time do mundo quando o quesito é ser o pior!

Referências bibliográficas

GASTALDO, Édison. A Pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: ANPOCS – Associação Nacional em Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, XXVII, Caxambú. Encontro Anual da ANPOCS, ANPOCS – Associação Nacional em Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2003.

ESPARTEL, Lélis Balestrin; NETO, Hugo Fridolino Müller; POMPIANI, Ana Emília Mallmann. “Amar é ser fiel a quem nos trai”: a relação do torcedor com seu time de futebol. Organizações & Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador. vol. 16, núm. 48, jan-mar, p. 59-80, 2009.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 12^a edição, Lamparina, 2015.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 9-23, 1984.

TWITTER. @ibismania – <https://twitter.com/ibismania>

Futebol na Garça: a diversão dos agregados

Mateus Alexandre Silva

Esse texto é dedicado às pessoas que fizeram parte da história de Quartel Geral, muitas vezes trabalhando pesado no campo, e que, mesmo com o corpo cansado, uniram forças para ter no futebol um momento de alegria!

Quartel Geral é um pequeno município do interior de Minas Gerais, hoje com uma população de aproximadamente 3.330 habitantes, localizada na microrregião do Alto São Francisco na porção centrooeste do estado. Assim como muitas cidades da região, Quartel Geral tem suas histórias que carregam curiosidades que mesmo sem tantas imagens para reafirmar, soam como algo encantador.

Cresci ouvindo sobre times de futebol nas comunidades rurais e até frequentei alguns jogos na minha infância, mas, em especial, há um movimento futebolístico me chamou a atenção e que infelizmente não presenciei. Na metade da década de 1960, na região da Garça, onde se concentravam grandes fazendas e hoje marcada por propriedades diluídas, depois de passarem pelo processo de divisão de heranças, existiu um time de futebol que encantava os amantes do esporte bretão e ao mesmo tempo era símbolo do tempo de lazer e diversão da população que morava nas cercanias.

Após o falecimento do senhor Cornélio Rodrigues de Araújo, foi feita a divisão de suas terras para seus filhos. Vicente Rodrigues de Araújo, conhecido como Moreno, já dono de sua parte das terras do pai, proporcionou o início de uma cultura futebolística na região. Alimentada por sua paixão pelo futebol e também pelo mesmo gosto de um dos seus agregados, deram início a todo esse processo.

Para entender a história é preciso desenhar o contexto da região, não somente a região da Garça, mas também de Quartel Geral. Emancipado em 1953, o município era carregado de acontecimentos marcantes que foram substrato para essa e muitas outras histórias. Nos anos 1960, o regime trabalhista vigente na região não era o emprego nos moldes da CLT, o que vigorava era a condição de agregados no meio rural, visto que a cidade de Quartel Geral não havia passado por um processo de criação de indústrias ou empresas.

É importante pensar a categoria “rural”, que carrega em si a diversidade das próprias relações entre os espaços rurais e urbanos – e entre as populações do campo e das cidades – tais como se modificam histórica e socialmente, no tempo e no espaço (WANDERLEY, 2000), mantendo um elo que às vezes as tornam indissociáveis, ainda mais quando se apropriam de elementos uma da outra. No referido contexto, há um encontro entre elementos rurais (o meio de vida e subsistência dos agregados) e um elemento urbano (o futebol).

Os autores que estudaram o meio rural não exportador brasileiro debateram o tema da agregação, que foi frequente em todas as regiões do Brasil, e não só no meio rural: os romances e as memórias da cidade do século XIX são repletos de referências aos agregados às famílias (RIBEIRO, 2008). Esses agregados eram grupos de famílias inteiras que residiam nas fazendas e, em troca da moradia, cultivavam a terra, criavam animais para abate e também ajudavam nas tarefas da propriedade, não existindo salário, o que girava a economia e a subsistência local para a parte dos agregados era a parcela da produção que a eles tocavam. Aos proprietários ficava a outra parte da produção, nem sempre dividida ao meio, e também a mão de obra que era oferecida paralelamente à estadia dos agregados em suas terras.

Outro fato comum em relação a esse quadro, era a presença de mais de uma família na propriedade, geralmente com um alto número de componentes. Ribeiro (2008) aponta que a relação entre fazendeiros e agregados era flexível, o trânsito de agregados era livre, permitida a entrada e saída de uma para outra fazenda. Quando se ouve histórias do passado, de pessoas mais velhas, são comuns as referências sobre a fazenda ou a região que o personagem dessa história foi “criado”.

Exatamente de um agregado veio a ideia de construir um campo de futebol. Apaixonado por futebol, Dairinho, acompanhava todos os jogos possíveis em seu rádio de pilha. Sendo nascido e criado na região, não tinha conhecimento de como era de fato um estádio como o Mineirão, onde o seu Cruzeiro encantava com o fantástico time dos anos 1960. A falta de energia elétrica na região fazia com que o rádio a pilha fosse o meio de comunicação mais famoso e apreciado, e também um grande pilar influenciador cultural.

Dairinho, como é conhecido Adair Carvalho da Silva, hoje um comerciante longevo na cidade de Quartel Geral, era mais um dos muitos filhos das famílias agregadas da fazenda da Garça. Segundo o relato do mesmo, ele era “o protegido” da família proprietária e gozava de privilégios. Essa aproximação e gosto pelo futebol o encorajou a falar com o proprietário sobre a possibilidade de construir um campo de futebol na fazenda.

Segundo o seu irmão, José Maria Carvalho (Zé Maria), Dairinho tomou a iniciativa e, com a autorização do dono, iniciaram a construção do campo. Nas palavras de Zé Maria: *construímos o campo com as próprias mãos, usando enxadas para nivelar e “enxadeco” para arrancar os cupins e “murundus” que eram retirados com carrinho de mão.* A comunidade local foi a responsável por todo o trabalho, que acontecia depois das tarefas rotineiras.

No início das atividades no campo de futebol, ainda não existia o time da Garça, era apenas um espaço onde o pessoal desfrutava para treinar, ou também, brincar, nas palavras dos entrevistados. Ali chegavam jogadores de outras regiões para jogar, vindo principalmente das regiões próximas, Marmelada, Cubatão, Esteios, Campo Alegre, nas sessões de futebol que aconteciam nas quartas e sextas, e às vezes aos domingos. O número de jogadores era alto, pois, segundo Dairinho,

formavam-se dois times e sobrava muita gente de fora, no decorrer da atividade havia tempo para que todos jogassem.

Para Vitor Melo (2011), o lazer pode ser majoritariamente compreendido como um fenômeno urbano, herdeiro direto da organização e crescimento das cidades modernas. As diversões, não necessariamente. Nesse contexto é perceptível o engajamento dos envolvidos com a intenção da diversão, dadas às circunstâncias locais, o fato de encabeçarem o movimento de construção do campo e de acolher jogadores da região qualifica quais as intenções, bem como a organização de um tempo social (MELO, 2011), que foi incrementado pela prática do futebol.

Depois de um tempo, o time da Garça foi formado efetivamente. Passaram a jogar contra times da região, entre eles o Cabiúna (da região de Esteios), o Marmelada (da região onde nasce o rio de mesmo nome), o Campo Alegre (um povoado do município de Quartel Geral). Essas localidades eram vizinhas e isso facilitava o deslocamento dos jogadores depois de cumprirem suas atividades obrigatórias.

O movimento do futebol na fazenda da Garça ficou popular na região. Alcides Gonçalves de Sousa, outro morador da região na época, conta que os jogos aos domingos movimentavam a população local que se deslocava a cavalo, de carroça, de bicicleta ou mesmo caminhando para assistir às partidas, era um movimento diferente e acabava por ser ponto de encontro dos moradores que queriam ver o jogo ou dos que queriam apenas conversar. O time formado principalmente por Belo, Dirceu, Zé Joana, João do Mateus e Artumiro; Demarinho, Carlinho Ventura, Zé Maria e Geraldinho, Zé do Aprígio e Dairinho, se tornou conhecido e era o ponto central da festa dos agregados, que tinha confraternização com galinhada e cachaça como elementos principais, e um pequeno comércio, montado por Dairinho, ao lado do campo.

Por mais que muitos comportamentos se assemelhassem a comportamentos urbanos, esse contexto é referência e exemplo de uma sociedade rural, pois o meio rural é identificado ao “meio natural”, lugar por excelência da agricultura [e pecuária] e da vida social camponesa, distinto, portanto, da cidade, considerada como um “meio técnico” (WANDERLEY, 2000).

Dentre as peculiaridades do time, a bola era um dos pontos principais. Já que era quase impossível comprar uma bola na região, o time desfrutava de apenas uma bola, era uma de “capotão, número 5” que era muito pesada e, nas palavras de Zé Maria, lhes deu vantagem quando saíram para jogar e tinham acesso a bolas mais leves. Outro ponto marcante era a existência de um rateio entre os participantes que com o dinheiro acumulado compravam uniformes e pagavam as viagens de “pau-de-arara”, famoso meio de transporte sertanejo que era um caminhão com um toldo na carroceria, muito importante visto que o time começou a se aventurar em localidades mais longínquas e também em outras cidades.

O time também começou a receber jogadores da cidade de Quartel Geral e também a emprestar seus talentos para outros times das comunidades rurais ou da cidade. Melo (2011) aponta que no período

anterior à modernidade as atividades rurais de diversão eram relevantes fatos sociais que ajudaram a entender certos quadros sociais. Até porque, em muitos momentos da história, as cidades não tiveram a centralidade que ocuparam a partir do século XVIII e, mesmo nos anos 1960 e 1970 do século XX, Quartel Geral ainda não fazia frente à importância das grandes fazendas da região.

Nas palavras dos entrevistados, o Time da Garça “batia” em todos os times da região, não fisicamente, pois Dairinho não permitia brigas, mas no campo, no futebol, fazendo gols e impondo seu jogo físico e de habilidade. O fim de toda essa história se deu com o êxodo rural, que começou a acentuar na região. Os agregados viraram empregados e os proprietários das fazendas não tiveram mais condições de manter tanta gente em suas propriedades. De outro lado, a sedução do mercado de trabalho urbano, que ofereceu salários e direitos a trabalhadores de reduzida qualificação nos anos 1960/1970, contribuir para esvaziar essas fazendas (RIBEIRO, 2008).

Muitas histórias ainda são comentadas na cidade e os jogadores do time da Garça foram fazer sucesso nas equipes de Quartel Geral, como o Alagoano, o Quebra Canela e o time do União. Hoje o campo da Garça ficou perdido em uma plantação de eucaliptos e não se tem mais marcas físicas de sua existência.

Referências bibliográficas

MELO, Victor Andrade de. O lazer (ou a diversão) e os estudos históricos. In: Estudos do Lazer: um panorama. [Orgs.] ISAYAMA, Hélder Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Agregação e poder rural nas fazendas do baixo Jequitinhonha mineiro. Unimontes Científica, v. 5, n. 2, p. 13-24, 2008.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas—o “rural” como espaço singular e ator coletivo. Estudos sociedade e agricultura, 2000.

Entre a razão e a paixão: o futebol como meio de reflexão sobre posicionamentos conflitantes de uma sociedade exaltada

Mauro Lúcio Maciel Júnior e Flávia Cristina Soares

A observação da realidade brasileira atualmente mostra, dentre diversas características, uma recente (mas não inédita) exacerbação dos embates políticos entre as pessoas de nosso país. Em decorrência disso, tornou-se comum que um considerável número de analistas aproxime o cenário atual do debate político nacional às oposições frequentemente observadas na seara esportiva, mais precisamente àquelas encontradas no futebol.

Reconhecido como um esporte capaz de mobilizar sentimentos apaixonados de seus apreciadores, o futebol no Brasil é historicamente um terreno fértil para debates acalorados, nos quais, muitas das vezes, a razão acaba ficando em segundo plano. Ganha destaque, assim, um modo de expressão do torcer calcado em uma profunda identidade entre o torcedor e seu clube do coração. Mais do que um apoiador, esse indivíduo passa a se ver como parte integrante do clube para o qual ele torce. Dessa forma, qualquer abordagem negativa sobre seu time é passível de ser percebida como uma ofensa ao próprio torcedor que, em muitos casos, passa a defender seu clube sem se importar com as questões éticas e/ou morais relacionadas às suas ações.

Neste texto, trabalharemos com algumas situações em que a manifestação ou a defesa apaixonada de um determinado clube acabou por ferir princípios morais básicos de nossa sociedade, além de mostrar como essas situações guardam proximidades com fatos recorrentes em outras esferas da vida social. Tendo em vista a nossa localização geográfica, tomaremos por base três acontecimentos ocorridos no estado de Minas Gerais, envolvendo seus dois principais clubes de futebol. Adotando a cronologia do mais antigo para o mais recente, trataremos, de modo inicial, sobre o caso relativo à condenação por estupro do atacante Robinho, em novembro de 2017, quando o jogador ainda atuava pelo Atlético Mineiro.

Após a divulgação da sentença condenatória ao jogador, emitida pela justiça italiana, houve uma divisão entre os posicionamentos da torcida do Galo. Para além do silêncio de grande parte dos torcedores do clube – em consonância com a atitude da própria diretoria do Atlético –, duas formas de manifestação entraram em conflito: enquanto parte da torcida se posicionou pela saída do jogador e condenou a falta de atitude dos representantes do clube perante essa situação, outra parcela optou por desmerecer a importância de se posicionar sobre o ocorrido e divulgar conteúdo jocoso e preconceituoso sobre o fato. De forma mais extrema, houve até mesmo torcedores que atuaram reprimindo e ameaçando o grupo que se colocou contra as atitudes do jogador.

Tal como no cenário da política institucional, a situação mostrada revela uma cisão entre os posicionamentos de pessoas pertencentes a um mesmo grupo social (torcedores de um clube ou cidadãos de um determinado país), algo normal e desejável em sistemas políticos democráticos. Cabe destacar, entretanto, que essa divergência no pensar se torna problemática ao analisarmos alguns elementos que a sustentaram.

É preocupante notar, por exemplo, que em um país que apresenta 164 casos registrados de estupro por dia, a notícia da condenação de um importante jogador de futebol por esse crime vire motivo de brincadeira por parte de seus torcedores. Mais do que isso: na intenção de “proteger” a imagem do clube a que pertencem, alguns torcedores se sentem no direito de ameaçar seus pares que se indignam e cobram um posicionamento da diretoria sobre a situação. Em outras palavras, é possível dizer que na busca por defender um símbolo de identidade, alguns torcedores acabam por fechar os olhos para a importância do que se está sendo colocado em discussão, adotando uma postura passional perante o ocorrido.

De maneira análoga, podemos ver essa situação em outros campos da sociedade. Pegando-se discussões político-partidárias, vemos indivíduos tanto de esquerda, quanto de direita, que não visualizam falhas cometidas por políticos aliados a cada um desses espectros ideológicos. Como consequência, os erros cometidos deixam de ser discutidos e, conversas que poderiam servir para traçar caminhos para a construção de um lugar melhor para se viver, acabam se tornando campos de batalhas verbais, onde ficam em evidência posicionamentos que objetivam comprovar uma suposta infalibilidade de um ou de outro ponto de vista.

Seguindo com as reflexões acerca de acontecimentos do meio futebolístico, podemos citar, também, a negociação que culminou na saída do jogador Fred do Atlético Mineiro e sua chegada na equipe do Cruzeiro. No contrato de desligamento desse atleta com sua antiga equipe ficou previsto que, se houvesse sua contratação imediata pelo time rival, o jogador deveria pagar uma multa ao Galo no valor de 10 milhões de reais. Durante as negociações entre Fred e Cruzeiro, essa cláusula foi discutida e o clube contratante se comprometeu a arcar com o pagamento dessa multa, a fim de contar os serviços do atacante.

No entanto, efetuada a transação, o Cruzeiro passou a contestar a necessidade de efetivar aquele pagamento. Em comentários de notícias divulgadas na internet sobre o assunto, vários torcedores da equipe azul se manifestaram favoráveis ao não cumprimento do contrato, o que representaria para eles, uma vitória do Cruzeiro sobre seu rival, visto que, além de ter contratado o atacante, teria conseguido fazer isso enganando a diretoria do Atlético e sem dispendir de recursos financeiros. Do lado atleticano, por sua vez, diretoria e torcedores condenam a atitude do clube rival e adotam postura favorável ao pagamento da multa.

Vemos, portanto, outro caso em que torcedores e diretoria de um clube, movidos pela paixão e pela tentativa de defender seus interesses,

acabam por tomar partido de um posicionamento eticamente contestável. Aceitar e se comprometer a realizar o pagamento de multa imposta por uma cláusula contratual e, em momento posterior, passar a contestar a legalidade do que já era sabido é, no mínimo, uma atitude contraditória. A adoção dessa postura pode ser vista como tendo maior relação com a defesa do clube para o qual se torce, do que com o mérito da questão propriamente dita. Assim como no primeiro caso apresentado, atitudes similares a essa podem ser vistas, também, em outros espaços de nossa dinâmica social.

Por fim, chegamos à terceira e última situação a ser abordada nesse texto, que trata de um fato ocorrido no clássico estadual envolvendo as equipes do Atlético e do Cruzeiro, realizado no dia 16 de setembro de 2018. Disputado no estádio Mineirão, em Belo Horizonte, o referido jogo foi válido pela primeira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol e terminou empatado em 0 a 0. Mesmo com o pouco brilhantismo apresentado dentro de campo, o destaque negativo do jogo acabou vindo de um lamentável acontecimento ocorrido nas arquibancadas.

Em meio aos (infelizmente) já naturalizados cantos homofóbicos que povoam os estádios de futebol, parte dos torcedores do Atlético Mineiro desenvolveram uma nova música com a intenção de provocar a torcida rival. Fazendo menção a um controverso candidato da extrema-direita brasileira, reconhecido por seus posicionamentos preconceituosos e agressivos contra diversos grupos da sociedade, esses torcedores alardearam a possibilidade da vitória desse candidato culminar no genocídio de pessoas homossexuais. Assim, diziam para os cruzeirenses tomarem cuidado porque o referido candidato iria “matar veado”.

Mais uma vez, é possível notar como as fronteiras da razão são frequentemente perdidas no futebol. A pretexto de enaltecer uma equipe, de se afirmar como membro de determinado grupo e de demarcar diferenças para com torcedores rivais, houve o rompimento de barreiras daquilo que é estabelecido como sendo valores morais de uma sociedade, através de atitudes que escapam às condutas éticas.

No caso em questão, essa transgressão do que é moral veio acompanhada da incitação de atitudes violentas contra populações vistas como diferentes. É sabido que no meio do futebol a instrumentalização da violência por vias simbólicas se configura como algo recorrente nas arquibancadas, não sendo uma novidade do contexto atual. Nesses espaços, impera uma lógica pautada em um ideal de masculinidade, fazendo com que as atitudes dos torcedores acabem sendo regidas por uma certa imposição para que todo homem se sinta no “dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade”, sendo esta entendida como sua “capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência” (BOURDIEU, 2012, p. 64).

No entanto, o caso em questão apresenta um ponto que extrapola esse costume já tristemente enraizado no futebol brasileiro. O cântico mencionado reproduz, naturaliza e aprova a postura intolerante e

preconceituosa adotada por um candidato a presidência da república. Rompe, portanto, com os valores de tolerância, pacificação e respeito que deveriam ser esperados de um chefe de Estado na medida em que, se adotarmos um entendimento aristotélico sobre a política, nos depararemos com a finalidade última do Estado em construir caminhos para a educação moral de seus cidadãos (busca da virtude).

Por outro lado, não podemos deixar de mencionar a repercussão desse fato entre os próprios torcedores do Atlético. Em contraposição àqueles que entendem a paixão clubística como uma justificativa para a reprodução de posturas intolerantes que ultrapassam as fronteiras do futebol, muitos torcedores do clube se colocaram contra a atitude da parcela da torcida que entoou o referido canto, exigindo um posicionamento imediato do Atlético sobre o assunto.

Devido às proporções atingidas pelo fato, que passou a ser noticiado por vários veículos de comunicação do Brasil, o Atlético soltou uma nota ainda no dia do jogo repudiando as ações preconceituosas de parte de seus torcedores. Nesse comunicado, o clube procurou expressar suas raízes populares e democráticas, além de ter se colocado contra qualquer tipo de atitude discriminatória. Muito embora tal atitude tenha recebido críticas de algumas pessoas que desejavam a efetivação de uma ação mais representativa acerca do ocorrido, foi um bom começo para a diretoria que há menos de um ano se calou sobre o caso de estupro envolvendo um de seus principais jogadores.

Finalmente, cabe destacar que os exemplos citados e as questões abordadas sobre cada uma das situações trabalhadas aqui são apenas parte de uma problemática que se revela como algo maior e mais complexo. Com o país imerso em um cenário conturbado em suas relações políticas e sociais, temos nos deparado com a abertura de espaço para posicionamentos e posturas intolerantes e de radicalismo, vindas de diferentes segmentos da sociedade.

O futebol se configura como um desses espaços e, por essa razão, é preciso que todas as pessoas que atuam com esse esporte tenham consciência de seu papel na luta pela superação de situações excludentes, violentas e preconceituosas ocorridas no meio. Imprensa, jogadores, clubes, federações, torcedores e todos os demais profissionais envolvidos com o futebol devem estar atentos às diversas formas de manifestação da violência nesse esporte.

Nesse sentido, ver posicionamentos de lideranças de torcidas organizadas contra o voto em um candidato com discursos abertamente preconceituosos e ofensivos a diversos grupos sociais minoritários, pode representar um passo para que o futebol atue como um agente importante na defesa da sociedade brasileira contra a institucionalização do radicalismo e do preconceito, fato esse que poderia se efetivar pela chegada do referido candidato ao comando do poder executivo nacional.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 11^a edição, 2012. 160p.

G1 PORTAL DE NOTÍCIAS. Brasil registra 164 casos de estupro por dia em 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/08/10/brasil-registra-164-casos-de-estupro-por-dia-em-2017.ghtml>>. Acessado em 24/09/2018.

Para além da violência física contra as mulheres no futebol

Priscila Augusta Ferreira Campos

Há algum tempo foi postado nessa sessão o texto da também gefutense, Bárbara Gonçalves Mendes, no qual ela discutia a relação entre futebol e violência contra a mulher, a partir da infeliz declaração do ex-jogador da seleção brasileira, Felipe Melo, na qual comparava a mulher a uma bola de futebol³⁶.

Sabemos que o futebol pode ser lido por meio de um duplo aspecto: 1) como veículo para a compreensão da sociedade no qual está inserido 2) como objeto de estudo que possui as suas especificidades e sofre influências da sociedade no qual está inserido. Portanto, o futebol é um fenômeno vinculado a realidade social presente, que é racista, machista, homofóbica, heteronormativa, elitista, entre outras características. Dessa forma, vimos na referida postagem que a violência física contra a mulher também tem relação com o futebol. O que muda é o tratamento dado ao ocorrido, já que, no futebol a desqualificação da vítima é ainda maior.

A violência física contra mulheres é um problema da mais alta gravidade na maioria das sociedades, contudo, para além dessa violência que muitas vezes se transforma em cicatrizes corporais, há outros tipos de violência que se misturam no cotidiano e minam a possibilidade de uma melhor condição da mulher na sociedade e mais especificamente, no futebol.

Utilizarei aqui dois fatos por mim vivenciados que me fizeram trazer essa reflexão ao Ludopédio, entendendo, mais uma vez, que a violência contra as mulheres no futebol está mais presente do que imaginamos.

Como sabemos, na data de 8 de março comemora-se mundialmente o Dia Internacional da Mulher ³⁷ <https://ludopedio.org.br/arquibancada/para-alem-da-violencia-fisica-contras-as-mulheres-no-futebol/-ftn2>. Embora o mercado e muitos meios de comunicação tentem despolitizar essa data formulando frases e

³⁶ MENDES, Bárbara G. Muito além da jabulani: o futebol e as violências contra as mulheres. Sessão Arquibancada, 20/04/2016.

³⁷ Desde o final do século 19 organizações de mulheres provenientes do movimento operário protestam por direitos trabalhistas. Em 1910, durante a II Conferência Internacional de Mulheres Socialistas na Dinamarca, foi aprovada uma resolução para a criação de uma data anual para a celebração dos direitos da mulher por mais de cem representantes de 17 países. Em 1945, a ONU assinou o primeiro acordo internacional que afirmava princípios de igualdade entre homens e mulheres. Em 1975, o dia 08 de março foi oficialmente reconhecido pelas Nações Unidas como o dia de luta pelos direitos da mulher. Para mais informações: <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/8-marco-dia-internacional-mulher-genero-feminismo-537057.shtml>.

campanhas de fragilização e mitificação da mulher, trata-se, em sua essência, de um dia político.

Em algumas instituições mulheres são convidadas a fazer um balanço das conquistas em sua área de atuação e traçar perspectivas em termos de equidade de gênero. Não que isso não ocorra no cotidiano das instituições, porém, no dia 8 de março essa discussão toma maior visibilidade e, em muitos lugares, torna-se o único momento que tais reflexões sejam possíveis.

No âmbito do futebol, em Belo Horizonte, no dia 8 de março de 2016, devido às minhas pesquisas sobre o futebol e sobre as mulheres torcedoras, fui convidada a mediar uma mesa que discutia o lugar da mulher nesse esporte e a importância da presença feminina na imprensa, no campo, na arquibancada e em cargos administrativos. Cinco convidadas compuseram a mesa, embora ocupassem cargos distintos, todas eram ou estavam envolvidas com a área da comunicação social. Dessas, duas eram veteranas no jornalismo esportivo com 20 e 11 anos de profissão e uma era apresentadora de um programa esportivo na TV local.

O auditório estava cheio. A plateia, em sua maioria, era formada por mulheres estudantes da área da comunicação que desejavam atuar no jornalismo esportivo e estavam ávidas para ouvir a fala daquelas que eram suas referências. Porém, muitas tiveram suas expectativas frustradas, pois presenciaram um conjunto de mulheres que não enxergam o preconceito de gênero como uma forma de violência simbólica a ser enfrentada no campo futebolístico nas suas mais diversas vertentes.

Todas as convidadas afirmaram que em sua profissão há, sim, uma maior tolerância aos erros cometidos pelos homens e argumentaram que, com trabalho sério, dedicação e persistência, é possível contornar esse tipo de problema e ganhar o respeito dos/as colegas, logo, a superação é de caráter individual. Disseram, também, que quando o telespectador/ouvinte, por meio das mídias digitais, fazem brincadeiras de duplo sentido ou xingamentos “rebaixando-as” aos cuidados do lar, ignoram o fato ou levam na brincadeira, pois acreditam que, com a carreira solidificada, isso não as ofende e nem as desqualifica. Por fim, deram a entender que o preconceito de gênero no futebol só ocorre com as mulheres que se “vitimizam”, isto é, as que param para refletir sobre essa temática. Assim sendo, no Dia Internacional da Mulher essas *histórias de sucesso* demonstraram que as dificuldades para encontrarmos jornalistas mulheres participando como produtoras de conhecimento e formadoras de opinião em programas futebolísticos se dão mais por um cooperativismo e limitação desse mercado do que por uma questão de gênero.

Pouco tempo depois, durante o intervalo de um jogo do Campeonato Mineiro no Mineirão, a equipe mandante exibiu a sua candidata que iria disputar um título de musa³⁸. Acompanhada pelo

³⁸ No meio futebolístico o fato das mulheres representarem os seus clubes em competições que visam à beleza física é tão normalizada e alegórica que não encontrei

mascote do clube ela entrou no gramado vestindo a camisa do clube e short de modo que o seu corpo ficasse em evidência, enquanto isso os telões do estádio exibiam a sua foto oficial, vestida com a camisa do clube e uma peça de biquíni. Ao desfilar pelo gramado muitos torcedores do sexo masculino a fotografavam e manifestavam o seu “apoio e admiração”, como predadores em vigilância à presa.

Vendo tudo isso, pensei sobre o lugar da mulher no futebol. Sabemos que em sua origem o futebol foi considerado um esporte para homens, por trazer valores masculinos de confronto, violência, competição, virilidade, força e coragem, diferente da imagem de frágil e delicada (que era) construída para a mulher. A história desse esporte também aponta que a presença das mulheres foi construída no espaço das arquibancadas ³⁹ <https://ludopedio.org.br/archivado/para-alem-da-violencia-fisica-contra-as-mulheres-no-futebol/> - ftn4, sobre as representações de ornamentos da prática esportiva masculina ⁴⁰, acompanhantes que criam condições favoráveis para que os homens desfrutem do futebol ⁴¹ <https://ludopedio.org.br/archivado/para-alem-da-violencia-fisica-contra-as-mulheres-no-futebol/> - ftn6 ou modelos estereotipados de torcedoras ⁴². Quase nunca, é levado em consideração a mulher enquanto cidadã que é capaz de ter um pertencimento clubístico e interessar-se pelo jogo de futebol, compreendendo-o em seus aspectos técnico-tático, econômico, social, político, cultural e tendo a ida ao estádio como um tempo/espaço de lazer.

Tomando por base o Mineirão, mas não somente ele, ficou evidente que mesmo com todas as mudanças ocorridas no futebol, e muitas delas discutidas nessa sessão, no que tange a presença da mulher no estádio, houve uma atualização de sua representação, sem avançar em termos de participação efetiva, já que, em sua essência, o “novo” estádio ainda carrega o ideal do futebol como esporte masculino hegemônico.

Embora a reforma do Mineirão tenha atraído um volume maior de mulheres torcedoras, muitas delas proprietárias de títulos de sócio-torcedor, chefes de família, trabalhadoras que exercem cargos de direção, a sua presença no estádio não é validada quando nesse local ainda se veicula um padrão masculino hegemônico de comportamento, tratando a mulher enquanto objeto e adorno.

nenhum registro online sobre o ocorrido em questão. Visualizando apenas os *sites* dos concursos, propriamente ditos.

³⁹ Contribuiu para isso, também, a proibição da prática do futebol pelas mulheres, por meio do Decreto-Lei 3199/1941 e seu detalhamento, em 1965, no qual explicitava a proibição da prática “feminina de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e baseball”, sendo revogado apenas em 1979.

⁴⁰ SOUZA NETO, Georgino J.; CAMPOS, Priscila A. F.; SILVA, Silvío R. Das senhoras e senhorinhas nos “grounds” do sport bretão: a história da mulher nos campos de futebol em Belo Horizonte/MG (1904-1920). *Licere*, Belo Horizonte, v.16, n.3, set/2013.

⁴¹ SOUZA, Marcos A. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.6, n.7, p.109-52, 1996

⁴² COSTA, Leda M. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. *Esporte e sociedade*, n.4, p.1-31, 2007.

Nesse sentido, não se percebe um desejo político organizado por parte dos/as gestores/as públicos que trabalham com o futebol de propiciar mudanças nesse espaço. Tanto assim que até hoje são promovidos concursos para a eleição das musas das competições futebolísticas, os uniformes são apresentados por modelos mulheres em trajes sensuais e cada vez mais os programas esportivos contratam assistentes mulheres que se enquadram no padrão de beleza hegemônico. Concomitantemente a isso, outros tipos de torcedoras permanecem invisibilizadas nos estádios.

Dessa forma, vemos que, no que tange as mulheres torcedoras, para os dirigentes esportivos ainda permanece a imagem da “mulher objeto” ou da “bela, recatada e do lar”⁴³. Assim, as mulheres torcedoras dentro de determinado contexto ora são acionadas como *capital simbólico* da beleza de um clube ora acionadas como guardiãs da paz do espetáculo, mas em ambas as situações, sem possuir um protagonismo na vida política do mesmo, figurando em um segundo plano, considerado alegórico e não-sério.

Assim, as torcedoras anônimas, isto é, as que não têm os seus nomes creditados como torcedoras-símbolo, quase nunca são apontadas nas pesquisas de opinião dos clubes e muitas não aparecem nos telões dos estádios como sinônimo da beleza do clube, ainda são pouco visíveis no contexto do futebol, mesmo que presentes e atuantes.

Por fim, ao não reconhecerem o preconceito de gênero no meio futebolístico, as jornalistas esportivas contribuem para a invisibilidade das torcedoras anônimas e reforçam o discurso da meritocracia, uma vez que não apresentam as tensões colocadas e tampouco dialogam com os estudos sobre o futebol e com o coletivo de torcedoras/es que problematizam essas tensões o que possibilitaria a tomada de consciência do problema e sua possível solução.

⁴³ COSTA, Leda M. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. *Esporte e sociedade*, n.4, p.1-31, 2007.

Bet (Unfair) : futebol e apostas no Brasil

Renato Machado Saldanha e Verônica Toledo Ferreira de Carvalho

“Um jogador” é uma obra do escritor russo Fiódor Dostoiévski, publicada pela primeira vez em 1867. Escrito em apenas 26 dias, para cumprir uma obrigação contratual com seu editor, conta a história de Alexei Ivanovich, um preceptor que chega a Roletemburgo, espécie de paraíso dos jogos de azar na Alemanha, como parte do séquito de um general. Para além da história do protagonista, o livro retrata o cotidiano de uma decadente aristocracia russa, que se esforça para manter as aparências, enquanto sonha com dias melhores contando com a sorte na roleta ou com a herança de um parente abastado.

O futebol brasileiro está tomado pelo espírito de Roletemburgo. Os gramados nem tão verdes assim, maltratados pelo calendário insano que espremeu a temporada em pouco menos de 10 meses, parecem ter se transformado no pano verde das mesas de um cassino. Dos 20 clubes que jogavam a série A, somente Cuiabá e Juventude não são (ainda) patrocinados por casas de apostas virtuais (segundo levantamento feito pelos autores em agosto de 2021). Nas transmissões televisivas ou nas placas publicitárias ao redor do gramado, outros três ou quatro sites são anunciados. Nas redes sociais, pululam páginas e youtubers especialistas (“traders”), dispostos a orientar os iniciantes no mundo das apostas (“*bets*”), e no seu vocabulário anglófilo (*green, red, lay, back, odd, stake, over, all in*, etc).

Apostas esportivas não são novidades no Brasil. Victor Melo em seu estudo sobre os primórdios do esporte no Rio de Janeiro no final do século XIX, já aponta o papel das apostas em sua popularização, principalmente o turfe e o remo. Georgino Souza Neto destaca a participação das apostas no despertar da paixão pelo futebol entre os belorizontinos, nas primeiras décadas do século XX. Cléber Dias e Eliza Souza também encontram apostas envolvendo provas ciclísticas, no mesmo período, em Manaus. Entretanto, tais práticas logo foram proibidas ou fortemente reguladas, por não coadunarem com certa “ética do trabalho”, vista como necessária ao desenvolvimento capitalista no Brasil. Abolida a escravidão, as elites nacionais precisavam criar outros mecanismos de coerção, que obrigasse as classes populares a se sujeitarem à disciplina do trabalho assalariado. Coibir outras fontes de renda, que não o trabalho, fazia parte dessa estratégia.

Em 1970, porém, as apostas esportivas voltaram a fazer sucesso de forma legalizada com a criação, pela ditadura militar, da Loteria Esportiva. Em tempos de “milagre econômico” (que só beneficiava a poucos), a ideia do governo era criar um canal de rápida ascensão social, que contribuísse para reforçar o otimismo ufanista do discurso oficial. A revista Placar, semanário esportivo da Editora Abril, também criada em 1970, inovou trazendo dicas e informações sobre os 13 jogos que faziam parte do concurso (muitas vezes de campeonatos distantes,

quase inacessíveis em uma época pré-internet). Curiosamente, a própria Placar foi responsável por ferir de morte a loteria, quando denunciou em 1982 um esquema de manipulação de resultados que envolvia jogadores, técnicos e dirigentes. Com a credibilidade abalada, a loteria esportiva nunca mais foi a mesma, e a revista, que recebeu prêmios e processos judiciais pela reportagem, perdeu um de seus maiores atrativos.

Mas é com a internet que se inaugura, sem dúvida alguma, uma nova era das apostas esportivas no Brasil. Primeiramente por uma brecha legal. Hospedados no exterior, dezenas de sites do gênero exploram o mercado brasileiro sem se submeterem às restrições da legislação local. Segundo por tornar possível as apostas “in game”, ou seja, no decorrer do jogo, em tempo real. Com isso, além de indicar apenas o vencedor, ou o placar final, o apostador pode tentar sua sorte em um mercado ainda mais variado, com dezenas de ofertas dentro de uma mesma partida, que envolvem número de cartões, momento dos gols, escanteios, resultado parcial, etc. E isso em centenas de jogos por dia, em um catálogo que, embora varie de site para site, geralmente vai das principais ligas do mundo até obscuros campeonatos amadores, em dezenas de países.

Não é difícil imaginar que tanta facilidade também seja aproveitada de outro modo. Com a mundialização do jogo, e a consequente multiplicação dos valores envolvidos, se tornaram também internacionais e mais complexos os esquemas de corrupção que o envolvem. Brett Forrest, em “Jogo Roubado”, segue o rastro de Wilson Perumal, operador de um esquema internacional de resultados, com relações com o crime organizado de Cingapura, China e Rússia, bem como dirigentes, árbitros e jogadores em dezenas de países. Considerando a atratividade do negócio, a dificuldade para investigá-lo, bem como a pouca disposição da FIFA para lidar com o problema, podemos supor que outros esquemas semelhantes, ou bem mais sofisticados, certamente seguem em operação.

Por fim, cabe uma reflexão sobre o que torna as apostas tão atrativas em nossos dias. Em uma sociedade onde a opulência jamais vista convive lado a lado com a miséria absoluta, o antigo discurso da “ética do trabalho” já não se sustenta. No capitalismo atual, direitos básicos são vistos muitas vezes como “privilégios”. Cada vez há menos empregos, e os empregos que restam são cada vez mais precarizados, incapazes de garantir uma vida digna, que dirá sonhos de prosperidade. Sem perspectivas reais, as novas gerações se tornam alvo fácil para discursos mágicos, ilusórios, que prometem uma saída a partir das apostas, do empreendedorismo, ou da reprogramação mental. Estranhamente, Roletemburgo, imaginada por Dostoiévski no século XIX, parece cada vez mais atual.

Referências bibliográficas

DIAS, Cleber; SOUZA, Eliza Salgado de. Ciclismo e comércio em Manaus, 1898-1907. *Revista de História Regional*, vol. 25, n. 2, p. 459-487, 2020.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Um jogador*. São Paulo: Editora 34, 2004.

FINO, Patrícia e HINTZE, Helio. Jogada de Médici: o uso da loteria esportiva pelo regime militar brasileiro. *Revista RUA*, Campinas, n. 23, vol. 2, p. 267 – 289, nov./2017.

FORREST, Brett. *Jogo Roubado*. São Paulo: Paralela, 2015.

MELO, Victor Andrade. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*.

Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: PPGIEL/UFMG, 2010.

Reflexões sobre o futebol como objeto de pesquisa: a utilização do termo “cultura” e a problematização do óbvio

Sarah Teixeira Soutto Mayor

Assumir a importância cultural do futebol para a sociedade brasileira como justificativa para o empreendimento de estudos sobre o tema pode parecer algo banal e óbvio, já materializado na quase totalidade de pesquisas acadêmicas que se dedicaram ao assunto pelas perspectivas das ciências humanas e sociais. Poderia se configurar em situação semelhante ao que Raymond Williams (2003)⁴⁴ chamou de “repetição irreflexiva”, produzida por meio do hábito de mencionar certas palavras, expressões ou afirmativas que já se tornaram correntes.

A amplitude que uma referência abstrata alcança, segundo o autor, implica em dificuldades de compreender os seus significados em cada contexto específico, fazendo com que sua menção pareça inútil. Williams (2003)⁴⁵ cita o caso da palavra “criativo”, mas podemos pensar na palavra cultura em sua relação com o futebol, amplamente utilizada em diversos trabalhos acadêmicos. A recorrência automática à dupla (cultura e futebol) parece sintetizar uma necessidade de convencer o leitor de que o estudo do futebol não é algo supérfluo em meio à outras possibilidades de pesquisa acadêmica.

Esse imperativo pode ser sintoma de uma realidade diferente entre o meio acadêmico e outros setores da sociedade. Ou seja, as pessoas que se preocupam com o estudo do futebol conseguem perceber (ou nitidamente ou por “repetição irreflexiva”) que o jogo merece atenção pela relevância que possui na construção da sociedade brasileira, de finais do século XIX aos dias atuais. Porém, isso ainda não parece reverberar no pensamento da população em geral, que vive e observa sua penetração social, mas ainda possui dificuldades em compreender a amplitude de sua influência e a relevância de sua presença como algo que mereça ser estudado. O futebol ainda é comumente visto (assim como outras manifestações que ocorrem no tempo de lazer) como algo trivial, como mero divertimento ou como instrumento de alienação⁴⁶ https://ludopedio.org.br/arquibancada/reflexoes-sobre-o-futebol-como-objeto-de-pesquisa-utilizacao-do-termo-cultura-e-problematizacao-do-obvio/-_ftn3.

O futebol é, de fato, uma manifestação cultural, mas assim o é como todas as outras criações humanas. E, por isso mesmo, essa afirmativa, por si só, não parece muito convincente para justificar a realização de pesquisas sobre o tema. Uma questão crucial talvez resida na indagação sobre qual Brasil é retratado em cada estudo. É prudente

⁴⁴ WILLIAMS, Raymond. La larga revolución. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

⁴⁵ Idem

⁴⁶ Mesmo que muitos estudiosos tenham se esforçado em combater tais estereótipos, é notável a reverberação que estes ainda possuem na vida cotidiana.

perguntar o que é, muitas vezes, taxado de “futebol brasileiro”. Nesse caso, em vez de se utilizar a palavra cultura como uma âncora, a sua existência precisa ser, de alguma forma, materializada, considerando as especificidades do que se chama de cultural em cada contexto sinalizado. A utilização da “cultura” como algo que a tudo abrange de forma homogênea, como um adjetivo seguro e estável, urge em ser desestabilizada em um coletivo de estudos sobre futebol e em muitos outros que abrangem manifestações diversas e que se fundam na utilização do termo com o mesmo tom de todo definidor e abrangente; um conceito que, em razão de sua abstração, torna-se adjetivo estável e inquestionável, uma roupagem confortável que veste qualquer corpo, em qualquer estação do ano.

Estudar o futebol compreende experiências que fizeram parte da construção nacional e que conformam histórias específicas (o que não quer dizer isoladas). É sabido, por exemplo, que o futebol participou das primeiras experiências republicanas de um Brasil que almejava se modernizar aos moldes das grandes potências europeias; foi parte do ideário ditatorial civil e militar; conformou o maior mercado de entretenimento esportivo no país (é possível até sugerir que esse mercado surge no Brasil em razão do futebol, ou, ao menos, tendo essa experiência como potente motor); tornou-se protagonista na formação de identidades individuais e coletivas (seja por meio dos clubes de futebol ou da seleção brasileira).

Entretanto, essas são construções que se referem a uma ideia de Brasil, a um conjunto de características gerais que vislumbramos comumente e que é reforçado periodicamente pelas experiências cotidianas e pelos meios de comunicação. Obviamente, a ideia construída sobre sermos o país do futebol encontrou e ainda encontra ressonância numa parcela significativa de cidadãos brasileiros; caso contrário tal acepção não perduraria por tantas décadas e não continuaria sendo suficiente para nos definir e nos diferenciar nacional e internacionalmente. Qualquer referência identitária necessita de ressonância, de reciprocidade para fazer sentido. Embora seja comum a recorrência às relações entre futebol e política para justificar a força da identificação brasileira com o jogo, é difícil imaginar que estas e outras relações com teor semelhante (como as estabelecidas com o mercado) possam ser as maiores protagonistas desse longo processo. Não há governante, nem ditadura, nem marca comercial, nem empresa de comunicação que conseguiria manter, por tanto tempo, esse âmago passional. Pensar o contrário seria considerar as pessoas como uma espécie de tolas culturais, como ponderou Hall (2003) ⁴⁷ <https://ludopedio.org.br/arquivancada/reflexoes-sobre-o-futebol-como-objeto-de-pesquisa-utilizacao-do-termo-cultura-e-problematizacao-do-obvio/-ftn4> em suas reflexões sobre a cultura popular. Tal percepção não desconsidera os inúmeros modos de dominação e as desigualdades na distribuição de poder que se manifestam no plano da cultura, mas ao

⁴⁷STUART, Hall. *Da diápora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

mesmo tempo, não os tomam como todo-poderosos ou todo-abrangentes (HALL, 2003)⁴⁸.

Assim, toda construção cultural, para fazer sentido, necessita encontrar a adesão de um coletivo de pessoas que partilham de algumas características comuns. Toda forma cultural prescinde de uma generalização que se materializa em elemento de unidade e coesão. Caso contrário não faria sentido falar de identidades locais, regionais ou nacionais, por exemplo. Entretanto, o olhar da generalização não pode ser o único. E por essa razão, não se pode desconsiderar que a identificação do brasileiro com o futebol (ou a noção que o termo implica) não se traduz em visibilidade e representatividade igualitárias em todos os lugares do país. Facilmente qualquer estudioso do futebol ou aficionado saberia dizer quais são as principais equipes de Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Sul ou Santa Catarina, por exemplo, mas dificilmente alguém saberia o mesmo do Acre, de Rondônia ou de Roraima. E isso não quer dizer que não haja futebol nesses estados, até mesmo porque o jogo não se restringe aos clubes. Mas, tampouco, pode nos informar qual a história e o impacto do futebol nessas localidades ou, até mesmo, se ele é significativo para suas populações.

Se a veiculação do futebol, nesses casos, sofre de certa seletividade regional que invisibiliza sua prática nos mais diversos contextos, pode-se indagar se os estudos sobre o futebol também padecem dessa invisibilidade. É possível dizer que, atualmente, vislumbra-se um avanço na quantidade e na qualidade dos estudos sobre o tema, mas isso não impede que a crítica à centralidade/localidade desses estudos seja produzida. Ainda é corrente a existência de abordagens que particularizam excessivamente o objeto, com generalizações de um futebol nacional a partir de cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo.

Nesse caso, reconhecer e indagar o jogo por lentes mais particularizadas não implica desconsiderar a sua penetração em um cenário maior; porém, esta forma não pode ser compreendida como única possibilidade de se enxergar a manifestação. Embora seja tolice desconsiderar o poder de alcance e de formação em um âmbito nacional e global, o estudo das especificidades é igualmente importante (até mesmo para se repensar o que é compreendido como nacional e global). Assim, a complexidade desse fenômeno envolve um número considerável de ponderações, que se imbricam continuamente na relação local-global-local.

Portanto, muito precisa ser pensado e tem a ver com algo que não cabe apenas no estudo do futebol. Tem a ver sensivelmente com a construção de uma imagem e de uma ideia de um país que se diz orgulhoso da riqueza da sua pluralidade cultural, mas que ainda não encontrou caminhos para que todas as suas regiões sejam suficientemente contempladas como parte efetiva de um mesmo Brasil, que nos planos político, econômico e acadêmico ainda é,

⁴⁸ Idem

consideravelmente, representado por alguns “centros protagonistas”. Da mesma forma que Da Matta (1997, p.14)⁴⁹ cita o estereótipo da “grande massa anônima” denominada povo e questiona “quem não fala por ela no Brasil”, é também prudente sempre perguntar, em termos regionais, de que Brasil falamos.

E aqui, o desafio posto da não-repetição irreflexiva descrita por Williams (2003) também se faz presente, já que o trato com as especificidades pode padecer da mesma obviedade do trato generalista. Ou seja, o fato de se problematizar contextos específicos não é capaz de isentar, por si só, o risco mencionado. Talvez, esse seja, em diversos âmbitos, um dos maiores desafios da pesquisa acadêmica no contexto das ciências humanas e sociais: reconhecer a generalidade sem desconsiderar a particularidade e, ao mesmo tempo, localizar nas especificidades do particular o que se constrói e se narra em relações mais ampliadas. E, no caso do futebol (e de outras manifestações consideradas como importantes na história do país), conseguir ultrapassar os muros do “particularismo generalizado” da academia. Por fim, quem sabe, em um futuro (não sei se breve), não necessitemos justificar com tanto afinco o porquê de se estudar o futebol em uma perspectiva sociocultural, ou ao menos, não careçamos, citar a palavra cultura como um “colete salva-vidas” toda vez que falarmos do tema para que o mesmo tenha sua legitimidade reconhecida.

⁴⁹ DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

Essas ações adiantam alguma coisa? Uma análise sobre as ações do Clube de Regatas Vasco da Gama no dia Internacional do Orgulho LGBTI

Silvio Ricardo da Silva e Camila Maria Moreno da Silva

Dia 28 de junho de 2021 celebrou-se o Dia Internacional do Orgulho LGBTI em todo o mundo. Data em que se defende a vida, os direitos, a liberdade de orientação sexual, identidade e expressão de gênero.

É crescente os números de instituições, entidades, organizações, marcas, personalidades que se mobilizam e se expressam contra a discriminação LGBT nessa data. No mundo do esporte não é diferente. No futebol brasileiro, diversos clubes se posicionaram em suas redes sociais contra a discriminação de pessoas LGBTIs e alguns foram além, utilizando as cores do arco-íris nos números das camisas e nas braçadeiras de seus respectivos capitães.

Na véspera do Dia Internacional do Orgulho LGBTI (dia de uma partida contra o Brusque Futebol Clube, pelo Campeonato Brasileiro de Futebol, série B), o Clube de Regatas Vasco da Gama, empenhou uma série de ações, assumindo uma importante tarefa de celebração e conscientização dessa importante e necessária data no futebol, ambiente muitas vezes hostil à diversidade sexual, de forma mais contundente que os demais clubes. Foram elas:

- A. A construção de um mosaico na histórica social do clube, exibindo a palavra "Respeito", acompanhado pela bandeira símbolo da causa LGBTI
- B. A elaboração de um significativo Manifesto, intitulado: "Movimento contra a homofobia e a transfobia", onde o clube reconhece a íntima relação do esporte com a sociedade e conclama para uma mudança de atitude preconceituosa dos esportistas, sobretudo no universo do futebol. Nesse mesmo texto há referência a uma propalada propensão do clube para o combate ao preconceito, assim como se deu em 1923 através da inclusão de jogadores pobres, negros e mestiços ao seu elenco campeão daquele ano, em que também foi necessário um Manifesto que ficou conhecido como "Resposta histórica contra o racismo".
- C. Criação de uma camisa especial, em edição única, desenvolvida para marcar a posição do Clube na luta contra a discriminação LGBTI. A mesma foi colocada à venda nas lojas físicas e virtuais do clube, e parte da verba arrecadada com as vendas foi destinada à instituição Casa Nem, um centro de acolhimento que abriga pessoas LGBTI em situação de vulnerabilidade social.
- D. Colocação das bandeirinhas de campo nas cores do arco-íris, símbolo do movimento.

E. A criação e divulgação de um vídeo, onde ilustres vascaínos, falavam da sua orientação sexual e identidade de gênero e se afirmavam torcedores(as) do Vasco.

Além das ações supracitadas, o Clube comprometeu-se com atuação contínua no combate à discriminação LGBTI, como a construção de Políticas de Inclusão, Respeito e Diversidade, o direito ao nome social na carteirinha de sócio(a) torcedor(a) e uma campanha educativa para quando o público voltar aos estádios contribuindo para a mudança em um ambiente propagador de preconceito. O Clube também se comprometeu com a inserção de conteúdos transversais sobre gênero, sexualidade e diversidade sejam parte do projeto pedagógico do Colégio Vasco da Gama, que funciona no interior do Clube.

O Presidente do Vasco, Jorge Salgado, assumiu a presidência do Clube no início do corrente ano (2021), através de mais uma polêmica eleição interna. Uma das primeiras ações de sua gestão foi a criação de uma Vice-Presidência de Responsabilidade Social e uma Diretoria de Integridade do Vasco. Em termos de planejamento desse setor do clube estão: uma relação mais orgânica com a Barreira do Vasco, comunidade situada no entorno de São Januário, estádio do Vasco; a criação de um livro de crônicas sobre a “Virada Histórica” ; a criação de um tour virtual por São Januário.

Há que se destacar também o inédito apoio que o futebol feminino do Clube está recebendo, com a criação de um Centro de Treinamento exclusivo, e a sua autossustentabilidade a partir de uma parceria com a AmBev.

Ao acompanharmos nas redes sociais e nos canais informativos do Clube cada anúncio de uma dessas ações, percebemos as mais diversas reações. Há diversos comentários de que tais ações seriam supérfluas e a real necessidade do Clube seria uma equipe competitiva. Alguns chegam a dizer que estão constrangidos em torcer pelo Clube e se mostram verdadeiramente contrários às políticas afirmativas, inclusivas e de enfrentamento às discriminações. Há também os que apoiam, relacionando essas ações com o histórico de um Clube contra o preconceito e a favor da inclusão.

Entretanto, essa discussão que tinha um caráter endógeno, que circulava com maior ou menor ímpeto entre vascaínos(as), ganhou amplitude, sobretudo a partir da confecção e divulgação da camisa com as cores do arco-íris no lugar do preto da faixa que cruza a camisa branca e o anúncio da sua utilização na partida contra o Brusque Futebol Clube.

Além do grande rebuliço que a ação causou nas redes sociais, ocorreu também uma polêmica interna, quando o capitão da equipe, o jogador evangélico Leandro Castán, publicou no seu Instagram, texto do primeiro livro da Bíblia Sagrada: *“Deus abençoou Noé e seus filhos, dizendo-lhes: Sejam férteis, multipliquem-se e encham a terra. Todos os animais da terra tremerão de medo diante de vocês [...] porque à imagem de Deus foi o homem criado. Mas vocês sejam férteis e*

multipliquem-se; espalhem-se pela terra e proliferem nela". O jogador ainda fez uma aberta crítica à utilização do arco-íris como símbolo do movimento LGBTI. Escreveu o zagueiro: *"Quando eu trazer nuvens sobre a terra e nelas aparecer o arco-íris, então me lembrarei da minha aliança com vocês e com os seres vivos de todas as espécies"*.

A partir dessa posição pública do atleta, o assunto ganhou evidência nas redes sociais. Castán recebeu apoio, mas ampla maioria de críticas nos comentários dos(as) torcedores(as) e criou-se também um mal estar no plantel da equipe.

Por obra do destino, o atacante argentino, Gérman Cano, inaugurou o placar na partida contra o Brusque e ao comemorar o gol, arrancou a bandeira de escanteio, com as cores do arco-íris, e a balançou com entusiasmo, nítida homenagem ao movimento LGBTI, desenhando na história do futebol uma forte imagem de inclusão, diversidade e respeito, que jamais será esquecida. O jogador que, diga-se de passagem, só foi abraçado na ação pelos jogadores Martin Sarrafiore e Matías Galarza, o primeiro argentino e o segundo paraguaio, fez, através do seu gesto, com que a discussão em torno da relação futebol e respeito à diversidade não tivesse mais limites. As belas imagens captadas pelos fotógrafos e cinegrafistas correram o mundo e uma reflexão foi apresentada por diversas pessoas: essas ações adiantam alguma coisa?

Nesse artigo, tentamos ousadamente responder a essa indagação e afirmamos que sim, adiantam. Em um ambiente nacional de polarização de posições pessoais e coletivas a respeito dos direitos humanos, a atual gestão do Clube de Regatas Vasco da Gama, optou por aprofundar o protagonismo social e inclusivo que o Clube ecoa historicamente, correlacionando a luta pelos direitos LGBTIs aos episódios ocorridos em 1923 e 1924, que ficaram marcados na história do futebol como enfrentamento ao racismo, na contramão da maioria dos clubes brasileiros. Todavia, mesmo sendo torcedor e torcedora do clube, não podemos nos despir do conhecimento sobre uma construção narrativa que existe a partir dos episódios de 1923 e 1924 e de que certamente, a maior preocupação de quem era responsável pelas ações do Clube na época não fosse o combate ao racismo.

É importante ressaltar que há, para atual gestão do Clube, uma busca pela construção de uma nova imagem do Clube, marcando a diferença entre o discurso da atual gestão e os valores que imperaram no comando do Clube e do próprio futebol, através de anos. Nesse episódio é possível reconhecer nitidamente a opção por valores de valorização das diferenças em oposição a outros grandes clubes que se escoram nos valores conservadores e reacionários, em função de uma relação íntima com o atual Governo Federal, que busca se afirmar pelo lado oposto.

É de grande valor que atletas profissionais de grande visibilidade, formados em ambientes heteronormativos, conservadores, homofóbicos

e misóginos, assumam postura crítica e de defesa a movimentos de lutas por direitos sociais.

No mesmo domingo da partida contra o Brusque, o atleta João Pedro, que estreou no time dos profissionais do Vasco, publicou em suas redes sociais um vídeo apresentando sua mãe e a companheira dela, vestidas com a camisa utilizada pela equipe naquele dia, com as cores do arco íris. O jovem, formado nas categorias de base do Clube, relatou o orgulho que sentia, a importância das duas mulheres na sua vida, a sensação de pertencimento conquistada com essa ação e reforçou sua configuração familiar.

Ainda na esteira de ações de combate à discriminação LGBTI, o goleiro Halls, de 22 anos, pediu para usar a camisa de número 24, número culturalmente associado aos gays, por causa do que representa no “Jogo do Bicho”. Tal atitude foi tomada em função da polêmica estabelecida em torno da seleção brasileira de futebol masculina, que foi alvo de representação da FIFA por não utilizar essa numeração.

Creemos que o que vem sendo realizado pelo Clube de Regatas Vasco da Gama nesses últimos meses no que tange ao reconhecimento da imbricada relação do futebol com a sociedade e do compromisso que seus atores e atrizes possam ter com a mudança de atitude preconceituosa, não é pouca coisa. Ações como essas reverberam em toda a sociedade, tem capilaridade, atingem os mais distantes rincões do país e contribuem para que o futebol não seja reprodutor dos padrões discriminatórios sócio histórico culturais da sociedade, mas que contribua para a mudança de paradigmas, de novas formas de agir, de valorização da diversidade sexual e de gênero, desconstruindo preconceitos, enfrentando a discriminação e colaborando para a construção de relações humanas pautadas em princípios de igualdade.

Óbvio Ululante: Futebol e Divulgação Científica no Rádio

Thiago José Silva Santana e Luiza Aguiar dos Anjos

O futebol é um fenômeno que gera grande interesse na sociedade brasileira, desperta paixões e tornou-se uma maneira do povo brasileiro se expressar. Concomitantemente o rádio ajudou na consolidação do mesmo como esporte popular e ainda hoje reforça essa popularidade devido a sua marcante presença como meio de comunicação. Além desse aspecto, merece ser destacado seu potencial educativo e para a divulgação científica.

A divulgação científica, segundo José Reis, pode ser entendida como “a veiculação em termos simples da ciência como processo, dos princípios nela estabelecidos, das metodologias que emprega”. Ela se difere, assim, da comunicação científica, essa voltada para um público seletivo de especialistas, ou do seu conceito mais amplo que é a difusão científica, direcionada para especialistas ou o público em geral, entendida como qualquer processo para difusão da ciência (ALBAGLI, 1996. P. 397).

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) reconhece a importância da divulgação científica e a define como uma atividade complexa na qual são apresentados para a população os conhecimentos científicos e tecnológicos para que esta possa utilizá-los nos seus diversos contextos como as atividades cotidianas ou as tomadas de decisões que envolvem a família, a comunidade ou a sociedade com um todo⁵⁰.

Devido ao grande potencial do rádio em levar informações, o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), em parceria com a Rádio UFMG Educativa, elaborou no segundo semestre de 2009 um projeto de extensão, o programa de rádio Óbvio Ululante. O programa surgiu a partir de um convite da emissora ao GEFuT, interessada em um programa que tratasse do futebol de uma forma diferenciada. O nome do programa é uma homenagem a Nelson Rodrigues, sendo uma expressão cunhada por ele, que entendia o futebol como um fenômeno complexo, ao contrário do defendido pelos “idiotas da objetividade”. Com isso a proposta do programa é pensar o futebol não em busca de respostas, mas provocando questionamentos e reflexões, pois como diz o slogan “Porque no futebol nada é tão óbvio assim”.

O programa busca apresentar uma compreensão do futebol enquanto fenômeno cultural que se relaciona com as diversas dimensões da sociedade, seja política, social, econômica, educativa etc. Na produção dos quadros ou nos comentários dos mesmos buscam relacionar de maneira objetiva o tema tratado com a produção acadêmica, sem, contudo, tornar a discussão entediante.

⁵⁰ Disponível em <http://www.cnpq.br/web/guest/divulgacao-cientifica-sobre> acesso em 8 de janeiro de 2014.

Dessa forma, buscamos abordar o futebol sob uma perspectiva crítica e levar ao público em geral como o meio acadêmico analisa o futebol, com a participação de pesquisadores e ex-pesquisadores do GEFuT – além de alguns convidados de outros grupos – que apresentaram suas pesquisas em andamento ou concluídas. Acreditamos que assim coadunamos com a ideia de Silva (2006) que ressalta a importância de o cientista sair do seu lugar “próprio” e realizar interlocuções com outros leitores não cientistas.

Procura-se assim diferenciar da forma como o futebol é tratado pela mídia comercial, que Betti (2001) descreve como falação esportiva. Essa se restringe a aspectos pontuais como informar e atualizar sobre gols, contratações, vida dos atletas; a contar histórias; a fazer previsões; a explicar e justificar as vitórias e derrotas; a prometer emoções, gols; a criar polêmicas e construir rivalidades; a criticar, a eleger ídolos e dramatizar.

Dentre as várias possibilidades de se realizar a divulgação científica a internet certamente é um importante espaço para promover a divulgação científica. O próprio site do Ludopédio, através de suas várias seções, é outro exemplo que cumpre esse papel. E para que a divulgação científica seja atingida é preciso uma linguagem acessível ao público. Através do Óbvio Ululante o GEFuT busca cumprir esse papel, utilizando do rádio, que tem uma ampla inserção social, para levar ao público o que vem sendo produzido sobre o futebol.

Portanto, divulgar a produção científica das ciências humanas no futebol é, além de informar o ouvinte, levá-lo a refletir sobre as implicações que o esporte pode exercer na sociedade.

Referências bibliográficas

- ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: Informação científica para cidadania. Revista Ciência da informação, Brasília, v. 25, n. 3, p. 396-404, 1996.
- BETTI, Mauro. Esporte na mídia ou esporte da mídia? Revista Motrivivência. Ano XII, n. 17, set. 2001.
- REIS, José. Ponto de vista: José Reis. In MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de C.; BRITO, Fátima. organizadores. Ciência e Público caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002.
- SILVA, Henrique C. da. O que é Divulgação Científica? Ciência & Ensino, vol. 1, n. 1, dezembro de 2006.

Entre grandes premiações e supersalários: como vieram e para onde vão os grandes fluxos de dinheiro no futebol?

Mauro Lúcio Maciel Júnior

Em meio aos diversos assuntos que diariamente povoam o noticiário futebolístico, nos deparamos, frequentemente, com informações relativas às elevadas cifras financeiras que cercam esse universo. Longe de ser uma exclusividade da modalidade, ou de representar a realidade vivida pela maioria das pessoas que com ela trabalham, as vultuosas quantias de dinheiro que envolvem a elite do futebol masculino profissional continuam subindo, quase que independentemente das diferentes crises que se materializam no plano global.

Em meio a um cenário de guerras, tensionamentos políticos, inseguranças de abastecimento energético e alimentar, emergência climática, expansão inflacionária, crescimento das desigualdades econômicas e do prolongamento da pandemia de Covid-19, o futebol chegou ao final do mês de maio com pelo menos duas notícias impactantes do ponto de vista do dinheiro: os valores acertados para a renovação de contrato do jogador francês Kylian Mbappé com o Paris Saint-Germain e a quantia arrecadada pelo Real Madrid com as premiações recebidas ao longo de sua vitoriosa participação na última Liga dos Campeões da Europa.

No primeiro caso, o jovem futebolista de 23 anos, se tornará o atleta mais bem pago do mundo, entre esportistas de todas as modalidades. Ao assinar seu novo contrato com o PSG, Mbappé receberá 100 milhões de euros por ano (aproximadamente 515 milhões de reais), ao longo das próximas três temporadas. Soma-se a isso, o dinheiro acordado em luvas pela renovação e chega-se a outros 300 milhões de euros (algo acima de 1,5 bilhão de reais), que ingressarão nas contas do atleta e da equipe que administra sua carreira^{51 52}.

Na situação que remete à Liga dos Campões, por sua vez, ainda que as cifras sejam menores, elas não deixam de impressionar, sobretudo quando comparadas às premiações pagas por outros campeonatos de futebol pelo mundo. Ao longo de toda a sua campanha no principal torneio de clubes da Europa na temporada 2021-2022, o campeão Real Madrid arrecadou 82,3 milhões de euros em prêmios pelo seu desempenho (cerca de 428 milhões de reais). A título de comparação, essa quantia é mais do que o dobro dos 40 milhões de euros (aproximadamente 205 milhões de reais) que receberá a seleção que se

⁵¹ Visto em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/05/21/veja-quanto-recebe-mbappe-por-segundo-com-o-novo-salario-pago-pelo-psg.htm>

⁵² Visto em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/qual-o-salario-de-mbappe-quanto-ganha-o-atacante-frances/blt01421fd91918dfc5>

sagrar campeã da próxima Copa do Mundo, a ser disputada no Catar, entre novembro e dezembro de 2022⁵³.

Juntos, esses dois fatos são reveladores das dimensões que têm atingido o dinheiro dentro do futebol espetáculo e ensejam reflexões que remetem a variados aspectos da organização dos esportes em meio à lógica capitalista. Sabendo da complexidade que permeia esse cenário, no presente texto será feita uma exposição de acontecimentos históricos relacionados às raízes da entrada mais massiva de capital no futebol, a fim de que, tendo conhecimento desses fatos, possamos refletir sobre caminhos que o dinheiro atrelado à modalidade parece tomar.

A estruturação de um futebol hiper mercantil: breves olhares sobre uma história recente

Ao tratar especificamente da compreensão do futebol como produto, é possível abordar os processos de adequação da modalidade a um modelo comercial, ocorridos, sobretudo, a partir da década de 1960. Sem desconsiderar que em períodos anteriores já existiam atividades produtivas e comerciais ligadas ao consumo do esporte, pode-se dizer que, é a partir da segunda metade do século XX, que se reúnem um conjunto de transformações responsáveis pela formação de uma indústria do setor (PRONI, 1998).

Conforme demonstrado por Simões (2020), ainda que a literatura da área tenha o hábito de mencionar o contrato entre FIFA e Coca-Cola, firmado em 1976, como o grande símbolo da transformação do futebol em mercadoria, esse papel poderia ser mais bem atribuído ao início da venda dos direitos de transmissão da Copa do Mundo, que ocorreu pela primeira vez na edição de 1966.

Ao buscar informações históricas sobre as raízes desse acontecimento, obtém-se, através do trabalho de Rocha (2019), que foi Stanley Rous, presidente da FIFA entre os anos de 1961 e 1974, o responsável por negociar os primeiros contratos televisivos de grande magnitude ligados ao futebol.

Em 1966, ele negociou diretamente com a BBC da Inglaterra a venda dos direitos de transmissão da Copa do Mundo e, em 1970, foi ao México negociar com a Televisa de Emílio Azcarraga e Guillermo Cañedo. Esse segundo contrato chegou aos 5 milhões de dólares, um valor relativamente expressivo para a época (ROCHA, 2019, p. 22).

Como consequência, esse processo ampliou o volume de dinheiro circulando em torno do futebol, dando formas à um cenário que, nos anos seguintes, iria experimentar significativos movimentos de expansão. Com a chegada do brasileiro João Havelange à presidência da FIFA, cargo por ele ocupado entre 1974 e 1998, pode-se dizer que foram

⁵³ Visto em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/05/25/qual-a-premiacao-para-o-campeao-da-champions-league.htm>

dados os passos rumo à consolidação do futebol como um negócio e um produto a ser consumido por um grande contingente de pessoas.

Posteriormente acusado de envolvimento em episódios de corrupção⁵⁴, Havelange conquistou e expandiu seu poder na FIFA se valendo de estratégias voltadas ao alargamento das fronteiras do futebol. Como exemplos, foram criadas competições e ampliadas as vagas para as seleções participantes da Copa do Mundo, garantindo uma maior participação de equipes da Ásia, África, CONCACAF e Oceania no mapa futebolístico mundial (PIZARRO, 2021).

Assim, ao mesmo tempo em que atuava para garantir sua manutenção no poder, trabalhava para inserir o futebol no mundo globalizado e tornar a FIFA uma empresa transnacional. Dentro desse contexto, também foram significativos os papéis desempenhados pelo estabelecimento de contratos com patrocinadores e das transmissões ao vivo do futebol no meio televisivo.

Sobre o primeiro aspecto, Pizarro (2021, p. 40) afirma que Havelange, enquanto esteve na presidência da FIFA, “aumentou os contratos publicitários como mais uma medida dentro da lógica de governança desportiva da entidade, transformando-a em um grande modelo empresarial”. Como fatos emblemáticos ligados aos acordos publicitários fechados na era Havelange, podem ser mencionadas as parcerias com empresas como Coca-Cola, Visa e Adidas, as quais, ainda hoje, mantêm-se como patrocinadoras oficiais da Copa do Mundo.

No que se refere às transmissões do futebol na televisão, podemos visualizar suas influências na ocorrência de situações bem conhecidas atualmente. Tendo ampliado progressivamente os valores que as emissoras pagavam à FIFA pelo direito de transmitir suas competições, Havelange foi importante para um movimento que também contribuiu para mudar o cenário financeiro das competições entre clubes.

Com os maiores valores pagos pelas competições entre equipes de futebol, a expansão do apelo publicitário e a exposição de marcas e atletas a nível global, foram crescendo os salários e as premiações pagas pelas conquistas dentro da elite da modalidade. As ações anteriormente mencionadas foram, então, essenciais para o desenvolvimento do futebol em meio às lógicas do consumo e do esporte espetáculo, contribuindo para a construção gradual do cenário que conhecemos na atualidade.

Manifestações do dinheiro no futebol contemporâneo: rumos e reflexões

Vivendo em uma era marcada pela presença de formas culturais pós-modernas, de modos flexíveis de acumulação do capital e da ressignificação do tempo-espço (HARVEY, 2008), o futebol, os esportes e outros tipos de divertimentos aparecem, muitas vezes, como protagonistas dos modos de vida contemporâneos. Ao observar o

⁵⁴ Em 2010, Havelange e seu genro, Ricardo Teixeira, então presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) foram acusados de receber milhões de dólares de propina de uma agência suíça de marketing esportivo, a ISL (International Sport and Leisure), para que a empresa tivesse exclusividade nos contratos com a FIFA. Dois anos depois, a justiça da Suíça afirmou que Havelange Teixeira teriam recebido propinas de cerca de R\$45 milhões pela venda de direitos de mídia de torneios da FIFA (BBC, 2016).

cenário que caracteriza esses fenômenos na atualidade, é difícil não notar suas relações com as dinâmicas de poder, de dinheiro e de integração ao cotidiano das pessoas.

Com o futebol crescentemente visualizado como um negócio, os torcedores têm sido vistos, cada vez mais, como consumidores e fontes de receitas para os clubes, seleções e empresas patrocinadoras. Como consequência, os/as dirigentes têm adotado medidas para fidelizar e extrair os maiores ganhos possíveis a partir da relação com estes sujeitos, o que se dá pela promoção de ações que extrapolam a busca pela obtenção de bons resultados dentro de campo. Nesse contexto, cabe a seguinte pergunta: para onde e de que forma o dinheiro progressivamente investido na modalidade tem sido direcionado?

Para além de ações mercantis consolidadas, como a compra e venda de ingressos, de produtos licenciados e/ou de pacotes de jogos na TV, as agremiações esportivas têm lançado mão de diferentes estratégias comerciais para se relacionarem com suas torcidas. Programas de sócio torcedor (PST's) e *fans tokens*⁵⁵ são, nesse sentido, dois exemplos de práticas que têm ganhado força nos dias atuais.

Entretanto, estão longe de serem as únicas. A convergência entre o futebol e as mídias sociais tem feito com que as estratégias de relacionamento em redes como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *YouTube* e *TikTok* se tornem parte importante do marketing e da gestão de clubes da modalidade.

Em outra direção, ao tratar de instituições que não promovem a prática esportiva, mas buscam cativar esse público, podemos visualizar o crescimento dos sites e aplicativos de apostas que, em diversas partes do mundo, têm entrado forte patrocinando equipes e campeonatos de futebol. Sem aprofundar em questões relativas aos riscos éticos e à lisura do jogo, pode-se dizer que tais empresas têm aportado elevadas quantias em busca de retornos ainda maiores, com a venda ao público da promessa de obter dinheiro fácil e rápido, através de palpites acerca de situações que envolvem as partidas de futebol.

Em outra ponta, há de se falar também dos clube-empresas e das controvérsias que envolvem as compras dessas instituições por pessoas físicas, grupos empresariais privados ou fundos soberanos estatais. Mesmo que tais atores coloquem muito dinheiro nas equipes e consigam sucesso esportivo, há questionamentos diversos às suas atuações, os quais vão desde a perda de identidade dos clubes e elitização, até questões sobre uso político do futebol como estratégia de “soft power” ou suspeitas de lavagem de dinheiro proveniente de atividades ilícitas.

Nota-se, assim, que são variadas as destinações e as formas como o dinheiro se manifesta no futebol atualmente. Aportado, de maneira preferencial, na elite masculina e espetacularizada da modalidade, esse capital traduz e reproduz mecanismos de desigualdades e contradições que imperam, também, em outras esferas da sociedade. Assim, mais do

⁵⁵ *Fans tokens* são criptoativos que conferem, àqueles/as que os adquirem, o direito de participarem de campanhas promovidas por instituições esportivas, que tenham aderido ao programa. Nesse processo, quanto maior o número o número de *tokens* uma pessoa possuir, maior o seu poder de influenciar nas decisões (GLOBOESPORTE.COM, 2021).

que trazer caminhos ou fazer prognósticos, estar atento e procurar conhecer esse cenário é uma forma de compreender nuances relativas ao mundo no qual estamos vivendo.

Referências bibliográficas

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 17 ed. 2008.

PIZARRO, Juliano Oliveira. A globalização e o futebol: o processo de acentuação de desigualdade. [SYN]THESIS, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 39-59, jan./abr. 2021.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. *Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas*, v. 1, n. 1, p. 82-94, jul./dez., 1998.

SIMÕES, Irlan. Clube-empresa: histórico, impactos reais e abordagens alternativas. In: SIMÕES, Irlan (Org.). *Clube Empresa: abordagens críticas globais às sociedades anônimas no futebol*. Editora Corner, Brasil, 2020.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. *A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)*. Orientador: Flávio de Campos. 2019. 379 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

Sobre os autores

Alexandre Francisco Alves

Licenciado e bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa (2000). Possui especialização em Administração em Marketing Esportivo pela Universidade Gama Filho (2010). Mestre em Estudos do Lazer pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (2015). Membro do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas - GEFuT / UFMG. Atualmente é professor da Rede Municipal da Prefeitura Municipal de Betim.

Amarildo da Silva Araujo

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1986), graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (1996), graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001) e mestrado em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014). Atualmente é professor da Prefeitura de Santa Luzia (MG) e professor - SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS.

Anna Gabriela Rodrigues Cardoso

Doutoranda em Tecnologia e Processos Discursivos, na linha de pesquisa Discurso, Mídia e Tecnologia, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET/ MG). Mestra em Estudos de Linguagens pelo CEFET/MG. Graduada em Letras Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Desenvolve pesquisa junto ao Núcleo de Estudos em Análise do Discurso (Nead/UFLA), ao grupo de Estudos sobre Narrativas de Si a partir de Corpora e Suportes Diversos (Narrar-se/CEFET) e ao Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (Gefut). Bacharela em Administração pela Fadminas.

Camila Moreno da Silva

Acadêmica de Letras - Espanhol da Universidade Federal de Santa Catarina. Já participou do projeto PIBID, vinculado ao projeto/subprojeto UFSC - Multidisciplinar (Língua Espanhola, Língua Inglesa, Língua Portuguesa) no período de Setembro de 2018 a Janeiro de 2020. Foi Monitoria na disciplina Compreensão e Produção Oral em Língua Espanhola I no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras no período de 25 de Agosto de 2020 a 18 de Dezembro de 2020 e atualmente é bolsista PIBIC do Projeto Mapeamento Espanhol SC.

Cristiane Nestor de Almeida

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2017). Atualmente é professora para a educação infantil da Prefeitura de Belo Horizonte. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação

Danilo da Silva Ramos

Secretário do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer / PPGIEL da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / EEEFTO da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG desde 2017 e mestrando deste mesmo programa (turma 2020). Concluiu o ensino médio no Colégio Estadual Américo Pimenta (2006). Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Geraldo di Biase - UGB (2011), Membro dos Grupos de Pesquisa: História do Lazer (HISLA), Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade (NEPGRES) e Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT).

Felipe Vinícius de Paula Abrantes

Graduado em Educação Física (licenciatura), pela Universidade Federal de Minas Gerais (2011). Mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (2015). Doutorando em Estudos do Lazer na Universidade Federal de Minas Gerais. Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) e do Grupo Pensando a Educação Física Escolar. Tem interesse e realiza pesquisas na área de estudos do lazer, do futebol, do torcer e da Educação Física escolar, no âmbito das ciências sociais e humanas em todos os campos de interesse citados.

Georgino Jorge de Souza Neto

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa (1996). Atualmente é professor- Universidade Estadual de Montes Claros. É especialista em Psicopedagogia, Mestre e Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem experiência na área de Educação, Educação Física, Lazer e Estudos do Futebol. Membro do Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas/GEFuT-UFMG. Membro do Laboratório de Estudo, Pesquisa e Extensão do Lazer/LUDENS-UNIMONTES. Membro do Observatório do Futebol e do Torcer/UNIMONTES.

João Victor Hortencio Silva

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal Fluminense - PPGTUR / UFF. Graduado em Turismo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) - Instituto Multidisciplinar (IM). Atua como pesquisador em Turismo Rural (UFF/MTUR/MAPA) e Tutor presencial da disciplina Gestão de Empreendimentos Turísticos II no Curso Superior de Tecnologia em Gestão do Turismo do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CECIERJ/CEFET/RJ). Além disso, é integrante do grupo de pesquisa Mobilidades, Lazer e Turismo Social (MobLaTus-FTH-UFF), do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) e do Laboratório de Turismo e Antropologia (LaTA). Durante o mestrado, no ano de 2021, foi Tutor do Curso Superior de Tecnologia em Hotelaria da Faculdade de Turismo e Hotelaria (FTH-UFF) e realizou Estágio Docência no curso de bacharelado em Turismo da Faculdade de Turismo e Hotelaria (UFF). Conta também com experiência profissional como estagiário, entre os anos de 2017 e 2019, no Museu da Vida - Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e voluntário em projetos do Programa de Bolsas Institucionais de Extensão (BIEXT).

Luiza Aguiar dos Anjos

É professora de Educação Física do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), campus Timóteo. É Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É Mestre em Estudos do Lazer (2013) e Especialista em Estudos do Lazer (2011) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Possui graduação em Educação Física, modalidades licenciatura e bacharelado, pela UFMG (2009). Faz parte do Pensado a Educação Física Escolar, do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO), da UFMG, do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO), da Escola de Educação Física, da UFRGS e do Laboratório de Comunicação e História (LaChi), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Gênero e Sexualidades, Futebol e Torcidas, Lazer e Escola.

Luiz Gustavo Nicácio

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007) e mestrado em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010). Atualmente é doutorando em Estudos do Lazer pela UFMG e professor do COLTEC/UFMG. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação Física Escolar, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Física Escolar, Formação

de professores, Práticas Corporais de Aventura, Futebol e Lazer. Integrante do Grupo de estudos sobre futebol e torcidas (GEFuT - UFMG) e do Grupo Caparaó - Grupo de pesquisa sobre natureza (UFMG)

Marina de Mattos Dantas

Psicóloga (CRP 04/28.914). Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP (2017), com período sanduíche na Argentina (Universidad de Buenos Aires). Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2011). Atua como professora substituta no Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Piauí (2021-atual). É professora convidada na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2019-atual), ministrando disciplinas no Instituto de Educação Continuada e na PUC Minas Virtual. Foi professora substituta no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Espírito Santo (2018) e da disciplina "Análise Institucional" na Pós-Graduação Lato Sensu em Psicologia Jurídica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (2019). Foi uma das coordenadoras do curso de pós-graduação lato sensu "Esporte e Sociedade: perspectivas interdisciplinares" (UNESAV - 2018). É pesquisadora no Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG) desde 2009, atualmente vice-líder do grupo, no qual se dedica a estudos sobre o futebol, relações de poder e produção de subjetividades. Participa da produção do Programa Óbvio Ululante na Rádio UFMG Educativa desde 2013. Participa também do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social do Esporte (GEPSE/UFMG) desde 2019, sendo uma das fundadoras do grupo. Entre os anos de 2020 e 2022 integra o "Grupo de Trabajo Deporte, Cultura y Sociedad" do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO). Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Relações Étnico-Raciais: Povos indígenas e População Negra (NEPRRIN) desde 2021. É colunista no portal Ludopédio. Tem interesse nas áreas relacionadas à Psicologia Social e Institucional, Psicologia da Educação, Psicologia do Trabalho e Psicologia do Esporte.

Mateus Alexandre Silva

Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Mestre e Doutorando na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO-UFMG) no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer com o seguinte estudo: AS VIVÊNCIAS DE LAZER DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: o futebol como possibilidade. Membro do Grupo de Pesquisa sobre Futebol e Torcidas (GEFuT).

Mauro Lúcio Maciel Júnior

Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus Avançado Governador Valadares (UFJF-GV). Doutorando em Estudos do Lazer, pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG - (2019 - 2023). Mestre em Estudos do Lazer, pela UFMG - (2019). Graduado em Educação Física, pela UFMG - (2017). Membro do Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (Oricolé), da UFMG; do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), da UFMG; e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciências Aplicadas ao Futebol (GEPCAF), da UFJF/GV.

Priscila Augusta Ferreira Campos

Professora Adjunta na Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP/MG; Doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2016), mestre em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2010) e graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2007). Fez doutorado-sanduíche na Universitat de Barcelona - UB (2015). Tem experiência no ensino superior atuando nos cursos de educação física e pedagogia, ministrando disciplinas referentes ao lazer, estágio curricular obrigatório, orientação de TCC. Pesquisa sobre os seguintes temas: lazer, espaços e equipamentos de lazer, futebol em uma perspectiva sócio-cultural.

Renato Machado Saldanha

Possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa (2005) e mestrado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009). Atualmente é professor da Universidade Federal de Pernambuco em Vitória do Santo Antão (CAV/UFPE), e doutorando em Estudos do Lazer, na Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Educação Física atuando principalmente nos seguintes temas: futebol e sociedade, torcidas, e pedagogia crítica da Educação Física.

Sarah Teixeira Soutto Mayor

Professora adjunta do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora (Campus Governador Valadares). Doutora em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais, com estágio sanduíche na Universidade de Buenos Aires (UBA), pelo PDSE/CAPES. Integra o GEFUT/ UFMG (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas), onde desenvolve pesquisas sobre a história do futebol em

Minas Gerais; o ORICOLÉ/ UFMG (Laboratório de Pesquisa sobre atuação e formação profissional em Lazer); o GEPCAF/UFJF-GV (Grupo de Estudos e Pesquisas em Ciências aplicadas ao Futebol); e o NECOS/UFJF (Núcleo de Estudos Educação Física, Corpo e Sociedade). Tem interesse em pesquisas que abordam os aspectos históricos e sociais da Educação Física, do Esporte e do Lazer e suas interfaces com estudos latino-americanos.

Silvio Ricardo da Silva

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Gama Filho (1984), mestrado em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria (1994) e doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (2001). É professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais, docente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG e coordenador do Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas (GEFuT). Tem experiência de coordenação em projetos de extensão na UFMG como " Colônia de Férias no Campus", " Futebol e Cultura" e o Programa na Rádio UFMG " Óbvio Ululante". Realizou em 2015 seu estágio Pós Doutoral na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Valência, pesquisando sobre o futebol espanhol. É parecerista de periódicos nacionais e internacionais. Tem experiência na área de Educação, com ênfase interdisciplinar, atuando principalmente nos seguintes temas: lazer, futebol, torcedor e Educação Física.

Thiago José Silva Santana

Mestrado em Lazer (2016) e licenciatura em Educação Física (2008), ambos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é professor municipal da Prefeitura de Belo Horizonte na Escola Municipal Maria Silveira. Atua principalmente nos seguintes temas: lazer, políticas públicas, estatuto do torcedor e educação física escolar. Membro do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) e do Coletivo Pensando a Educação Física Escolar.

Verônica Toledo Ferreira de Carvalho

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (2021). Bacharela em Educação Física, pela UFLA (2018). Integrante do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes da Faculdade de Letras (FULIA/UFMG), do Laboratório de Pesquisas em Teoria da História e Interdisciplinaridades (LAPETHI/UFRRJ) e do Grupo de Pesquisa em

História do Lazer (HISLA/UFMG). Seus maiores interesses como pesquisadora são os estudos históricos do lazer, do cinema e do esporte.